

REVISTA

DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL



Comissão de Redação :

ADROALDO MESQUITA DA COSTA

OTHELO ROSA

EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA

EDUARDO DUARTE

PÔRTO ALEGRE
B R A S I L

1 9 3 4

OFICINAS GRÁFICAS DA LIVRARIA DO GLOBO
P Ô R T O A L E G R E

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Sede: PÔRTO ALEGRE



DIRETORIA DO INSTITUTO

Presidente:

Dr. Francisco Rodolfo Simch.

Vice-Presidente:

Dr. Leonardo Macedonia.

Secretário Perpétuo:

Dr. Eduardo Duarte.

Orador:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa

Tesoureiro:

Prof. Afonso Guerreiro Lima.

Bibliotecário:

Prof. Valter Spalding.

COMISSÕES PERMANENTES.

Fundos e Orçamento:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Dr. Leonardo Macedonia.

Cel. A. F. de Souza Doca.

Dr. Alfredo Cl. Pinto.

HISTÓRIA:

Prof. Othelo Rosa.

Dr. Darcy Azambuja.

Prof. Jorge Bahlis.

Aurelio Porto

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL



III TRIMESTRE

ANO XIV

Comissão de Redação:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA

OTHELO ROSA

EMÍLIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA

EDUARDO DUARTE

1934

OFICINAS GRÁFICAS DA LIVRARIA DO GLOBO
BARCELLOS, BERTASO & CIA. — PÔRTO ALEGRE

— FILIAIS: SANTA MARIA E PELOTAS —

PÔRTO ALEGRE

= 1934 =



*D.ª Clarinda Pôrto da Fontoura,
espôsa de Antônio Vicente da Fontoura*

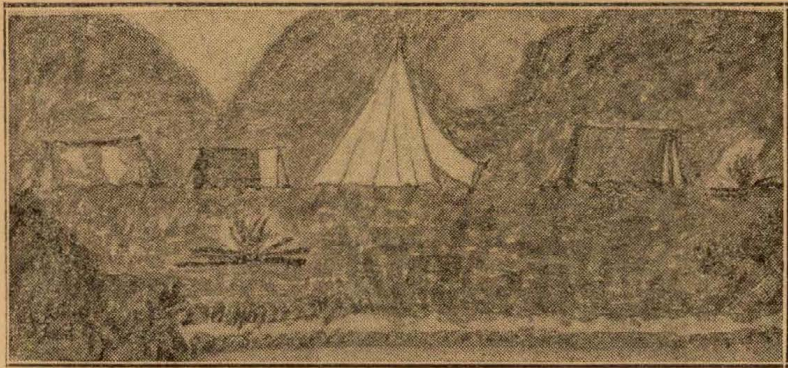
O Diário de Antônio Vicente da Fontoura

Campo em Pamarotim, 1.º de junho de 1844.

(Continuação do numero anterior)

Ontem ao toque de silêncio cheguei ao acampamento e a comissão para que era chamado, foi encarregada a outrem, visto que não cheguei a tempo (segundo dizem). Eu não vinha muito gostoso, porque tendo fechado a minha campa-

Fontoura
chega atra-
zado para
uma comis-
são; eclipse
da lua; pro-
pósito de
atacar Bento
Manuel; Ca-
xias desceja
uma entre-
vista com
Canabarro.



Desenho a que se refere a carta de 21 de maio

inha em 28, com tenção de fazer um quartel de inverno na Música, ao menos de 8 dias, fui chamado a 31, tornando a abrir a campanha nesse dia; e marchando de noite para o acampamento, valeu-me a distração de observar o eclipse da lua, o qual durou justamente até eu chegar no acampamento, e suposto que por essa causa se tornou a noite mais escura, todavia eu vinha consolado com a lembrança de que tu talvez a essa hora estivesses observando o mesmo eclipse, olhando para a mesma lua que eu encarava com o pensamento todo em ti.

Amanhã ou depois nos reunimos com João Antônio e Guedes, e logo marchamos a bater Bento Manuel.



Desenho a que se refere a carta de 25 de maio

O barão de Caxias mandou dizer ao general Canabarro que desejava ter com êle uma entrevista, e êste não devendo na actualidade ir, por não malograr o plano de bater Bento Manuel, mandou a Bento Gonçalves, o qual para alí seguiu ontem duas horas antes de eu chegar ao campo. Breve sabermos do resultado. — Adeus — etc.

Campo na divisa do Dias com Bento Correa, 2 de junho de 1844.

Em marcha recebi hoje uma carta do compadre Frutuoso, escrita de Quaró, de 22 do mês passado. Pouco diz, porém de seu conteúdo desconfio que o nosso compadre Machado não vai bem. Enfim, creio amanhã reunir-me com João Antônio, e breve com o compadre; êle já está bom.

Aquí chegou hoje o general Lopez, de Santa Fé. Veiu de Montevideu pelo Rio Grande e segue para Correntes.

O compadre Delfino ficou na Música e redobram meus cuidados pela sua segurança. — Adeus — etc.

Noticias
sobre os ne-
gocios de
Fontoura; o
general Lo-
pez.

Campo em Itaquatiá, 3 de junho de 1844.

Estamos distante de João Antônio só quatro léguas e julgo que amanhã nos reuniremos. Alí está só o Zeferino; o compadre Frutuoso talvez chegue por estes dois dias. — Adeus — etc.

Junção com
João Antô-
nio.

Campo em Cunha-perú, 4 de junho de 1844.

Inda não fizemos hoje junção; está a uma légua, pouco mais, João Antônio.

Marchamos desde que rompeu o dia até às duas da tarde, e eu estava já acampado, quando chegou o nosso parente Portinho (que também tem parentes e conhecidos por toda a parte) trazendo uma galinha e um molhinho de fôlhas de cebola. Mandeí logo assar a galinha, porque a panela que temos, eu havia mandado pôr ao fogo com feijão, aborrido já da carne. Como estamos a meia légua de Santana, mandeí, pela primeira vez na campanha, comprar uma garrafa de vinho; e como me parecia isto uma excelente ceia, estava

Ainda não
se efectuou a
junção com
João Antô-
nio; um jan-
tar; Fontou-
ra deve ir à
Livramento,
em serviço;
cruéis incer-
tezas.

eu que nem o nosso compadre Delfino, quando tem dinheiro, ansiado por gastá-lo, e eu por alguns companheiros que me fizessem à ceia companhia. Sem passarem muitos minutos, vi-me com dois companheiros, que com o parente eramos quatro. Pouco há que nos levantamos da mesa. Eu vim logo escrever, e os mais foram aos seus aposentos.

Amanhã, querendo Deus, hei de ir até Santana a serviço e dalí para o acampamento.

Não deixo de perguntar notícias do Carvalho e Portinho, à espera do Gabriel, por quem ansioso espero certas e circunstanciadas notícias tuas. Quando custa-me a vida na cruel incerteza da tua boa ou má saúde! E se passam assim meses e meses! Não sei, porém às vezes creio que tudo se tem conjurado para amofinar-me. Si a minha razão fôsse um pouco mais fraca, si não fôra o poderoso auxílio da leitura, como podera eu ter resistido a tão duras alternativas por que já me tem feito passar a sorte? Tudo tem fim, tudo. — Adeus — etc.

Campo na Caneleira, 5 de junho de 1844.

Finalmente hoje vi o João Antônio, porém dos amigos e conhecidos da Cachoeira só vi o Rodrigues, porque João Antônio veio encontrar-nos, e a demais fôrça está a meia légua daqui. O Zeferino está na frente com o Guedes.

Mil abraços aos nossos filhinhos e adeus, etc.

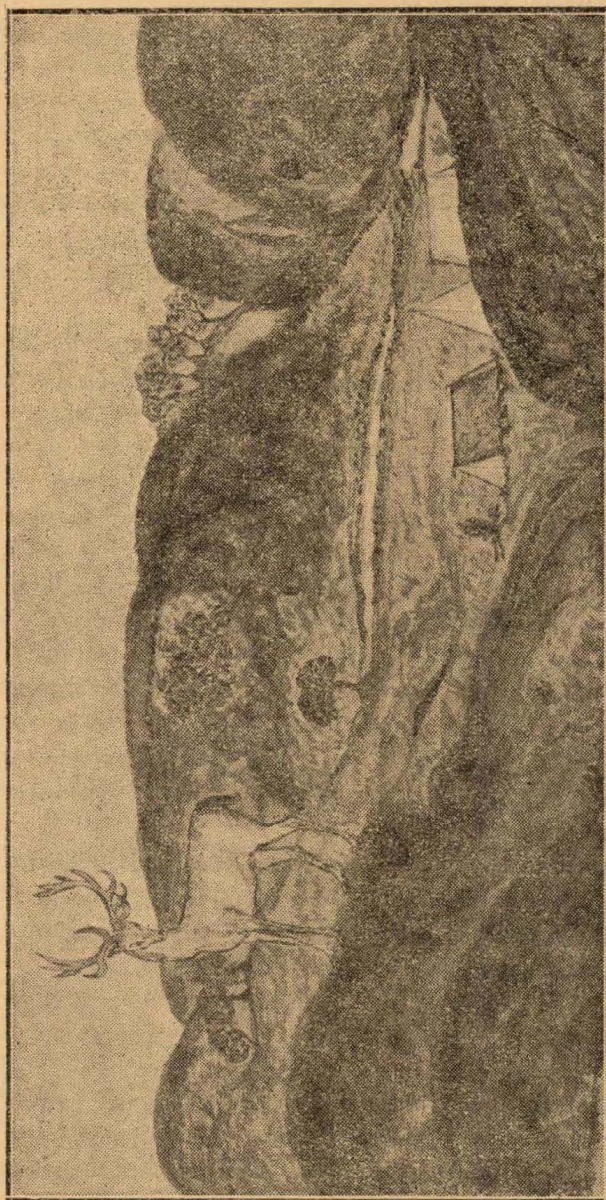
Campo no Sarandí do Ribeiro, 6 de junho de 1844.

Pelas 10 ou 11 horas da manhã, fizemos junção em marcha com a fôrça de João Antônio; toda ela está regularmente vestida e os soldados alegres e nédios; só o general é que está magro e com a sua vestiasinha rota! Assim pois costuma trajar a virtude, (*) enquanto que o crime veste as galas que só a ela pertencer deviam! Mas não seria êste mundo vil, si assim não fôra.

(*) Não quero dizer que é virtuoso... Tenho sido, muito enganado dos homens. (Nota do manuscrito).

Finalmente
a junção com
João Antô-
nio.

Bons dispo-
sições da
tropa de
João Antô-
nio; desilu-
sões; uma
descrição do
campo; ho-
moração de
Fontoura;
desígnios de
bater Bento
Manuel.



Bem longe estava eu hoje de desenhar-te os cerros dêste meu acampamento, pelas variadas emoções que rápidas se apraziam de conservar-me a alma em um êxtase de insensibilidade, que mal via eu o que se passava em redor, tendo, como digo, arreouado o entendimento pelos objetos que em princípio descrevi, por aqueles que sôfregos cruzavam a imaginação, por uma carta que recebí do compadre Felisberto, e pela quasi certeza que tive em conversas da heróica resolução em que está nosso compadre Frutuoso e que na seguinte carta direi.

Bem longe estava eu pois de lembrar-me do lapis para traçar algum risco, quando casualmente olhando para os cerros, vejo sôbre um dêles o mais engraçado veadoinho encarado fixamente para mim... Parecia que me queria advertir que não era só eu que sofria com a revolução; pois que, se ela não fôra, temeroso com o ruído das armas que se fazia ouvir no acampamento e pelo ladrar de alguns cães que de ordinário acompanham a fôrça, êle não teria de correr de cêrro em cêrro, para escapar à ferocidade dos homens e dos cães, deixando a escassa verde relva, que o rigor da estação permite apenas nalgum vale, que pelas colinas e por algum desfolhado arbustozinho está ao abrigo do gêlo. Coitado! Onde irá êle esta noite pousar? Nos escavados cerros encontrará acaso uma macega que lhe supra aquela que nós outros lhe fizemos abandonar?

A barraquinha pequena, encarnada e branca, já não apparece neste campo porque se rompeu; mas, em lugar dela, está uma grande e rota, que era do compadre Felisberto e que agora abriga os mesmos inquelinos, e nos serve de cozinha quando há chuva, como nestes quatro dias, em que sempre têm chovido.

Continuamos nossa marcha com o desígnio de bater a Bento Manuel, que se conserva por Pai-passo, tendo mandado o Fernandes, ⁽³⁶⁾ major do corpo de Missões, para as vizinhanças de S. Gabriel; com o que bastante cuidado tenho

(36) Antônio Fernandes de Lima.

tido e continuo a ter dos compadres Portinho e Carvalho e do Gabriel e mais força que por aí se acha, pois sem dúvida é dirigida a êsse fim tal expedição.

Não sei si conseguiremos bater Bento Manuel, pois é impossível que êle se não aperceba da nossa marcha, e também o estado da nossa cavallhada é péssimo. — Adeus — etc.

Campo no rincão da Churrasca, 7 de junho de 1844.

A carta que ontem recebi do compadre Felisberto é dando-me parte da infausta morte de sua mãe; e apesar que eu já há muito tempo sabia, ao ler suas sentidas expressões, renovou-se o meu pezar pela perda, irreparável perda que acaba de ter o meu amigo.

Notícia triste; Fontoura desiludido da revolução e também outros.

O resto de sua carta dá um vislumbre de seus justos desgostos pelas atuais e precedentes ocorrências políticas, e eu lhe farei sempre justiça, sempre! Não pode uma alma bem formada continuar na senda que, suposto outrora afiançava ser da honra e da virtude e da liberdade, hoje já não é mais que a da infâmia, do crime e da escravidão. Maldição, eterna maldição à impura *mashorca* e aos seus tenebrosos manejos que tanto hão aviltado os rio-grandenses! Do que sube ontem do compadre Frutuoso é mais que crível e até mui fácil de conceber que, por causa dêsses mesmos desgostos e pela oposta vereda por que meia dúzia de malvados *mashorqueiros* nos pretendem conduzir; êle não pretende mais derramar seu sangue. Oh! altamente aprovo a deliberação de ambos e, bem conhecedor de seu gênio ardente, inda mais louvo sua prudência, por darem êsse passo prematuramente, pois que prudência suma é necessária para a sangue frio sofrer coisas tão avessas à razão, à virtude e à liberdade, nomes sagrados e a todo instante aquí profanados.

Eu porém mais velho, sou também mais prudente e inda compelido por outras circunstâncias tenho que esperar alguns dias mais, e o momento não estará mui longe. Ah! que chegue, e então eu hei de ver-te, minha Clarinda! — Adeus — etc.

Campo no capão do Guabijú, 8 de junho de 1844.

Acampamos hoje muito antes da hora do costume, porque à tarde ou à noite temos de marchar para esta madrugada atacar-se a Bento Manuel.

Agora acaba de chegar Bento Gonçalves, de volta da sua conferência com Caxias. Inda não sei o que há resultado, porém deixo de concluir esta carta até informar-me para dizer-te...

10 de junho de 1844.

Estamos a 10 de junho, de sestiada no Quaraím-mirim, e hoje é que posso acabar a presente carta, em razão de o não poder fazer ontem, pelos motivos que na minha carta de amanhã darei, pois que também hoje temos que marchar cedo e não posso demorar-me a escrever.

A missão de que fôra incumbido Bento Gonçalves ao Caxias, deu em nada, na forma do costume.

Esperemos agora a volta do Dr. Joaquim Vieira da Cunha que foi ao Rio, não com uma deputação ao governo, como por engano disse eu na minha carta de 28 de abril, mas sim com cartas de Canabarro e Lucas para diversos deputados e uma exposição verdadeira de todos os sucessos da campanha do barão, afim-de que se interessem na Assembléia geral pela sorte dêste país e concitem o governo brasileiro a mandar comissionados plenamente autorizados para tratarem de uma via de pacificação, que seja digna de nós e do Brasil.

Amanhã te contarei os acontecimentos do dia 9. — Adeus — etc.

Campo na fazenda do Braga, 11 de junho de 1844.

Será que tenha eu cometido algum grande pecado nos dias 8 e 9 de algum mês de junho dos anos passados? Às vezes, com um supersticioso motejo, entro a inquerir minha consciência, porém de nada me lembro.

Mas o caso é que tais dias e noites contarei de ora em

Ainda o designio de atacar Bento Manuel; conferência de Bento Gonçalves com Caxias; os resultados negativos da conferência; anseios de pacificação.

Condução de feridos; revez infligido aos imperiais; marcha forçada; apreensão de carretas; Bento Manuel evita o encontro.

diante como aziagos, porque o ano passado, no mesmo dia fomos surpreendidos em Santa Maria-chica pelo Moringue de que resultou o ferimento de nossos irmãos Juca e Gabriel, com os quais passei uma cruelíssima noite conduzindo-os para Bagé, e a mais oito feridos, cujos não interrompidos gemidos e a marcha fúnebre que íamos fazendo nas sombras da noite, tanto me havia distraído e penalizado que, chegando-me ao Modesto para dizer-lhe que suspendesse a rédea, porque tínhamos de encurtar mais a rêde que êle conduzia, êle me tornou que não podia quasi fazê-lo, porque estava com as mãos duras de frio, resposta que a princípio muito me encolerizou, porque eu havia coberto um ferido com o meu poncho, e só com o palinha nem de frio me lembrava; mas que, depois que chegamos a casa e um pouco mais sosseguei, tive razões de fazer-lhe justiça. No dia seguinte, só às 4 da tarde sosseguei, porque, suposto que não chegássemos a Bagé nesse dia, eu havia prevenido, mandando vir o cirurgião encontrar-nos, e depois que êste curou nossos manos e me assegurou que não tinham perigo, é que descansei. (*)

Ora isto foi o ano passado e suposto que êste ano, nos mesmos dias, não nos acontecesse o mesmo, e antes pelo contrário sofreu o inimigo um revez, sem que um só homem nosso fôsse sequer lastimado; todavia passei a sofrer outros incômodos que principiaram e acabaram às mesmas horas do ano passado, e são os seguintes:

Principiamos a marcha às 2 ou 3 da tarde do dia 8, com o fim de supreender a Bento Manuel, e seguimos toda a noite no decurso da qual tendo molhado os pés, sofria já grandes dores de cabeça; ao amanhecer parámos um pouco para mudar cavalos, depois do que seguimos a marcha até o campo do tenente Felisberto, enfrente ao Juca da Luz, e alí esperávamos o Bento Manuel, que segundo a opinião do Guedes deveria essa

(*) Refere-se Fontoura ao combate da "cêrca de pedras", junto ao arroio Santa-Maria-Chica, no dia 8 de junho de 1843, em que Chico Pedro atacado pelas fôrças de João Antônio, Portinho e Carvalhinho, entrincheirou-se nessa cêrca de pedras onde resistiu ao ataque. Entre os feridos figuravam o general Portinho, além de outros oficiais farrapos, e Chico Pedro. De parte a parte foi regular o número de mortos e feridos.

noite levantar o campo de Pai-passo; e por isso que o general, em vez de marchar direito ao campo inimigo para surpreendê-lo de madrugada, veio fazendo uma marcha forçadíssima de 8 a 9 léguas, sair-lhe na estrada; porém Bento Manuel não levantou o campo e já estava inutilizado quasi este plano, quando a casualidade deu que apparecessem seis carretas que iam de Alegrete com víveres e munições para Bento Manuel, custodiadas por 40 homens, as quais foram logo tomadas por nossa fôrça, fazendo-se treze prisioneiros e quatro mortos, e tendo disto parte Bento Manuel, que estava pouco menos de légua distante de nós e não sabendo da junção que tínhamos feito com João Antônio e Guedes, veio pensando que era só gente do Guedes para retomar as carretas.

De toda a parte se ouviram então gritos de alegria de nossos soldados porque esperavam uma completa vitória.

Mas havendo êle (por um descuido) descoberto toda a nossa fôrça, fugiu precipitadamente, procurando as escabrosas margens do Pai-passo, sem que o pudessemos alcançar; e neste empenho levou-se até às 4 da tarde do tal dia 9, que poderia ser o da conclusão da guerra. — Adeus — etc.

Campo junto à estância de Manuel Lourenço, 12 de junho de 1844.

Bem é que volte inda a contar alguns pormenores do dia 9, que por falta de papel deixei de referir na carta de ontem.

O general Canabarro tinha a gente encoberta na encosta de duas colinas, mandando sair só a gente do Guedes para a tomada das carretas, com o que logrou persuadir a Bento Manuel que só havia no campo a fôrça de João Antônio e Guedes, pelo que, como já disse, mui ufano se pôs em marcha com toda a sua fôrça que constava de 700 infantes e 400 cavaleiros, para retomar as carretas. Já estava a dez quadras distante de nós quando o maldito azar Bambaqueré e o danado Teixeira disseram ao Canabarro que era já tempo de dispor as fôrças para o combate, colocando-as no campo escolhido. O Canabarro que ora tem seus períodos de **maricas**, prestou atenção a estes loucos e fazendo desenvolver as colunas, logo foram por Ben-

O frustrado encontro com Bento Manuel; detalhes; Bento Gonçalves acusado do malogro do ataque.

to Manuel descobertas, como também o canhão que trazíamos, pelo que fez logo alto e em seguida contra-marchou.

Inda nos restava uma esperança de triunfo, que era acossá-los no ato, fazendo não só marchar a meia rédea as colunas da cavalaria, como mesmo a canhonaços perseguí-los em retirada. Porém inda uma vez o malvado Bambá nos roubou esta ocasião, dizendo ao Canabarro: — “General, o inimigo não se retira; êle vem procurar novo campo de batalha ao nosso flanco esquerdo” — o que deu lugar a que, por espaço de um quarto de hora, se conservassem nossas fôrças paradas no campo, dando assim tempo a que se retirasse o inimigo, evitando uma derrota que estava infalível, pois que nossa fôrça se compunha de mil e tantos homens de cavalaria, 200 infantes e uma bôca de fogo, animados todos de um entusiasmo inda não visto.

Agora teremos de passar um mau inverno e quem sabe!

Chegámos hoje ao campo muito molhado pela grande chuva e a-pesar-de estar muito frio continua inda a chover. Estou esperando o compadre Frutuoso, a quem antes de ontem mandei um próprio. — Adeus — etc.

Campo junto à estância de Manuel Lourenço, 13 de junho de 1844.

Parece-me que ainda não te disse que, a 8 à noite, juntei-me com o Zeferino; está bom e com aquele seu gênio sempre jovial; porém ainda desleixado como era, porque nem cavalo tinha para o dia que se destinava ao ataque, pelo que tive de dar-lhe um dos meus.

Frio e nu-
des da tropa;
morte de um
fuzileiro.

Ora pois, com o excessivo frio de ontem e chuva, morreu-nos um soldado fuzileiro de frio e mais quatro foram para o hospital enregelados de frio! No entanto, sobram aos perversos capas e ponchos, enquanto o trabalhado soldado está quasi nu! Insanos! — Adeus — etc.

Campo na divisa do Mingote, 14 de junho de 1844.

Esqueceu-me dizer-te que, tomando-se ao inimigo no dia 9, uns doze meninos que recrutaram nas lojas e escolas de

O inimigo
recruta cri-
anças nas lo-
jas e escolas
de Alegrete.

Alegrete para o exército imperial, bem como um filho do Mesias, foi também dêste número o Juca, filho mais moço do amigo Izidoro, o qual logo o tirei para minha companhia, até que o pai determine dêle, ou vá de caixeiro para Pelotas, visto que era caixeiro no Alegrete e para alí não pode voltar, para não tornar a ser recrutado. O outro filho do Izidoro, de nome Manuel, também já está conosco. — Adeus — etc.

Campo do Sarandí, junto ao Juca Ruivo, 15 de junho de 1844.

Fontoura
pretende vi-
sitar um
amigo.

Suponho que amanhã estarei junto com o compadre Frutuoso, segundo a carta que hoje recebi dêle, escrita ainda de Quaró. Estou a légua e meia do lugar em que mora o amigo João Ferreira, e amanhã, si tiver tempo, hei de ir visitá-lo e agradecer-lhe também o não se esquecer de nós, porque, não sabendo que já te havias retirado do Alegrete, aprontou uma carreta com milho para mandar-te.

Estou com muito frio e muito mais por ser noite; pois, como são mui pequenos os dias, rara vez tenho tempo para escrever. — Adeus — etc.

Campo no Sarandí do Gaspar Simões, 16 de junho de 1844.

Delicadeza
de Fontoura
para com a
espôsa.

E' noite, estou com os dedos duros de frio; não posso fazer mais que duas regrinhas, por sinal de que todo o meu pensamento está em ti. — Adeus — etc.

Campo no Sarandí do Gaspar Simões, 17 de junho de 1844.

Noticias
dos interê-
ses de Fon-
toura: Ca-
xias em Li-
vramento;
Bento Ma-
nuel em
Inhanduí.

Como está gordo o compadre Frutuoso e mais barbado! Hoje aquí chegou e muito temos conversado e combinado nossa ida a êsse lugar, que será logo que volte o Gabriel.

Nossos interêsses do Estado Oriental vão indo por ora bem e o mesmo o compadre Machado.

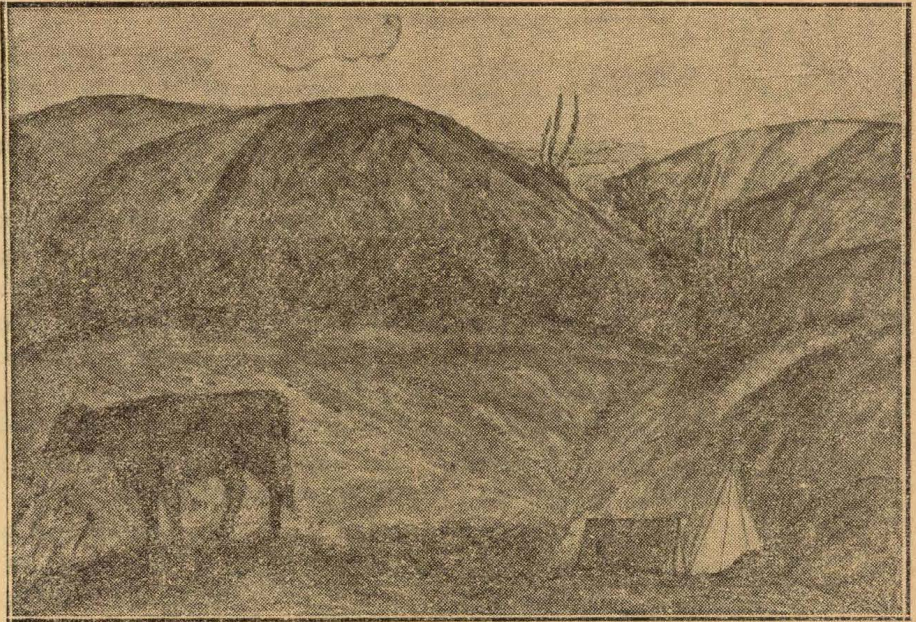
O barão de Caxias com sua fôrça está por Santana do Livramento e Bento Manuel pelas pontas de Inhanduí.

Hoje mandei o João Portinho (*) em diligência para Caverá e S. Gabriel e lhe pedi que desse por aí uma chegada para dar-te notícias certas minhas. Mas, porque talvez êle não o faça, deixei de escrever-te ou mandar-te as cartas que tenho por êle. — Adeus — etc.

**Campo nas confluências do Quaraí, na estância do Patrício,
19 de junho de 1844.**

Ontem não te escreví, porque, acampando no Mata-ôlho, pontas do Sarandí, mal houve lenha para a comida, e por

Descrição
do campo.



isso tive muito frio. Hoje porém que temos muita lenha, vou em compensação desenhar o meu campo, que, suposto seja nas fragosas margens do Quaraí, todavia é bastante cômodo para estação, e tem muito boa e gorda carne, pelo que irá também na estampa um novilho dos que costumam andar al-taneiros por semelhantes grotas.

(*) João Pôrto.

Parece incrível que, sendo o Quarai desde sua confluência (*) até sua embocadura quasi uma pedreira, em suas margens sejam os campos excelentes para criação.

Eu quis tirar a planta inteira que comprehendesse todo o acampamento, porém, o sol que ia desaparecendo atrás das serras, e o ventozinho da tarde que se tornava de momento a momento mais frio, me fizeram abandonar a empresa. E também, para encher a estampa de magros cavalos, rotos farrapos e remendadas barracas, seria por certo acostumar os pincéis a uns traços bem monótonos.

Assim vai só o pequeno terreno que ocupo e o que é meu, porque de certo isto te interessa mais.

Campo no passo do Artigas, em Quarai, 21 de junho de 1844.

Ontem não te escrevi, porque estive com a minha dor de cabeça, porém hoje estou bem.

Dor de cabeça de Fontoura; muita geada; Caxias por Livramento e B. Manuel pelo Braga.

Tem geado muito, porém não temos tido chuva: as nossas marchas de madrugada e as muitas neblinas que a dias havia, me traziam sempre inquieto, com o receio de que o Jacinto, por algum descuido, perdesse os meus pessuêlos, e como de tudo quanto nêles tenho, eu só sentiria perder estes caderinhos de cartas, resolvi tirá-los e trazê-los envolvidos em um lenço, por baixo do colete. Às horas de descanso, desato o lenço, leio e escrevo; e com isso procuro um alívio à saudade e não me importo com a sorte dos pessuêlos.

Aquí estou com o compadre Frutuoso, e esperamos o desenlace desta marcha, pois por ora temos o Caxias por Santana do Livramento e Bento Manuel pelo Braga ou Manuel Lourenço.

Não temos notícia do Portinho e Carvalho, e eu sou quem mais dêles desejo saber... Como não perguntarei ao Gabriel pelo meu Bentinho! — Adeus — etc.

(*) Deve ser nascente, ou pontas, pois o Quarai nascendo na coxilha de Santana, lança-se no Uruguai, junto ao povoado da Barra do Quarai, só recebe a água de arroios como o Invernada, o Três Cruzes e o Quaró, além de outros menores.

Campo na divisa da estância da Sepultura, com o rincão de Artigas, no Estado Oriental, 22 de junho de 1844.

Passamos hoje a êste país, para melhor ocultar nossa marcha ao inimigo e mui pronto repassaremos o Quaraí.

Ontem desprende o general uma partida Quaraí abaixo, para reunir cavalladas; foram cem homens ao mando do Teixeira, por não estar inda restabelecido o compadre Frutuoso.

A pouco tocaram as 8 horas, e não há dez minutos que deixei o meu foguinho para vir escrever, e ao entrar na barraca já a encontrei branca, tanto é o gêlo! Eu bem quero escrever-te cartas maiores, porém é tanto o frio! — Adeus —etc.

A tropa
passa a fronteira.

Campo na divisa de Antônio Gonçalves com a estância da Sepultura, no Estado Oriental, 23 de junho de 1844.

Aquí andamos de grotta em grotta, creio que não só por melhor encobrir nossas marchas ao inimigo, como por mais comodidade aos pobres soldados, a quem na estação, visto que se lhes falta com a roupa, é mister ao menos não os privar da lenha, afim de se aquecerem no fogo, único refrigerio que podem ter nesta aspérrima vida.

O fogo, único refrigerio do inverno; uma única boca de fogo resta de tantas.

Saímos cedo do campo em que pernoitamos; porém a única boca de fogo que nos resta, de trinta e tantas que já possuímos, e que a incapacidade do Bambá deitou fora, fez demorar a marcha por causa dos maus caminhos. — Adeus — etc.

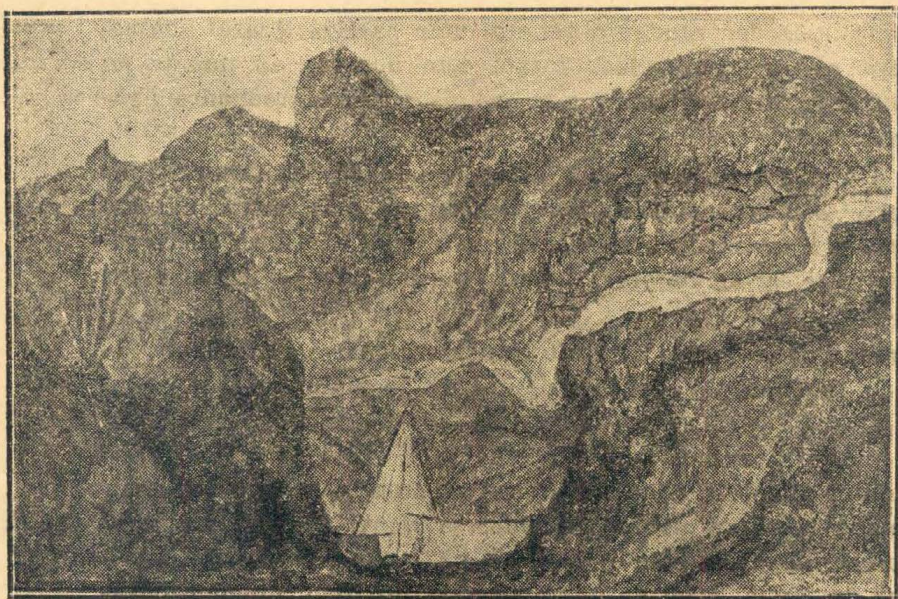
Campo na estância de Antônio Gonçalves, no Estado Oriental tal, 24 de junho de 1844.

Não posso resistir ao desejo de riscar o meu campo de hoje, porque é verdadeiramente pitoresco, bem como o foram os de antes de ontem e ontem, e que por causa do frio não risquei.

Descrição
do campo.

Não sei que tenho com estes lugares escabrosos e tris-

tes, ou antes com tudo que é melancólico, porque, sem saber como, tributo uma espécie de reverência. E como não há de ser assim, si, contigo sempre na idéia, me parece ver-te sempre triste. Ah! e porque, Clarinda, não te hás de deixar de



tanta melancolia! Não vês que assim também fazes que ande sempre triste? Não te amofines com o atual estado de nossa sorte; eu já te disse que em nada mais cuido hoje que em ti e nos nossos filhos; bem breve o verás. — Adeus — etc.

**Campo na estância de Antônio Gonçalves, no Estado Oriental
25 de junho de 1844.**

Mais um
que tenciona
deixar a pá-
tria.

Mui curta será esta carta porque acaba de chegar o amigo João Ferreira, com quem muito tenho que conversar e é preciso aproveitar a noite, porque amanhã volta para a sua grota do Quaraí. Ele também tenciona deixar o país por algum tempo, e ir juntar-se nos domínios do Paraguai com o Candido Ferreira, que já alí está. — Adeus — etc.

Campo em Catalã, no Estado Oriental, 26 de junho de 1844.

Aquí paramos hoje para sestar e devemos à tarde ou à noite levantar o campo porque Bento Manuel está pelo passo do Ricardinho em Quaraí e desprende como 200 homens, que se julga sobre o Teixeira; e por isso que sobre êles vai marchar já o Guedes. — Adeus — etc.

Notícias
de Bento Ma-
nuel.

Campo nas Talas, no Estado Oriental, 27 de junho de 1844.

Ontem, ao cerrar da noite, levantou-se o campo e vimos pernoitar em Catalã-chico; e hoje, ao chegarmos neste ponto, marchou o general João Antônio com mais 200 homens a reunir-se com Guedes, porque o inimigo que se julgava sair em perseguição do Teixeira, leva 400 homens e não 200 como se supunha. O compadre Frutuoso também foi por convite de João Antônio; e eu muito desejo ver o desfecho desta marcha, na esperança de tornarmos logo à nossa pátria, pois bastante cuidado me tem dado a falta de notícias do Carvalho e Portinho, e a demora de saber notícias tuas. Nunca, nunca lembrei-me tanto do Gabriel! Que belo dia tem feito hoje! Um sol bem semelhante ao de agosto parece animar-nos, lembrando-nos que já não está mui longe a primavera. — Adeus — etc.

João Antô-
nio marcha a
reunir-se a
Guedes; fal-
ta de notí-
cias de Car-
valho e Por-
tinho.

Campo junto ao arroio Talas, no Estado Oriental, 28 de junho de 1844.

Quando as hordas selvagens habitavam estas campinas, quando os caciques dos Charruas e Minuanos dominavam seus tóldos, não era por certo tão ermo o país. Estância abandonadas, currais, mangueiras e casas ameaçando ruína, e até os rebanhos já dispersos e entregues à ferocidade dos cães chimarrões (*): bem como os míseros e infelizes orientais es-

. Iniquidades
da guerra;
colorados e
biancos; a
escolha da
forma de go-
vêrno não
vale o sacrí-
ficio de uma
só vida.

(*) Chimarrão, (adjetivo) animal não domado ainda, mas especialmente serve esta palavra para designar cães bravios = cão chimarrão = que andam pelos campos, como lobos famintos, cevando-se na carne do gado que encontra no seu caminho, pelos matos e grotas onde reside. Estes cães são, geralmente, crias de fazendas abandonadas, que, sem um senhor que os trate, tornam-se selvagens. Não raro atacam os próprios homens.

tão jogando seu sangue a querer dos caudilhos, que disputam o mando supremo de uma pátria, que nas vindouras épocas se envergonhará de tais monstros haver nutrido.

Liberdade! nome vão! Quantas vítimas, e quanto sangue enegrece teus altares! Mentira sacrílega? Quando e onde haveis passado além das teorias? Ou será que a raça humana, prostituída, não seja digna de gozar êsses bens que com tanto afã nos pintam? Mas no século das luzes . . . Porém que? Onde corre fascinada minha ardente imaginação? — Século das iniquidades!

Colorados e blanquillos, dão-se aquí mùtuamente o nome de selvagens. Estupenda cegueira! Porque não fazem êles um exame dos seus feitos, porque não recordam suas atrocidades e não se reconhecem, já e já, muito mais desgraçados e embrutecidos do que o mais vil Charrúa, o mais abjeto Mi-nuano?

Mas nós nada podemos dizer-lhes. Nove anos têm corrido na luta sangrenta, sem que mais sisudos tenhamos reconhecido que a escolha da forma de govêrno não vale o sacrificio de uma só vida, quanto mais que a mestra experiência nos há mostrado, desde os primeiros dias da república, que um govêrno inda mais iníquo que o do Rio de Janeiro foi o prêmio de tão desinteressados e árduos sacrificios.

Sim, minha Clarinda; não pudera eu, na melhor universidade de París aprender com tanto tino a conhecer o coração humano, como entre tanta espécie de malvados e em uma estirada crise de violências. Hoje soffro menos que outro qualquer que, dedicado à felicidade pátria, se despojou de seu bem estar, porque, conhecendo mais o mundo, não serei por suas apparentes delícias fascinado. Ah! que veja chegar o dia de reunir-me a ti e aos filhinhos! — Adeus — etc.

Meia hora há que concluí a carta precedente. Estava lendo na minha barraca, quando fui gratamente distraído pelos maviosos gemidos das inocentes rolas, e desentoadado, mas meigo canto do sabiá-una. Radioso então se ostentava

o sol no ocidente, dourando com seus derradeiros raios as pequenas nuvenzinhas que a furto vinham aplaudir esta bela tarde de primavera.

Hora amável, ah! quão ao vivo me pintais aquelas deliciosas tardes que em Santa Maria, junto da minha Clarinda, ouvia também gemer as rolas! Pássaros inocentes! Pois que vos é dado agravar a minha dor! E tu, junho! Tu, a quem o fado impôs o jus de atormentar-me, mudas assim teus nublados e feios dias, em dias de primavera.

Longe de tudo quanto amo, de que me serve ver luminoso o sol, sereno o céu e plácida a lua? Ah! a felicidade de que gozam êsses alados habitantes das selvas, não é mais um incentivo à saudade? Oh! junho, mês cruel, faz volver teus dias taciturnos, da côr das minhas máguas! Que não se vissem jamais das galas de agôsto... Secos os campos, desfolhadas as árvores, turvas as correntes e mudos os passarinhos, sejam em tudo sócios meus!

Desapareceu o sol, minha Clarinda, e deixo também a colina onde, sem saber como, escreví estas linhas. — Adeus.

Campo nas confluências do Talas, no campo do Serafim, no Estado Oriental, 29 de junho de 1844.

Já que acampeei hoje junto de uma estância abandonada, quero com os pincéis mostrar o que na carta de ontem disse com a pena.

Todos os indícios são de uma grande estância... Porém hoje só resta uma casa despojada das paredes, um curral, uma mangueira de pedra arruinada, um forno e uma ovelhinha, que medrosa estava a pouco bebendo água. Revoluções, malditas revoluções que tudo abateis!

Inda nada sabemos hoje da expedição que foi com o fim de bater o major Fernandes, mas amanhã talvez tenhamos notícias.

O dia de hoje inda foi mais quente e sem dúvida são anúncios de muita chuva. — Adeus — etc.

Habitagão
em abandono;
falta de
notícias de
uma expedição.



**Campo nas confluências do Talas, na estância do Serafim,
no Estado Oriental, 30 de junho de 1844.**

Despedida
do mês de
junho.

Ora despediu-se o mês do meu natalício, com um belo dia de verão; de verão, sim, pois de meio dia para tarde, estive em mangas de camisa; mas quem sabe quanta chuva nos espera.

Está se concluindo êste caderno; estou sem papel e sem esperanças de comprá-lo neste deserto. Si não voltarmos breve à nossa pátria, tenho de valer-me de alguma invenção para não deixar de escrever-te. — Adeus — etc.

**Campo na confluência do Catalã-chico, no Estado Oriental,
1.º de julho de 1844.**

Nem mais de duas linhas posso escrever-te, porque estive todo o dia lendo e estou cansado. — Adeus — etc.

**Campo nas confluências do Catalã-chico, no Estado Oriental,
2 de julho de 1844.**

Ora a falta de erva mate, de açúcar e farinha, que atualmente sofremos, por não haver onde se compre neste deserto país, é para mim nada em comparação do que sofre o meu ruaninho, por se ter acabado o milho. Dá lástima ver o pobre animalsinho, de madrugada e ao pôr do sol, procurando-me, já na barraca e já no fogão, e ao ver-me, relinchar, abaixar as orelhas, como que me lembrando a costumada ração. E quem sabe si inda por estes oito dias, êle não a poderá ter.

Ontem e hoje tem soprado um quentíssimo vento norte e não estará mui longe o pagarmos os bons dias que temos tido. — Adeus — etc.

**Campo nas confluências do Catalã-chico, no Estado Oriental,
3 de julho de 1844.**

Hoje se reuniram João Antônio, Teixeira e Guedes, e nada conseguiram sobre o major Fernandes, que passou o Quaraí no passo do Juquirí. O compadre Frutuoso ficou na nossa invernada, a 4 léguas daqui, devendo amanhã reunir-se.

Suponho que nossa demora por esta parte será unicamente enquanto fazem junção as muitas partidas que andam fora, tirando cavalos e potros.

Hoje não mudamos de campo, por causa da chuva, pois agora os farrapos que em 1838 ameaçavam o desmembramento do império ou a mudança geral de sua forma de govêrno, estão reduzidos a contentarem-se com o acampamento em alguma grota que tenha bastante lenha para estarem ao abrigo dos ventos e com o calor do fogo suprirem a roupa que lhes falta. Malditos sejam o Bambá, Almeida e Mattos, que a tal estado nos reduziram! — Adeus — etc.

**Campo no Catalã-chico, passo do Moreira, no Estado Oriental,
4 de julho de 1844.**

Que lástima, minha Clarinda, tive hoje do pobre Macedo! Casualmente, à tarde, quando passeava a pé, vendo alguns

Falta de erva mate, açúcar, farinha e milho.

A expedição de João Antônio, Teixeira e Guedes nada conseguiu; junção de forças; Malditos sejam Bento Gonçalves, Almeida e Mattos!

Notícias do falecimento da esposa de um farrapo; Modesto Franco preso por Bento Manuel.

conhecidos, toquei na sua barraca; êle estava jogando por divertir, quando se lhe veiu entregar uma carta . . . O fecho era de obreia negra, e o infeliz não sei que sinistro pressentimento o assustou que, atirando as cartas de jogar, abre com velocidade a que acabava de receber . . . Era do Pedroso, dando-lhe a infausta notícia da morte da mulher.

Que golpe que recebeu êste pobre homem, e tão repentino! Eu bem sei que nem todos sabem ser bons maridos, porém a Matilde ainda era moça e, parecendo sadia, êle não cessa de acusar o maldito Alegrete, cuja insalubridade de ar, foi seguramente a causa da orfandade de seus filhos.

O Modesto Franco (*) foi preso pelo Bento Manuel e dizem que se conserva na cadeia de Alegrete.

Em poucos dias suponho estar pela Música, e verei o Gabriel que alí já deve estar. — Adeus — etc.

Campo em Catalã-chico, 5 de julho de 1844.

Uma légua foi nossa marcha de hoje e a-pesar-de serem quatro horas da tarde, inda dura a neblina, ou uma espécie de cerração tão densa que às vezes parece chuva!

O compadre Frutuoso chegou ontem à noite e sempre nos trouxe erva para o mate.

Tem feito já algum frio e hoje procurei o meu foguinho costumado, porém com muita cautela, por causa da fumaça do terrível mata-ôlho, lenha de que abundam muito estes matos, mas que o seu nome bem indica o quanto é nociva aos olhos. Além de outros que, por tal causa, tenho visto com os olhos a lacrimejar, está um camarada meu criando uma belida. — Adeus — etc.

Começa o
frio; lenha
má.

(*) Francisco Modesto Franco, mineiro de nascimento. Era comerciante em Pôrto Alegre e possuía um patacho, *Bela Angélica*, com o qual fazia repetidas viagens ao Rio da Prata, onde conheceu o conde Tito Lívio Zambecari, do qual se tornou um grande amigo. Em carta de 12 de outubro de 1836, quando Zambecari estava preso, escreveu uma longa carta que terminava assim: "Si nessa estiver o chefe dos livres B. G. e Onofre disse que recebam esta carta como feita aos mesmos, e que disponham de mim como convier, e que sou e serei sempre o firme defensor da liberdade, e de teu amigo firme e americano". Foi Modesto Franco um ardoso republicano e deputado à Constituinte de 1842.

Campo no Sarandí, confluências do Arapeí, no Estado Oriental, 6 de julho de 1844.

Um fortíssimo vento, um extraordinário frio, foi o que nos fez companhia em nossa marcha de hoje. Dois soldados lanceiros ficando na marcha entanguidos, foi necessário que outros os segurassem, puxando seus cavalos. Iamos assim marchando e eu, a-pesar-de ir com o rosto um tanto coberto com o poncho, não deixei de ver e saber de um jocoso caso, que passo a referir-te com a denominação seguinte

Vento forte e frio; soldados entanguidos; Bento Gonçalves e os pelegos.

Os pelegos e o Bambá-queré.

Passando eu na marcha para o flanco esquerdo da coluna, para ao abrigo dos esquadrões forrar-me mais ao vento, encontrei uns poucos de cavalos carregados de pelegos, inda vertendo sangue, indicando que o dia antecedente dêles haviam sido privadas as inocentes ovelhas.

Não dispensando aquí o meu bocadinho de curiosidade, piquei o cavalo e juntando-me ao major Terêncio, lhe perguntei o que iam fazer de tantos pelegos; ao que respondendo, disse: — “Tive ordem de Bento Gonçalves para mandar um oficial e várias praças matar essa porção de ovelhas, tirar os pelegos, e depois de secos e tosquiados, deixando-lhes só um dedo de altura na lã, mandar cortar e fazer calças e vés-tias para os soldados do meu corpo, que estão muito nus”.

— Oh! senhor Terêncio, isso é graça? lhe tornei eu. Como vão vocês coser êsses pelegos? E quando houver chuva, em que estado não fica essa roupinha, si as previdentes mãos do Bambá não se derem ao trabalho de souvá-la? E é com a lã para fora ou o carnal? Explique-me isso.

Ao que êle respondeu:

— Não é graça, não senhor. Eu recebí essa ordem, vou cumprí-la; lá a costura, não sei como será, porém tive ordem de mandar cortar as vés-tias e calças, com a lã para fora e a pele para dentro.

Oh! excelente lembrança! Com a mais pequena neblina, molha-se, ensopa-se a lã, e a pele molhada torna-se inda

mais fria, vai martirizar o roto soldado, além de muitos outros inconvenientes. Si fôsse inda para alguma forma de ponche, bem; porém para véstias e por tal molde? Que as vista êsse malvado; demais agora que Canabarro e o ministro Lucas têm esperanças de vestirem a gente em Bagé, é que êsse monstro, em tudo monstro, e por não perder a propriedade de lobo, vem em país estranho matar ovelhas, para afetar de piedoso, quando seu fim é destruir e aniquillar.

Porém, de que me estou eu admirando? Êle tem razão, porque, não podendo já a bel prazer esbanjar as pingues rendas do Estado e a propriedade alheia, ceva sua índole danada nas ovelhinhas indefesas, que estão até de seus donos privadas, pela emigração deste país para êsse. Que maldade!

Está muito frio. — Adeus — etc.

Campo nas confluências do Arapeí, junto ao Cerro Chato, no Estado Oriental, 7 de julho de 1844.

Já tenho papel para continuar a escrever-te. O desmazelado do meu amigo capitão Rodrigues disse-me que tem três cadernos de papel de pêso. Que fenómeno! O Manéco com papel de sobresalente!

Amanhã ainda não avistarei as formosas colinas da pátria, porém ao depois, talvez! — Adeus — etc.

Campo nas confluências do Taquarembó, na Coxilha, no Estado Oriental, 10 de julho de 1844.

Desde 8 que não te pude escrever, porque, tendo nesse dia levantado nosso campo do Arapeí, marchamos todo o dia e ao cerrar da noite viemos acampar cêrca de um posto ou casa abandonada na estrada da Coxilha, cujo rancho e mangueira nos serviram muito essa noite para o fogo, pois esteve bem frio. Antes do amanhecer do dia 9, levantamos o campo e ao aproximar-nos da descida do Aurora, chegou parte ao general que o barão de Caxias havia levantado o seu campo também ao amanhecer e marchado na direção do Jerônimo de Vargas. Esta parte não fez o general suspender

Consegue
papel para
cartas.

Caxias le-
vanta cam-
po; Guedes
na vanguar-
da; contra-
marcha dos
farrapos;
Fontoura
crimina Ca-
nabarro.

a marcha, não sei si por ter mandado a poucas horas para a frente o Guedes e não ter inda recebido parte dêste. Continuando a marcha, como digo, estava parte da 3.^a divisão empenhada na descida do referido Aurora, quando manda Guedes parte (que estava duas quadras) que o inimigo também estava descendo pelo boqueirão de Jerônimo de Vargas. O general fez logo alto e contra-marchamos para cima da coxilha, onde nos conservamos até entrar o sol, hora em que levantamos o campo e viemos dormir, depois de haver marchado pouco mais de duas léguas, aonde nos conservamos ainda. E' provável que façamos hoje alguma marcha, pois estamos entre as forças de Bento Manuel e Caxias, suposto que daquela julgamos estar inda apartados.

Eis aquí, minha Clarinda, como são as cousas. Pensava eu amanhã estar pela Música e ora estou ainda no Estado Oriental.

Eu bem me quisera poupar de fazer notações desagradáveis ao Canabarro; porém si um historiador tem obrigação de ser exato, exatíssimo, porque não o serei eu para ti, e nestes escassos apontamentos que inda um dia podem servir? Guedes, João Fernandes e alguns mais estavam ontem e antes de ontem com Canabarro, e que se entranhasse mais por êste país, afim de melhor ocultar sua marcha ao inimigo; que, tomando as pontas do Quaraí, onde se conservava, e era fácil adiantar nossa passagem para êsse país, ao que contestou Canabarro que o Caxias era um dorminhoco e que havia de passar mesmo por cima do inimigo. Orgulhosa resposta que, além de outras conseqüências, nos pôs na contingência de recuarmos ontem à vista do inimigo. — Adeus — etc.

Campo na divisa do Serafim Nunes, com Ruivo Chiquito, Estado Oriental, 11 de julho de 1844.

Acabamos de descer a Coxilha por um caminho perto do Serafim, coxilha cujas descidas são uma espécie de serra, inda que não tão íngreme como as de S. Martinho, na qual nos havíamos conservado dois dias não sei para que...

São 2 horas da tarde e poucos minutos mais poderemos

Marcha
para chegar
à pátria antes
de Caxias
o impedir.

estar de sesteada, porque a ordem de acampar foi só por 2 horas. Vamos com direção ao passo do Elias em Taquarembó, podendo contudo inda sermos adiantados por Caxias e termos de fazer outra **recambiada**. Si porém não houver impecilho, depois de amanhã, estaremos em nossa pátria. — Adeus — etc.

Campo em Cunha-perú, no Estado Oriental, 12 de julho de 1844.

Regressando à pátria;
deserção de
oficial.

As 3 para 4 da tarde de ontem, principiamos nossa marcha e às 8 ou 9 da noite vadeamos o passo do Elias, ou Simão Soares, no Taquarembó, e pernoitamos em uma quebrada a 12 quadras do mesmo; principiando ao sair da lua nossa marcha, que durou até às 3 horas de hoje, achando-nos já a salvo de todos os arroios que, por causa de alguma enchente, podiam impedir nosso regresso à pátria e retirada pela coxilha da linha.

Não houve inda parte do inimigo, mas o supomos no mesmo lugar em que ficou colocado no dia 9, isto é, no mesmo ponto do Vargas, porque é de querer que fôsse iludido por nossas avançadas, que ficaram postadas nas mesmas alturas dos dias antecedentes, encobrendo desta arte o nosso movimento.

Esta noite, ao passarmos o Taquarembó, desertou-nos o tenente João Jacinto de Melo, do batalhão de fuzileiros, levando um inferior e cinco praças armadas e municadas, que se julga foram para o inimigo.

Um dia mais e estaremos no Continente. — Adeus — etc.

Campo nas confluências do Cunha-perú, junto à estância de Felis Martins, no Estado Oriental, 13 de julho de 1844.

Péssimo estado da cavallhada; deu em nada o negócio dos pelcos.

Curta foi a nossa marcha de hoje, e por certo que disso é causa o péssimo estado de nossa cavallhada, sendo tal que, ontem e antes de ontem, mudaram muitos soldados, a quem iam cansando os cavalos, em potros, e eu mesmo me acho reduzido ao meu incomparavel ruaninho. Porém amanhã, com

o compadre Frutuoso, pretendemos nos adiantar para a Música, onde nos havemos prontificar com melhor cavalgadura. Ali espero ver teus irmãos, e é tanto o alvoroço que sinto que de tal marcha me não priva a falta de cavalos.

A especulação de pelegos do Bambá-queré deu em nada, em nada mesmo, como seu inventor, e quem sofreu foi o dono das ovelhas e os pobres lanceiros que, em dias de tanto frio e tão nús, as estiveram esfolando. — Adeus — etc.

Campo nas confluências do Upamarotí, junto à casa do velho Custódio, 14 de julho de 1844.

Já respiro o doce ar da pátria! E sôbre as suas mimosas colinas te estou escrevendo! Grave e terna mistura de sensações que assoberbando a saudade, não sei si mais grave torna a grave ausência... Um formoso dia é testemunha do nosso regresso! — Notável premio da constância! — A natureza se atavia e o céu, afugentando suas nuvenzinhas, toma um brilho refulgente que lhe empresta o esmero do sol do Rio Grande, para solenizar a volta do exército de bravos, a quem dirigia só a mão onipotente. E ela só nos basta, só. Às 10 da manhã, sôbre a coxilha da linha, já passeiam nossos cavalos, recuperando na branda relva as exaustas fôrças.

Nesse momento chegaram officios do general Netto trazendo-nos noticias da prisão do Matos e Joaquim Pedro (*), estavam em Piratini e a 27 do mês passado foram ali capturados pelo Moringue; lastimo que não fôsse isso nos primeiros dias da República. Veiu mais a infausta notícia da morte do coronel Antônio Manuel do Amaral (**) a 21 do mesmo mês, na vila de Jaguarão, vítima da sua bravura e inexperiência, pois que, (segundo a parte do tenente-coronel Felicíssimo) não havia motivo para sofrer a pátria tão sensível perda, não só dêle Amaral, como de mais um tenente, e quatro soldados

De volta à
pátria; Mat-
tos e Joa-
quim Pedro
aprisionados;
morte do co-
ronel Ama-
ral; deser-
ção do cam-
po.

(*) José Mariano de Mattos e Joaquim Pedro Soares, aprisionados por Chico Pedro na Vila do Piratini a 27 de junho, enviando-os em seguida para o Rio de Janeiro.

(**) Combate de Jaguarão. Amaral ataca a vila e toma-a. Depois de uma luta titânica e heróica com uma canhoneira que a defendia, Amaral retira-se, e é morto, assumindo Felicíssimo José Martins o comando da força que se retirou na mais completa ordem.

e mais cinco feridos! A missão que o levou a Jaguarão (creio que era tirar fazendas para o exército) e bem podia conseguir a empresa sem sacrificar-se pois a guarnição da vila, já por êle tinha sido destroçada e prisioneira no mesmo dia ao amanhecer, porém alguns refugiados e um refôrço que veio de uma canhoneira, desafiou o natural ardor guerreiro dêste infeliz patricio, e suposto que êles não saíam do asilo do



seu inexpugnável quartel fora da vila êle resolveu ali mesmo acometê-los. Precário e infrutuoso arrôjo O tenente-coronel Felicíssimo tomou conta da fôrça e se retirou. Tornemos ao nosso regresso ao Continente e para solenizar o dia da volta da nossa emigração, hei riscado o meu acampamento de hoje... desde muitos dias que tinha tencionado fazê-lo, logo que pisássemos no terreno da pátria, e sinto bem que os gelos de maio e junho tenham dessecado os campos, desfolhadas as árvores e arrebatado até a mais rasteira florzinha! Não importa! Ao menos já não vejo estâncias abandonadas... Junto de um banhado que me fica a direita do campo, estava

a pouco um daqueles pássaros que há muitos na Cachoeira e Rio Pardo e que na minha infância, com os meus companheiros de caça chamávamos socó ou fidalgo-pobre, — não sei por que etimologia, — pois parece-me mais pertencer a uma das muitas, e diferentes espécies de cegonha que são nativas do país, seja enfim o que fôr, eu o desenhei na estampa porque me pareceu que o generoso pássaro festejava também o nosso regresso! Devéras! Não o vês tu que se espreguiça e compõe o seu longo pescoço entre as plumas do peito! ... Pois assim mesmo estava quando principiávamos a acampar. — Adeus — etc.

Música, 15 de julho de 1844.

Nem Gabriel, nem Portinho! Eis-me aquí na Música como viajante que no meio de um deserto país, se vê abandonado do condutor apalpando trevas... Nem o Carvalho está porque hoje dêle me desencontrei.

Inquerí demasiado o compadre Delfino, porém poucas notícias me deu de ti, e mui poucas dêsse lugar! Si não me fôsse forçoso seguir a Bagé hoje, hoje mesmo caminharia para êsse ponto... Soube porém da estéril afouteza do nosso compadre Portinho... Loucura! loucura! Só com 12 acometer a tantos! e aí nesse lugar para assustar a mulher, a ti, a co-madre, as meninas, e a todos! Bem vejo que êle calculou que nem um dano podiam causar-lhe e aos companheiros tais e tão conhecidos covardes; não valia a pena pôr a prova tal arrojo que por certo tanto susto aí havia causar!

Temos muito tempo, e temos muita fôrça para enxotar, não só de Santa Maria, como de todos os lugares da campanha essas hordas mercenárias, e o Ente Supremo que é o único diretor dos farrapos, não nos desampara jamais.

Eu, os compadres Delfino, Frutuoso, o Rodrigues e as co-madres pouco há soubemos que o Zeferino está viuvo! Êle está aquí também e inda não sabe! Conversa com alegria e fala inda a miúdo na sua velha! Coitado! não sei si trazê-lo enganado é compaixão! Parece-me mais uma espécie de perfídia. Contudo eu me não atrevo a dizer-lhe nada.

Arrojo de Portinho; confiança na vitória da revolução; Almeida anistiado requer uma indenização.

O perverso Domingos José de Almeida está em Pelotas anistiado, e já requerendo ao govêrno do Brasil dez contos de réis de um hiate que outrora lhe apreenderam! Que homem safado! Que mais me falta ver no mundo.

Amanhã voltamos para a fôrça. — Adeus — etc.

Campo junto ao Garcez, 16 de julho de 1844.

Acabo de falar com o Carvalho, disse-me que não esteve em Santa Maria mas que o Portinho e Gabriel aí foram e que agora se acham por Canguatê (*): eu e o compadre Frutuoso estamos tratados para irmos, na volta que fizermos de Bagé, e pode ser que antes. — Adeus — etc.

Designio de
ir até Santa
Maria.

Campo junto à lagoa de Poncho Verde, 17 de julho de 1844.

Julgo que breve tocaremos em Bagé. O Guedes com o seu corpo de guardas-nacionais ficou a 15 na frente, julgo que para recambiar para a retaguarda de Caxias, e o tenente-coronel Cabral, que desde maio se tem conservado no Estado Oriental, também esteve em nosso campo a 15 tendo vindo desde 11 flanqueando o inimigo, e também se retirou seguramente para a fronteira de Quaraí ou Taquarembó; não só a serviço oriental, como a providenciar-nos alguma cavallhada, no entanto que o general também desprende hoje o tenente-coronel Augusto para o mesmo fim. Estou com muito frio e não sou por isso mais extenso. — Adeus — etc.

Guedes na
retaguar-
da da fôrça
de Caxias;
flanqueando
o inimigo.

Campo no banhado da Carolina, 18 de julho de 1844.

Pouco mais de légua marchamos, porque a bôca de fogo desconcertou-se umas poucas de vezes em caminho; e grande parte da nossa cavallaria está em diligência reünindo cavallos, potros, e éguas e para o mesmo fim saíu hoje às 4 horas da tarde o corpo de lanceiros de linha; tal é o mau estado de nossa cavallhada, porém o do inimigo é inda pior; porque Caxias muito pouco tem avançado.

A bôca de
fogo descon-
certada; Ca-
valhada em
mau estado;
revéz de
Netto; morte
do coronel
Agostinho.

(*) Deve ser Calboaté, que é corruptela de Caa-igua-té, motivo pela qual Fontoura escreveu Canguatê, aliás mais conforme a origem.

Soubemos (não por parte oficial) que Netto nas imediações da Encruzilhada sofreu um revez no qual perdeu 6 homens ⁽³⁷⁾ e se lhe dispersaram mais de 200, pois conseguindo, com a gente que levou o exército, reunir ao todo uns 400 a 500 homens, estava em descuido por se julgar seguro na distância de dez léguas do inimigo; o Moringue porém fazendo uma marcha forçada, o surpreendeu creio que o mês passado ou em fins de maio (*), pois Netto nada tem dito oficialmente a respeito, e só sabemos disto por notícias de andantes: tal é o estado de nulidade a que se tem reduzido esse outrora feliz guerreiro, que entregue todo ao sacristão político, o miserando Luiz Boticario, parece curar só dos tenebrosos manejos da mashorca, deixando de cumprir com a mais trivial obrigação de um qualquer comandante de força — de ter o campo a coberto da surpresa do inimigo.

Assim é que a Encruzilhada cujo departamento habitado por homens do partido, tem sido o lugar onde desde 1841, tem o inimigo obtido não pequenas vantagens! Inda não há um ano que o Bambá-Queré ali fez morrer o infeliz coronel Agostinho (**) que pouco menos de dois anos antes havia também a seu turno, comprometido em Piquerí uma forte divisão de 500 homens! Pois todas estas amargas experiências, não bastam, não chegam para apontar ao general em chefe o gravíssimo, e sempre seguido erro, de empregar em assuntos de tanta magnitude, homens perversos, homens encanecidos na carreira do crime, da relaxação e da imoralidade!

⁽³⁷⁾ Sendo acossado por mais de duas léguas.

(*) Fontoura foi aí mal informado. O combate deu-se em um rincão na Serra do Erval, a 27 de maio. Chico Pedro nas suas memórias diz que Netto não foi completamente derrotado “por causa de uma sentinela avançada, em distância de quasi meia légua”, e declara que os mortos foram 5 e que fizera 3 prisioneiros fora dois passados. Apreendeu mais “um estandarte da república, mais de 30 cavalos sendo a maior parte encilhados, os cargueiros de fornecimento e armamento, e não houve mais prisioneiros por ganharem o mato da serra tanto a infantaria como a cavalaria”.

(**) Agostinho de Melo. A 4 de dezembro de 1843, foi atacado o pequeno contingente do coronel Agostinho por um grupo de 80 legais, comandados pelo tenente Joaquim Lacerda. Dirigia os revolucionários o general Bento Gonçalves da Silva. Agostinho foi morto nesse choque.

O tempo vai indo belíssimo e a exceção de algum frio e geada, nada tem por ora apressurado as nossas sobejas privações. — Adeus — etc.

Campo junto ao rio Santa Maria, no Cunha, 19 de julho de 1844.

Apresta-se uma partida contra Chico Pedro; Almeida está com Netto e diz que quer tratar da paz.

São sete horas da noite e chega parte do general Netto, (que veio dar por Pirai) que o Moringue estava para Bagé com 500 homens, e para o bater pediu ao general em chefe 200 homens, sendo 100 de cavalaria e 100 de infantaria, os quais amanhã seguirão, porém debalde, porque já a essa ora Moringue saberá que estamos perto, e Netto cuida hoje mais em política com o seu Luiz Boticario do que na guerra...

Também está com êle o Almeida, que voltando anistiado de Pelotas diz que vem tratar das pazes... Que desaforo, que falta de vergonha, de traidor semelhante! E que pouca energia da parte de quem nos governa!... E assim se passa o tempo, e se vão matando os homens! — Adeus — etc.

Campo nas margens do Santa Maria, na fazenda de Pedro, Carneiro, 20 de julho de 1844.

Refôrço para o general Netto; noticias de Moringue; prisão de um farrapo.

Hoje vadeamos o arroio para esta parte e acampamos havendo antes de marcharmos seguido refôrço de 300 homens para o Netto; e agora 5 da tarde chega parte do mesmo em que Moringue não entrou em Bagé, e aparentando alí contra-marchou, e estava no Mingote, Netto, arrebanhando potros; nesse giro prendeu ao major Florisbelo Netto que estava por Jaguarão (isto é na estância). — Adeus — etc.

Campo na margem do Santa Maria, estância de Pedro Carneiro, 21 de julho de 1844.

Contra-marcha de Caxias; suspeita de que há traidores.

Hoje não levantamos o campo em razão de ter o general parte que Caxias contra-marchou a um flanco na direção do Ibicuí.

Mais uma prova de que, a não ser por estar muito a pé, temos entre nós traidores, pois o general projetava bater

nesta marcha a guarnição de S. Gabriel, e consequentemente a dêsse lugar; o tempo o dirá aos incautos, e a mim me dará mais um motivo de declamar contra os homens. — Adeus — etc.

Campo junto à casa da Chica Fernandes, 22 de julho de 1844.

Ontem ao escurecer saíu o compadre Carvalho com as praças do corpo de seu mando, a tirar alguns cavalos, observar o movimento do Caxias sôbre o passo de D. Pedrito por esta parte do rio, devendo tocar até o curral de pedra do Adolfo.

Carvalho
foi observar
Caxias; Por-
tinho abor-
recido; Fon-
toura com
tenções de
retirar-se.

Si o barão marcha com a sua fôrça a S. Gabriel, é mui provável que o nosso irmão Portinho venha com mais pressa, pois verdadeiramente não sei o que êle por aí está fazendo! Dando cuidado aos amigos e à família... Por outra parte, também o desculpo, porque se têm desaforado tanto os **mas-horqueiros**, que estou vendo o momento que, por alguma traição, dão com o Canabarro nalguma presiganga, fortaleza, ou... Assim não, que os encaro como devo, e observo seus tramas...

Nestes 3 dias hei de ir ou mandar a Bagé, e então pouco me falta para despedir-me desta trabalhosa lida, com muitos outros que juramos não entronizar tiranetes sôbre as ruínas da pátria. Para viver com honra, existe por aí êsse mundo... E sem queimar incenso aos tiranos ou apostatar de nossa crença política da verdadeira crença americana, nós respiraremos a doce aura da Liberdade no seio de nossas famílias, — numa pátria adotiva sim, mas não envilecidos!

Que chegue êsse dia, minha Clarinda, e que nos reuna para contarmos os estirados e infrutuosos afãs de 9 anos. — Adeus — etc.

Campo na margem do Santa Maria, junto à casa de Maria Fernandes, 23 de julho de 1844.

Por um andante, tivemos hoje notícias do nosso irmão Portinho, que, a serem verídicas, amanhã, ou depois, estaremos juntos, e saberei, o que tanto desejo, notícias certas tuas. — Adeus — etc.

Aespera de
noticias da
espôsa.

**Campo na margem do Santa Maria, enfrente à casa de Maria
Fernandes, 24 de julho de 1844.**

Direção que
tomou Caxias;
compra
de fardamentos.

Não mudamos hoje de campo, não sei si por concertar-se a peça que ontem foi mister trazer numa carreta, por se haver quebrado, ou si por esperarmos a junção de muitas partidas que estão por fora, ou mesmo por sabermos com evidência da direção que tomou definitivamente a divisão do Caxias. Consta que o ministro Lucas comprou duas mil peças de roupas feitas para a tropa, o que sendo verídico, já deixa os **farra-apos mais limpinhos.**

Dizem que o Moringue soltou o major Florisbello Netto que havia prendido, e assim há de ser, pois estes lords no tempo de bonança grimpam de firmeza e patriotismo... e agora vão se deixando prender, **prèviamente arranjados...** Que egoistas! — Adeus — etc.

**Campo nas confluências do Pirai, junto à estância do capitão
Pinto, 25 de julho de 1844.**

Fontoura
contente
porque espe-
ra receber
notícias da
família.

Está nosso irmão Portinho em Pirai-chico, a 4 léguas daqui. Estou contentíssimo, porque amanhã hei de ter notícias tuas! inda não sei si vem o Gabriel porque quem deu esta notícia não o conhece. — Adeus — etc.

**Campo nas confluências do Pirai, junto à estância do capitão
Pinto, 26 de julho de 1844.**

Netto e Canabarro tra-
tam dos ne-
gocios da
guerra; Al-
meida e Netto
companheiros de
barraca.

Inda não chegou o Juca, mas deve ficar esta noite a uma légua daqui, e amanhã nos veremos, pois, não tendo hoje mudado de campo, é provável que cedo marchemos.

O general Netto aqui esteve esta manhã, chegou a noite passada e pernitoou na barraca do Canabarro.

Deviam tratar muito, e com proveito, de nossos tísicos negócios... Porém eu, quando na idéia passo um severo exame ao atual procedimento dêstes nossos chefes, sempre me aturdem, em desfavor seu os seguintes versinhos de Garrett:

“Não glória já, mas frívolas contendas,
injustas opressões só nos **arrancam**
a preguiçosa espada da bainha.”

E que mais, minha Clarinda, que mais hei de pensar quando vejo árbitro da paz e da guerra, a

“Devassa tirania, infandos vícios,”
da infame **mashorca**.

Depois de anistiado, e com aquela **cara** tão semvergonha, veio o Almeida ao campo da divisão do Netto, e, foi, ou inda está seu companheiro de tenda! No entanto que se vexa e opri-me o mísero e roto soldado que de tanta miséria envilecido procura em último recurso anistiar-se! ... E assim é o mundo! e assim são os homens!

Hoje mandou o general a peça para Bagé afim de compor-se, e eu tenho tenção de depois de amanhã seguir até ali.
— Adeus — etc.

Campo nas confluências do Pirai, 27 de julho de 1844.

Duas linhas ... três ... só, nada mais; só, é o que posso esrcever ... e porque? Porque não cesso de ler as tuas cartas, da comadre, da mana Benta, e das meninas ... Deixo-as só para voltar a inquerir o Gabriel ... Pobre Gabriel, tamanha massada lhe tenho dado! Estou tão satisfeito pelas tuas melhoras, e notícias de todos ... Ah! quanto é doce saber-se do que se ama!

Satisfação
de Fontoura
por ter recebido carta da
espôsa.

Divina saudade! que mágico encanto hoje, derramas nos extasiados sentidos meus e ...

Mas basta, volto a conversar com o Juca, com o Gabriel e com as cartas ... Chegaram hoje das 9 para as 10 horas da manhã ... Nós havíamos marcando pouco mais de meia légua quando avistamos a divisão do Netto, à qual esta madrugada se havia reunido o Juca, e logo acampamos todos. — Adeus — etc.

Campo nas confluências do Pirai, 28 de julho de 1844.

Sossêgo da alma; Netto marcha com desígnio de bater Chico Pedro; o desastre anterior da Encruzilhada; Bento Gonçalves segue para Encruzilhada com uma divisão; Almeida continua a ser acusado.

A noite passada, que cedo me deitei! Em vão havia feito propósito de fazer um bom serão; lendo e relendo as cartas que recebi... Deu-me logo o sono, e tanto que julguei moléstia... Que mal pensava que desfrutava então a melhor saúde e sossêgo da alma, devido às notícias certas que tive das tuas melhoras e da aprovação que prestas à minha retirada dêste país, conforme me disse o Gabriel! Eu, que outrora adormecendo ao deitar-me, só acordava ao amanhecer, que de meses há que mil vezes à noite desperto, velando a maior parte dela! E esta noite, que diferença! Logo adormeci e ao amanhecer veio o bom Jacinto acordar-me, chamando-me para me aquecer ao fogo, e não eu a êle como era costume. Quanto não vales ó sossêgo da alma!

Amanhã pretendo seguir a Bagé, e principiar a aprontar-me.

Ontem à tarde marchou o Netto para a frente, levando a divisão que outrora comandava o Amaral, reforçada com o corpo de lanceiros e infantaria, com o desígnio de bater o Moringue, que bom será que não seja êle Netto, surpreendido, pois não há de admirar, maximé que com êle anda o Boticario, e já não está recente a esfrega da Encruzilhada, onde o caso foi maior do que eu disse na minha carta anterior (*), pois uns 20 infantes, e um oficial foram prisioneiros; de sorte que a divisão que ia crear, não só deixou de crescer, como minguiu porque trouxe menos do que levou.

Também saiu hoje o Bambá com outra divisão para os mesmos pontos da Encruzilhada, onde foi enxotado o Netto! Que fará êste azar? O mesmo, e ainda pior do que tem feito há 9 anos.

(*) Veja nota à carta de 22. Fontoura conta, certamente, entre os prisioneiros além dos 3 de que fala Chico Pedro, os que se passaram para os imperiais.

Com referências às acusações de Fontoura a Almeida, cremos serem em grande parte infundadas, pois Almeida, preso por Chico Pedro, em Bagé a 13 de março, conseguiu fugir a 15, reunindo-se em seguida à força do coronel Amaral que no Cerro da Palma batera o celebre Moringue. Almeida, é verdade, foi, depois, a Pelotas tratar de seus negócios completamente arruinado, e em seguida voltou ao exército, onde permaneceu até às proximidades do fim da revolução.

Netto com alguns de seus sequazes, com o maior escândalo, alcunham de inimigo da causa ao honrado patriota Manuel Lucas, atual ministro da guerra! Que audacioso aleive! E quão exposta está a vida dêste bom rio-grandense, a quem só oportunidade aguardam os **mashorqueiros** punhais!

O Almeida também foi com o Netto, tendo passeado em nosso acampamento ontem e não foi preso, ao mesmo tempo que hoje firmou o general em chefe uma ordem do dia, autorizando a todos os comandantes de divisão, fôrças, e partidas, a prenderem e conduzirem ao exército, quantos republicanos por aí encontrarem, sejam ou não oficiais, que estejam anistiados.

Notável coincidência! contraste maravilhoso, e do qual se pode bem tirar a ilação de que meus patrícios são mais feudais do que republicanos. Que lástima não se haver inda o Almeida lembrado de pedir em recompensa de suas ladroeiras e traições, a nomeação de Condestável da República! Não sei que propriedade acho nesta dignidade, que tão bem se havia liar com a espécie de veneração com que muitos papalvos se deixam iludir por semelhante safado!

Basta! Que me importa já com estes monstros? Para si o fazem, e loucura é desperdiçar com êles o tempo! — Adeus — etc.

Campo em Pirai-chico, 29 de julho de 1844.

Hoje pelas 3 da tarde saímos do acampamento com destino a Bagé, eu, o compadre Frutuoso, Gabriel e Zeferino e nossos camaradas; nosso irmão Juca também vinha conosco, mas como havia estado jogando a noite passada, e saímos à horas de sesta, êle ficou para dormir e amanhã ir nos alcançar em Bagé. Quasi que estamos todos reunidos! Só nos falta o Delfino, que ficou **gavionando** perto da Música por estar mais pertinho da sua Mariana, porém, eu sempre estou com cuidado nêle, porque de dia a dia, mais se parece com o compadre, com aquele seu gênio facilitador.

São, com êste caderninho, 22, que tenho escrito de cartas para ti, e nêles nem uma página, uma linha sequer, se en-

A caminho de Bagé; as cartas de Fontoura; motivos porque não escreve aos parentes e à mãe; duras provas; a esposa é quem mais tem sofrido.

contra dedicada às saudades, às vivíssimas lembranças que sinto pela minha estremosa e nunca esquecida comadre, pela mana Benta, pelas minhas queridas cunhadas e pela minha pobre mãe! Ah! que de vezes ter-me-ão elas julgado ingrato, e até mesmo que de tudo me hei olvidado, exceto da minha Clarinda e dos meus filhinhos!

Porém, si assim o hão crido é injusto, e devo fazer uma explicação.

O céu é testemunha do amor, da amizade e da gratidão que consagro à pessoas que me são tão caras, e o tempo, êsse juiz severo, o mostrará sempre e em qualquer parte... A razão é outra, é a seguinte.

Os revezes, minha Clarinda, as duras provas por que a fortuna me tem feito passar, são a única e primordial causa de todas as angústias, dôres e aflições por que tens passado. Eu tenho sido enfim, quem tem envenenado teus dias e amargurado os dos nossos filhinhos. Verdade é que não por crimes vergonhosos, mas sim por um pátrio fanatismo, por uma ilusão inocente, que tem podido fascinar até as grandes almas!

Si tu pois, és, quem mais há sofrido com a minha sincera dedicação à pátria e à humanidade, porque não serás também a única dona e exclusiva depositaria das minhas queixas contra os homens, e a sorte? Quem terá como tu o jus de ouvi-las? E a quem, não sendo a ti, deixarão de parecer de enfadonho estilo? Esta é a ingênua causa desse parecido esquecimento; pois meu coração, concio sempre com a consciência, jamais soube fingir, e menos ser ingrato.

Amanhã chegaremos a Bagé, não sei si estarão ali meus negocios arranjados; mas como a isso vou tudo se aplanará. — Adeus — etc.

Bagé, 30 de julho de 1844.

A "escravidão dourada" da Sociedade.

Chegado hoje a êste povo, pouco poderei escrever, pois preciso é distrair-me **amargamente**, ouvindo uma chusma de conhecidos dos quais a mor parte vem roubar-me o doce tempo de escrever-te, ávidos de novidades, e... e não jamais

por amizade ou afeição! E' preciso porém sofrê-los, tal é a sorte da escravidão dourada com que nos fascina isso que chamam civilidade. — Adeus — etc.

Bagé, 31 de julho de 1844.

Que horrível temporal houve esta noite! Eu o pilhei em casa porque, vendo o tempo arruinado a noite passada, não quis voltar para o meu acampamento na margem do arroio; foi só o compadre Frutuoso, e como ficasse de nado o arroio com a grossa chuva, lá está o compadre e eu aqui seguramente até a noite, que é quando dará van. O Juca já aqui está. — Adeus — etc.

Horrível
temporal;
Fontoura
isolado do
campo.

Bagé, 1.º de agosto de 1844.

As ordens que eu havia mandado ao negociante José de Assis Candal para cobrar, não foram pagas; estão por isso inda por arranjar os meus negócios para retirar-me do pa.s, mas como cuido muito em semelhante assunto, espero que com mais alguns dias tudo ficará pronto. Já ontem mandei o João Veríssimo e Gabriel em serviço meu e a meu negócio, e o Gabriel desempenhou bem a comissão. Vai ficando mais vivo, mais circunspecto, e afinal há de vir a ser um excelente negociante. — Adeus — etc.

Fontoura
arranjan-
do seus ne-
gocios para
emigrar.

Bagé, 4 de agosto de 1844.

Antes de ontem e ontem não te escreví porque estive muito ocupado com algumas compras de fazendas para o exército.

Hoje fui visitar aquele Pedro de Borba, em cuja chácara estivemos o ano passado eu e teus irmãos, quando estavam doentes; e como me foram surpreendendo pelo caminho as florinhas que os só quatro dias de agosto tem feito desabrochar. E como não estarão aí belos os rosais! Ah! quantas vezes eu colhia outrora cheias de orvalho da noite, escolhendo de entre elas o mais lindo botão de rosa para dar-te! Então eu era mais feliz, não só por estar contigo, como porque des-

Divagações
e queixas de
Fontoura.

conhecendo a perversidade dos homens, não imaginava que a mor parte dêles levam na detestável fronte o sinal da re-provação pública... Não cria eu, e nem podia crê-lo, que sem excetuar um só dos nossos governantes de então pertenciam a essa classe de malvados que com avidez mortífera só cuidam em sugar o sangue dos governados. Porém, que tenho eu com isto? Porque vou sempre enlutando minhas cartas com tão triste recordação?

E agora, na primavera, na amena quadra das flores, devo misturar nas minhas descrições os crimes dos homens. Ah! não! De ora em diante eu só falarei nelas, em ti e nos filhinhos. Si não houver mais geadas, como não será alegre o primeiro quadro que desenhar-te? O viçoso verde dos campos, o encantador matiz das flores, como não sobressairão ao verde negro dos precedentes quadros que representam os cerros, os campos e as grotas, cobertas apenas de crestado capim?

Vou deixar correr mais uns dias para riscar um lindo campo... Ah! si houvesse nestes matos ipês, vendo-os florescidos, já sabia eu que não havia mais gelos; porém não há. — Adeus — etc.

Bagé, 8 de agosto de 1844.

Já sei que quando receberes estes cadernos, em lendo hás de dizer: — Olha como êle quando está em alguma povoação passa dias sem me escrever!

Ah! não, não é porque me esqueça... Demasiado aborrecido já da agreste vida do campo, quando toco neste povo não me faço rogar muito do amigo Luiz Machado, para dormir em casa. E como sempre há muita gente, e jogam até muito tarde, não posso eu nunca escrever-te ali, e para fazê-lo venho para o campo, onde está minha barraca e aquí escrevo.

Não sabes, minha Clarinda, já não sou aquele impertinente que era dantes para a roupa. Estou um perfeito holandês! Calças largas, vestia o mesmo! Hoje é que fiz reparo nisto, porque, não ficando a gôsto do nosso irmão Juca uma calça e um colete de merinó, eu calcei por demais e servia-me perfeitamente.

Muito jo-
go; Fontou-
ra menos
exigente com
a roupa.

Amanhã pretendo voltar à fôrça, para dar andamento aos meus negócios e retirar-me. — Adeus — etc.

Quebracho, 9 de agôsto de 1844.

Hoje pelas duas da tarde deixamos Bagé e vimos pernoitar neste ponto; a fôrça está por Jaguarão, e amanhã ali nos reuniremos. Desde ontem que inda não dormi porque convidado para jogar uma primeira, em que se rifou dois pares de chilenas grandes de prata, aceitei e não perdi a noite, porque tirei eu todas as sortes, ficando-me com as chilenas; um dos pares, o maior, dei ao nosso irmão Juca porque as dêle já não estavam boas, e o outro fiquei com êle para mim, dando as minhas velhinhas ao Gabriel, e vendi as que foram do Juca por 33\$220. Estou com sono, vou dormir. — Adeus — etc.

A fôrça em Jaguarão; Fontoura ganhou, numa rifa, dois pares de chilenas de prata.

Campo na margem ocidental do rio Negro, 10 de agôsto de 1844.

Vimos pernoitar a pouco mais de uma légua da fôrça, por não forçarmos muito nossos cavalos; amanhã estaremos reunidos. — Adeus — etc.

Campo na margem ocidental do Jaguarão, no passo do Menezes, 11 de agôsto de 1844.

Pelas 9 ou 10 da manhã chegamos a esta fôrça; está muito diminuída porque o general dispersou várias partidas, a tirar cavalos; o compadre Carvalho seguiu na mesma diligência ao Estado Oriental. — Adeus — etc.

A fôrça está diminuída; Carvalho em diligência no Est. Oriental.

Campo na margem ocidental do Jaguarão, junto ao passo do Menezes, 12 de agôsto de 1844.

Esqueci-me dier-te o que corria em Bagé, e que tem alguma entidade com os néscios de nossa pátria.

Dionisio, coronel comandante das forças de Rosas es-

Noticias de um rompimento com Buenos Aires; esperanças de pacificação da provincia.

tacionadas no Cerro Largo, escreveu a uma família de sua dependência que reside em Bagé, e a quem havia mandado regressar para o mesmo Cerro Largo, que sustasse sua ida para alí, visto que a tantos do mês passado tinham em Montevideu arvorado o pavilhão imperial, e que o general Paz havia ido comissionado ao Rio de Janeiro, razões mui poderosas para um rompimento entre Buenos Aires e o Brasil. Ora a ser isto verdade, o que por vários precedentes que existem não duvido, teremos mais uma via de transação com o império, e então nossos males se concluirão. O Céu permita que sem abandonar a minha pátria eu veja o fim de uma tão mal dirigida luta. — — Adeus — etc.

Campo na margem oriental do Jaguarão, 13 de agôsto, junto ao passo do Cascavel.

Mudança de campo; Netto a uma jornada do acampamento; Chico Pedro em Cangussú.

Mudamos hoje de campo; Netto está com uma divisão a uma jornada daqui, e Moringue dizem que seguiu para Cangussú. Estou cansado da marcha de hoje, e por isso não sou mais extenso. — Adeus.

Campo no mesmo de ontem, aos 14 de agôsto de 1844.

Hoje teve lugar uma conferência entre mim, o general em chefe, ministro Lucas, general Silveira (*) e coronel Daniel (**), para, dizia o ministro, tratar-se de urgentes negócios; e logo apresentando um offício do velho presidente José Gomes (que está no mato); continha êle a sua demissão motivada por moléstias, e na falta de um acessor, e mais quatro cartas brancas para a demissão dos ministros e nomeação (não sei de quem!!!) para os substituir, bem como o decreto da demissão do referido ministro Lucas, motivada pelos sensíveis desgostos que lhe tem causado a imoralidade e arrojo com que os **mashorqueiros** tem deprimido sua honra.

(*) General João Antonio da Silveira.

(**) Coronel Daniel Gomes de Freitas.

Discutiram um curtíssimo momento alguns dos circunstantes, e sendo logo interrompidos por mim que julgava oportuno momento de lançar-lhes em rosto tanta debilidade política, principiei dizendo:

— Exceto o sr. coronel Daniel, V. Excias. todos são os únicos autores dêstes desaguisados, principalmente o sr. general em chefe que, entregue todo a uma política que inda não pude compreender, levantou do pó da terra êsses **mashor-queiros** detestáveis em menoscabo da honra, e detrimento ignominioso da causa a ponto tal, que temos tocado a meta do envilecimento. E o sr. ministro foi o excelente coadjutor desta errada política do sr. Canabarro, porque, suposto não referendasse decreto algum infame, todavia deixou correr a secretaria a bel-prazer de José Mariano, que foi quem governou, e não José Gomes com seus ministros, deixando de mais a mais de promulgar os decretos que deviam afastar do exército essas molas ferrugentas que o tem completamente anulado... Finalmente, sr. ministro, agora é tarde; sua demissão devia ser no dia em que partiu do govêrno a proclamação elogiando ao Bento, e não hoje, que tendo êle ganho com a debilidade política de V. Excia. terá todas as eleições a seu favor, e nesse caso escusado é fazê-las; que abdique o José Gomes nêle, que tambem a seu turno tem dado em todo êste ano um forte empurrão no carro revolucionário para precipitá-lo na voragem da infâmia, ouvindo cegamente ao seu acessor Mattos! E que a providência do Moringue o não levasse a mais tempo para a Lage!

Torno, porém, a dizer: o sr. general Canabarro foi o primeiro autor dos nossos males presentes...

— E como? — me diz Canabarro.

— Como? Pois V. Excia. não foi o primeiro que empregou o Bento, dando-lhe uma forte divisão para bater o Moringue, da qual não só zombou o chefe imperial como teve vantagens?

— Eu não; foi o sr. ministro ou o govêrno quem primeiro o empregou; pois si êles houvessem mandado que se me apresentasse, e em vez de empregá-lo, eu o teria nomeado chefe do Estado maior.

Conferên-
cia entre
Fontoura,
Canabarro e
Lucas; Go-
mes Jardim
insiste em
deixar o go-
vêrno; Lucas
demitido do
ministê-
rio; Fontou-
ra acusa os
chefes da re-
volução; a
morte de
Onofre Pi-
res; José Go-
mes despe-
toso com
Netto, Ben-
to Gonçalves
e Luiz Bar-
reto; Fon-
to ministê-
rio; Fon-
toura recusa
incapacidade
dos coman-
dantes.

— Bem, tem o governo a culpa. Porém depois da morte do Onofre, criminoso por êsse ato, rompendo V. Excia. a constituição que nos rege, tornou a empregá-lo! E então que dirá agora? — Eu respondo por V. Exca., si me permite... é o caso que, fantasiando V. Excia. a existência de dois partidos na República, julgou oportuna a quadra para imitar Napoleão, fazendo em proveito da República o que êle fez da França, isto é: um amálgama dos partidos. Terrível êrro, sr. general; não existiam partidos; existia, sim, um presidente criminoso e depravado, a quem o público anátema acabava de sacudir da cadeira presidencial; haviam criminosos, traidores e delapidadores ministros a quem o bom senso nacional, e o público bem reclamavam pronta punição, e finalmente haviam patrícios honrados, os primeiros que, rasgando a máscara dêsses tiranetes, se haviam sacrificado pelo público, apesar dos punhais assassinos de Alegrete, que tão pouca sensação fizeram em V. Excia. e no sr. general Silveira, que se não abaixariam jamais ao envilecimento de transigirem com ladrões. Ora seria um milagre ver V. Excia. conciliar a virtude com o crime, e a honra com a deshonra. Em conclusão: não deve o sr. ministro demitir-se, não pode aceitar-se a demissão de José Gomes, sem que deixe de existir a República e por um modo bem vergonhoso. Creiam-me, senhores, esta demissão de José Gomes na crise atual, inda é uma dessas perfidas e simuladas manobras do infenso Mattos, ou de algum **mashorqueiro**, bem como o Boticario, ou ...

— Não! — torna o ministro Lucas — José Gomes está despeitoso com o Boticario, Netto, e Bento, porque lhe tem usurpado o mando, ingerindo-se em negócios com Caxias, sem seu beneplácito, bem como o últimamente ocorrido com Almeida.

Apoiada unânimemente a minha opinião, assentou-se em que partisse Lucas a trazer para o exército a José Gomes, e eu a ir a Bagé mover o Vigario apostólico Chagas, a vir ocupar o seu posto de ministro do exterior junto à pessoa do presidente. Meu discurso foi mil vezes caloroso e muito mais extenso, quando tratando-se da nomeação de um mi-

nistro da fazenda(*) para substituir o atual e lembrando-se o general Silveira de mim, fui forçado a começar a refutação que fiz de tal lembrança pela maneira seguinte:

— Como? Como hei de eu aceitar? Acaso já terão fechado as feridas que V. Excias. fizeram com seu indiferentismo, em todo o coração bem formado, que ardente, e desinteressadamente atropelando os **mashorqueiros** punhais se expunham com denodo contra um bando de tão inveterados ladrões? Enquanto ardíamos, não estavam V. Excias. no remanso? E na estância da morte, deixaram já de pedir vingança os manes de Paulino e Onofre?... Eu não; eu tenho medo da reação, e também estou resolvido, a meu turno, a observar do remanso os esforços de V. Excias.

Inda segui mencionando a incapacidade dos atuais comandantes de divisões, brigadas e corpos, que, com poucas exceções, estão precisando de correção e reforma.

Basta, é tarde e já saí do preceito que a poucos dias me tinha imposto de não mais tratar nas nossas cartas destas cousas. Porém, minha querida, isto foi um acontecimento que devem saber algum dia nossos filhinhos, e que cada vez mais te fará acreditar que tenho deixado para sempre a carreira pública. — Adeus, etc.

Campo na margem oriental do Jaguarão, junto ao passo do Cascável, 15 de agosto de 1844.

Escreveu hoje o ministro Lucas ao general, dizendo que recebeu notícia de que José Gomes vinha para o exército, e que havia ficado na divisão do Netto, e em consequência amanhã sigo para Bagé a trazer o Chagas (**). Mas esta vinda de José Gomes para onde está o malvado Boticario talvez seja infausta. — Adeus — etc.

José Gomes volta para o exército; Fontoura segue a Bagé.

Quebracho, no passo das Mortes, 16 de agosto de 1844.

Um belo dia de agosto presidiu hoje nossa marcha para Bagé; viemos fazendo quasi todo o trânsito pelo Estado

(*) Era então ministro da fazenda José Francisco Vaz Viana.

(**) Vigário Apostolico e ministro do exterior, padre Francisco das Chagas Martins Avila e Souza.

A caminho de Bagé pelo Est. Oriental.

Oriental, porque do Campo do Contrato do passo do Cascável no Jaguarão donde nos desprendemos da fôrça, é mais curto o caminho para ir a Bagé por aquele Estado, e hoje teríamos chegado, si não houvessemos saído tão tarde da fôrça. O Zeferino, compadre Frutuoso, Gabriel, vão comigo e o Portinho, nosso compadre, virá conosco, porque inda está em Bagé. — Adeus — etc.

Bagé, 17 de agôsto de 1844.

Hoje chegamos a êste povo e falando com o filho do Baía, me disse que amanhã segue para êsse lugar, e por conseguinte já te escreví uma carta, e outra para o compadre Fabiano, para êle levar. Porém, êste caderno e os mais não quis dêle confiar, porque é muito jovem e seguramente muito indiscreto.

Já falei ao Chagas. Assentiu em ir, não de muito boa vontade, porque, diz êle, que é tarde para ir remediar tanto êrro! Depois de amanhã deveremos sair, e eu tomara que fôsse já, pois não gosto de estar longe da fôrça, em ociosidade. — Adeus — etc.

Bagé, 18 de agôsto de 1844.

Terrível foi o dia que passei hoje!

Desde ontem que o Gabriel havia saído com um camarada do compadre Frutuoso, ao Rodeio Colorado para trazer uns cavalos; a falta que temos atualmente de semelhantes animais fez com que eu não impugnasse esta jornada do Gabriel. Devia porém êle voltar esta noite passada, e não o tendo feito, avalia tu qual seria a minha angústia, muito principalmente quando um cruel pressentimento me dizia que alguma cousa lhe havia acontecido. Ao entrar do sol sigo do meu acampamento para a povoação, e inda alí não tinha chegado o Gabriel! Escurece e eu sempre na cruel incerteza... São sete e meia da noite. Eis que chega o Gabriel são e salvo sem nada lhe haver acontecido. Eu porém, que recobro então sossêgo, e cheio de alegria, entro a inquerí-lo, e já a protestar-lhe que nunca mais sairá sinão comigo.

Chagas
acha que é
tarde para
remediar
tantos erros.

Dia terrível;
Gabriel
preso; gratidão
a Israel
Varão.

Pois, minha Clarinda, foi êle muito feliz, porque, dando a casualidade que com êle se encontrassem um official e dois soldados do inimigo, que iam de próprio do Moringue ao Caxias, foram por êles presos, mas não desarmaram nem ao Gabriel nem ao companheiro, e depois de caminharem com êles até o fim do dia 17, os soltaram. O official chama-se Israel Varão(*) e si alguma vez fôr nosso prisioneiro, lhe seremos gratos. E o Gabriel nunca mais sairá de mim. — Adeus — etc.

Bagé, 19 de agosto de 1844.

Ora inda não saímos hoje por causa do adoentado vigário. Fica para amanhã a viagem, e eu aproveitarei o resto do dia e parte da noite para persuadir ao nosso compadre Portinho a ir conosco para o exército, pois êle está resolvido a ficar aquí até a nossa volta, porém fica mui exposto e não deve fazê-lo. — Adeus — etc.

Retardada
a viagem de-
vido a doen-
ça de Cha-
gas.

**Margem ocidental do rio Negro, junto à casa do Nogueira,
20 de agosto de 1844.**

Aquí viemos pernoitar, tendo saído hoje de Bagé com o vigário Chagas. Nosso irmão Portinho inda alí ficou. — Adeus — etc.

Em viagem
com Chagas.

**Margem oriental do Jaguarão, abaixo da estância do Contra-
to, 21 de agosto de 1844.**

A meia légua da fôrça viemos hoje ficar, e não chegamos a ela porque o vigário não sabe caminhar de noite! Inda não parece farrapo! — Adeus — etc.

Chagas
não parece
farrapo!

(*) Êsse official do império, pertencente à divisão de Chico Pedro, foi o comandante da partida derrotada por Amaral a 18 de março, como remate à derrota infligida ao Moringue a 16. (Veja-se a carta de Fontoura de 18 de março).

Campo na margem oriental do Jaguarão, 22 de agosto de
1844.

A força
está resumi-
da; movi-
mento de
forças no
Est. Orien-
tal; proeza
de Carvalhi-
nho; Frutu-
oso Rivera
pede auxílio
aos farrapos.

Pouco há que acabamos de chegar a esta força, a qual está bastante resumida, não só pelas divisões que estão fora, como mesmo diversas partidas e o segundo corpo que com o tenente-coronel Augusto (*) mandou Canabarro reforçar o Guedes, o qual partiu das confluências do Pirai, em princípio do mês corrente.

Encontramos officios do Fruto (**) ao general, pelos quais conta ter em assédio, dentro do Cerro Largo, Dionisio coronel e 300 homens dos blanquillos; o mesmo Fruto está à frente da força sitiante e o compadre Carvalho com o seu corpo também ali se acha, ajudando a facção oriental, porque tendo para aquele Estado seguido a reunir-se com o tenente-coronel Cabral, para trazer-nos alguma remonta para o exército, recebeu Cabral oportuna ordem de Rivera para se lhe reunir com sua gente e Carvalho; sendo este o primeiro que (por tocar-lhe a vanguarda) mediu as lanças com as dos vassallos de Rosas e Oribe, e com tanta audácia que de rojo os levou ao abrigo de seus entricheiramentos. Fruto solicita mais de nós o ajutório de uma peça e cem homens de infantaria e munições, para fazer render os sitiados. Estava por isso embaraçado o general. Asneira! Pois nada é mais do que o cumprimento do que trataram em março d'este ano junto ao Quarai, na tal entrevista dos generais, presidente e Mattos. Então tudo eram flores... oh! tudo! E agora?

Sempre assim tem Rivera desfrutado os nossos mesquinhos recursos, e o continuaria a fazer si a Providência não arrancasse de nossa terra o maldito mulato Mattos! Agora cumpram. Trataram-no. Embora fiquem as fronteiras de Jaguarão e Quarai expostas à invasão dos degoladores blanquillos. — Adeus — etc.

(*) Tenente-coronel Augusto Inácio de Barcelos.

(**) Frutuoso Rivera, a quem denominavam simplesmente Fruto, ou D. Frutos.

Campo junto a Jaguarão, 24 de agosto de 1844, no passo do Salso.

Ontem pela tarde chegou o presidente Jardim, ministro Lucas, e Viana, e hoje mudámos de campo, uma légua abaixo do que desocupamos. Com a chegada do presidente, desatou-se o nó górdio e o auxílio que pedia o Fruto marchou hoje em companhia do major que êle para êsse fim comissionou. Foram 45 praças de infantaria, um capitão, três subalternos e um corneta, e um capitão e 7 praças de artilharia, com a peça e munições; não indo o total da infantaria pedida, por não haver no campo, pois as demais praças estão na divisão do Netto, que as levou com desígnio de bater o Moringue.

Nó górdio
desatado;
marcha de
forças pedi-
das por Ri-
vera; Fon-
toura tem o
desígnio de
deixar a pá-
tria.

Tanto que tenhamos melhorado de cavalos, voltaremos para o município de Alegrete, e si no entanto não houver ocorrido uma mudança radical no governo do Brasil, que o force a aceitar a conclusão da guerra, eu seguirei para o país que sabes, indo antes dizer-te adeus!

Minha Clarinda, em menos de um ano faremos o duro sacrifício da ausência, sacrifício porque já temos passado sem fruto, e com risco, ao mesmo passo que o que agora pretendo nenhum risco tem e me facilita o meio de ganhar a subsistência de nossos caros filhinhos. — Adeus — etc.

Campo junto ao passo do Salso, em Jaguarão, 25 de agosto de 1844.

Que tanto tem custado nestes feios campos a desabrocharem as flores, a reverdecer o trevo, e as ervinhas. Parece que não estamos no fim de agosto! Será que o mesmo tenha por aí acontecido? Inda estarão sem rosas, os rosais da aldeia? E aquele passarinho que nas figueiras da chácara outrora principiava tão cedo o seu grande ninho de pausinhos e espinhos, não terá ainda começado? Ah! já sem dúvida nesse clima nosso sorri a primavera! E disse eu me ressinto, porque minha barba nestes últimos dias tem aparecido mais branca, e me lembro muito bem que a primavera passada me

Divagações
de Fontou-
ra; sossego
de espírito
em relação
às cousas
públicas.

aconteceu o mesmo. Eu creio que este ano não me hão de nascer tantas brancas como o passado porque tenho mais sossêgo de espírito relativo às coisas públicas. Tenho certeza da tua saúde, e o que mais me anima, segurança de que em breve nos reuniremos. Mas a idade da minha Lindoca, a distância em que estou dela vai seguramente pôr-me nesta primavera o queixo da côr de um capuchinho de algodão. — Adeus — etc.

Campo junto a Jaguarão, 27 de agosto de 1844.

Para dis-
trair-se Fon-
teoura faz
versos.

Ontem não te escreví, porque mudamos de campo, e marchamos como uma légua ao longo da costa do arroio; não era já cedo quando principiei a fazer uns versos para uma quadra que me deu e pediu o tenente-coronel Rocha que glosasse. E como não tenho achado um campo formoso para riscar, estive com isto entretido, e para que os vejas, aqui vou transcrever.

Quem deixa o pátrio lugar
arremeda o passarinho,
que, buscando o clima alheio,
perde a pátria, e perde o ninho.

— GLOSA —

Quem da pátria a aura respira
minora a angústia do fado;
e não é tão desgraçado
quem de amor nela suspira,
como aquele que delira
da ausência no duro penar;
pois por contraste singular
com o amante, e pátria querida
quasi deixa a doce vida,
quem deixa o pátrio lugar.

Seja embora a natureza
mais pródiga noutro clima,

junte-se a ela o que se estima,
das artes por mais beleza,
que da pátria a singeleza
tem pra mim mais grato alinho,
pois no estrangeiro caminho
quem não vê quão vacilante,
o lasso e triste viajante,
arremeda o passarinho?

.....

Mil vezes na pátria quero,
dúbio fado, tudo sofrer;
quero mesmo pobre viver,
entre o povo meu sincero,
porque nisso não altero
delícias do nativo seio;
delicias, cujo recreio
tem um sabor tão singular
que antes morto no pátrio lar
que buscando clima alheio.

Da Trácia gente o cantor
o inferno doma e rende
e da França se desprende,
de Lafayette o nobre ardor:
um pela espôsa o move amor;
outro aos déspotas é azinho,
e só assim não é mesquinho
quem com tal heroicidade
pelo amor e liberdade
perde a pátria e perde o ninho.

Ora que hei de fazer, minha Clarinda, nas horas em que,
aborrecido de tudo, parece que se aborrece até a própria
existência! E' então quando cuido destas ninharias, nisto
me divirto e torno mais curtas essas horas de tristeza. —
Adeus — etc.

Campo em Jaguarão, 28 de agosto de 1844.

Frutuoso Rivera levanta o sítio de Cerro Largo.

Hoje chegaram officios de Fruto; suspendeu o sítio de Cerro Largo, porque em socorro dos sitiados veio o general Urquiza com 2.000 homens, segundo diz Fruto, e êste achasse com mil e quinhentos, tendo as mais divisões noutros destinos, pelo que teve de retirar-se, e provâvelmente virá occupar Asseguá, si dalí o não tocarem. Bem dizia eu quando te escreví de Quaraí, respeito a tal entrevista, pois quasi estou fora da dúvida que então tinha com respeito aos nossos governantes, porque hoje é que os ví lembrarem-se de compromettimentos, e não no áto de fazerem o tratado! Porém, assim o ordenavam os senhores Bambá e Mattos. — Adeus — etc.

Campo junto a Jaguarão, 30 de agosto de 1844.

Fentou-ra cheio de tristezas.

Hoje mudamos campo, e estamos como uma légua afastados do arroio, um pouco na direção de Candiota.

Ontem não te escreví, porque estive todo o dia com uma tristeza mortal! Ah! nenhum consôlo tinha! Um momento da idéia não me saía a tua imagem, e a saudade rasgava sem dó e sem obstáculo todo o coração!

As belezas de que se vão ornando os dias com a entrada da recente primavera, quanto aumentam minhas angústias! E quanto é certo, que aos olhos do infeliz, tem o esplendor da natureza, o mesmo molesto clarão do relâmpago! E sem ti, e sem os filhinhos, que me importa ver ou não desabrochar as flores! — Adeus — etc.

Campo junto a Jaguarão, 31 de agosto de 1844.

Bento Gonçalves reúne-se a Netto com o fim de bater Chico Pedro.

Hoje não mudamos de campo mas amanhã estou que o faremos; e Deus queira porque já estou aborrecido da péssima água do Jaguarão; e também a ver si occupamos algum campo que seja bonito para riscá-lo.

Consta que o Bambá já se reuniu ao Netto, voltando da

Encruzilhada sem nada fazer; e há dois dias marcharam para surpreender ao Moringue, que está entrincheirado em Cangussú. — Adeus — etc.

Campo em Candiota, junto ao passo do Costa, 1.º de setembro de 1844.

Enfim apareceu a aurora de setembro inda brilhante! Tal parece ser a tendência que tem o povo americano para pugnar os seus direitos, que nem o seguido desastre de nove anos o faz ceder ao colossal poder do império; nem o envilecimento e nulidade a que nos tem querido reduzir o mais mesquinho dos tiranetes, o Bambá, com seu imundo séquito, têm feito descoroçar da encetada carreira, a tantos rio-grandenses, que fascinados se despenham em prol da liberdade!!

Oh! Deus! Ser incompreensível! Uma vista de paz voltei ao Rio Grande. — Adeus — etc.

Campo em Candiota, junto ao passo do Costa, 2 de setembro de 1844.

Não, não creias que estou deslembado do projeto que tenho de deixar a minha pátria... Um lampejo de esperanças se me antolhava nas últimas notícias do Brasil, mas elas não se têm realizado! A direção que preciso dar aos meus negócios, é só o que me demora; e cada um dia vale um século! Sim, porque não mais que um ano tenho de estar ausente da minha Clarinda e dos nossos filhos! E' só um, e em comparação aos nove que temos visto passar, cheios sempre de dissabores, êle será curto. — Adeus — etc.

Campo em Candiota, 4 de setembro de 1844.

Ontem mudámos de campo, três quartos de légua acima do que ocupávamos, e não só por isso, como que estava um tanto encomodado de dores de cabeça, e embrulhamento de

Imprecações de Fontoura.

Esperanças que se foram; persistência, em deixar a pátria.

Mudança de campo; Rivera e Urquiza; escaramuças.

estômago, andaço que tem grassado, provavelmente da péssima carne e más águas, motivo que te não escreví ontem; hoje já me acho bom.

Chegou ontem o compadre Carvalho com a expedição que foi em auxílio de Fruto, êste ficou por Asseguá, dando descanso aos cavalos enquanto que também Urquiza não o pode perseguir por falta de cavalos; e também receia que Fruto reúna as mais divisões que tem em diversos destinos, e o bata.

Carvalho trouxe como mil potros, redomões, e mulas para remonta do nosso exército e nas escaramuças que teve por Cêrro Largo, tivemos um guarda-nacional ferido, e o tenente Antonio José Jacaré também ferido em uma mão, ao qual mandou o Fruto uma patente de capitão do exército oriental, vencendo soldos e gratificações correspondentes, em recompensa de haver derramado seu sangue em defesa da república. — Adeus — etc.

Campo em arroio Malo, 5 de setembro de 1844.

Pouco mais de uma légua marchamos hoje; porém como passámos o arroio Malo onde êle se torna quasi em banhado, que é junto da embocadura no Candiota, pareceu por isso mais comprida a marcha pelo mau caminho. — Adeus — etc.

Maus caminhos.

Campo na coxilha do Eral, no dia 6 de setembro de 1844.

Fazem três dias que o tempo está arruinado, porém nada de chuva, e não sei si é por isso que tenho sofrido muitas dôres de cabeça. — Adeus — etc.

Tempo ruim mas sem chuva; dôres de cabeça.

Campo na coxilha do Eral, no dia 7 de setembro de 1844.

Finalmente tem chovido hoje muito e eu penso ficar bom das dôres de cabeça.

Foi tomada uma grande quantidade de officios, e cartas

para o barão de Caxias; vão comunicações interessantes, e que bastante interessa ao general saber. Todavia no que é do Rio de Janeiro nenhum vislumbre dá de pacificação!

Chuva; correspondência interceptada; remédios eficazes.

Hoje descobri um receituário para o reumatismo, tinha-o o José Gomes presidente, pedi-lhe e prontamente me deu o próprio folhetinho que costuma acompanhar as garrafinhas do tal xarope, do qual êle fez uso e ficou são perfeitamente da gota! E' êste um remédio há pouco descoberto, e dêle podes usar, pois é tão excelente que quatro vezes tomado faz desaparecer a moléstia; amanhã tenho que tirar outra receita para curar a paralisia parcial, também eficaz e muito simples; e como não sei qual das duas moléstias é que padeces, si o reumatismo ou a paralisia, levô os dois receituários, e deixo de fazer aquí minuciosa menção do modo porque êles se deve usar, porque eu mesmo serei o portador. Sim, eu mesmo, porque tanto que Caxias avance mais para êsse município, nossa fôrça marchará sôbre êsse ponto, com o general em chefe. — Adeus — etc.

Campo no Salsal, no campo do Dias, 8 de setembro de 1844.

A chuva continuou ontem todo o dia, e a noite e só hoje depois que amanheceu cessou. Pela tarde levantámos o campo, e ao pôr-se o sol, acampamos.

Desde 6 que não saí de minha barraca, já por dar mais culto à minha eterna tristeza, e já por causa da chuva; quando me resolvi esta manhã ir ver alguns dos amigos e porção de officios, cartas, e folhas, vindas da côrte para o exército imperial. Dirigi-me ao quartel general para saber de alguma cousa interessante. Passados alguns minutos, principiaram a ler os officios e cartas; e que pensas tu, minha Clarinda, que mais interessou a roda de ouvintes que estavam? A leitura de uma estensa, porém simples, e singela carta da espôsa do barão de Caxias, e que pouco dizia de públicos negocios! A carta de uma senhora a seu marido, é o que interessou mais e que por mais de uma vez se leu!!!

Fontoura retralido; a correspondência de Caxias; aviltamento de caráter.

Ao mesmo passo que importantes officios, parecia que nem apenas os compreendiam! Que é isto? Que espécie de

aviltante embriaguez tem êsses nove anos de revolução sacudido sôbre o caráter generoso de meus patrícios! Não vi ler o resto dos officios, nem folhas, retirei-me, e retirei-me pesaroso por não poder furtar essa carta, e dá-la às chamas, para que não continuasse ela a ser o brinco dêsses que jamais conheceram e menos sabem avaliar as singelas expressões de uma espôsa ausente! E eu inda hei de dar em não sair da barraca senão em serviço, porque já não é a primeira vez que, procurando distrair-me, volto mais penalizado. Já estou bom das dôres de cabeça. — Adeus — etc.

Dôres d'e
cabeça; um
ano de au-
sência!

Campo nas Pedras Altas, 10 de setembro de 1844.

Ontem aquí acampámos, e eu não te escreví porque tive um terrível dia de dôres de cabeça, que me mortificaram até mais de meia noite! Hoje estou completamente bom graças ao Céu. Estamos em setembro, e faz justamente um ano que estive contigo, e com os filhinhos em Alegrete! Que dias de angústias, tem feito êste ano mais comprido que todos os da minha vida! ...

Mas está acabado e outro não correrá semelhante. — Adeus, — etc.

Campo nas Pedras Altas, 11 de setembro de 1844.

Inda te não contei o muito que me tem servido a camisa de baetilha que me mandaste. Eu estava quasi privado de ler à noite por causa do frio, mas com tal auxílio tenho lido e com o braço bem agasalhado.

Uma cami-
sa de baeti-
lha; recorda-
ções de Côr-
te Real.

Está tocando a silêncio... pouco há que as cornetas sopraram as primeiras notas, cujo som agudo e descompassado é logo interrompido por aquelas bandas de música que costumavam tocar na porta de nossa casa em Alegrete. Ah! que viva tem a minha imaginação a imagem do nosso Afonso! (*) Música cruel, quantas vezes assoberbas a angústia que me dilacera. — Adeus — etc.

(*) Afonso José de Almeida, Côrte Real, morto a 18 de junho de 1840, na estância de Santa Bárbara ou do Salgado, de propriedade do velho Marco Alves Pereira Salgado, onde foi suspreendido êle e alguns companheiros por uma patrulha de Chico Pedro, comandada por João Patricio de Azambuja.

Campo nas Pedras Altas, 12 de setembro de 1844.

Hoje andei correndo o campo contemplando as flores, as árvores e as colinas; colhia uma e outra florinha, estudava de novo a sua para mim quasi deslemburada forma.

O lento desenvolver da vegetação julgo que não quer êste ano brindar-nos com as belezas da primavera. Não sei, mas parece-me que os mesmos pássaros tem olvidado seu cântico! Será que a natureza esteja preparando o ataúde à República? — Adeus — etc.

As flores
custando
a desabro-
char; estará
a nature-
za prepara-
ndo o ataú-
de da Repú-
blica?

Campo nas Pedras Altas, 13 de setembro de 1844.

Não era exata a notícia que correu de estar Bento Gonçalves com Netto, pois aquele se vai conservando além do Camaquã, e êste por estas circunvizinhanças. Moringue evacuou o Cangussú, e atualmente está em Pelotas, segundo a última participação do Netto. Chegou ali com só 50 homens a cavalo, levando enfeixado o arriame pela falta de montaria. Também dão as derradeiras partes da frente o Caxias por Caçapava, e o grosso da divisão pelas confluências do Jaguarí, inteiramente a pé. Bastante lamento que não tenha êle avançado para esta parte, porque, como já te disse, o general seguirá a êsse ponto. Todavia inda não está falhado êste plano. — Adeus — etc.

Bento Gon-
calves em
Camaquã;
Chico Pedro
em Pelotas;
Caxias em
Caçapava, e
suas forças
em Jaguarão
inteiramente
a pé.

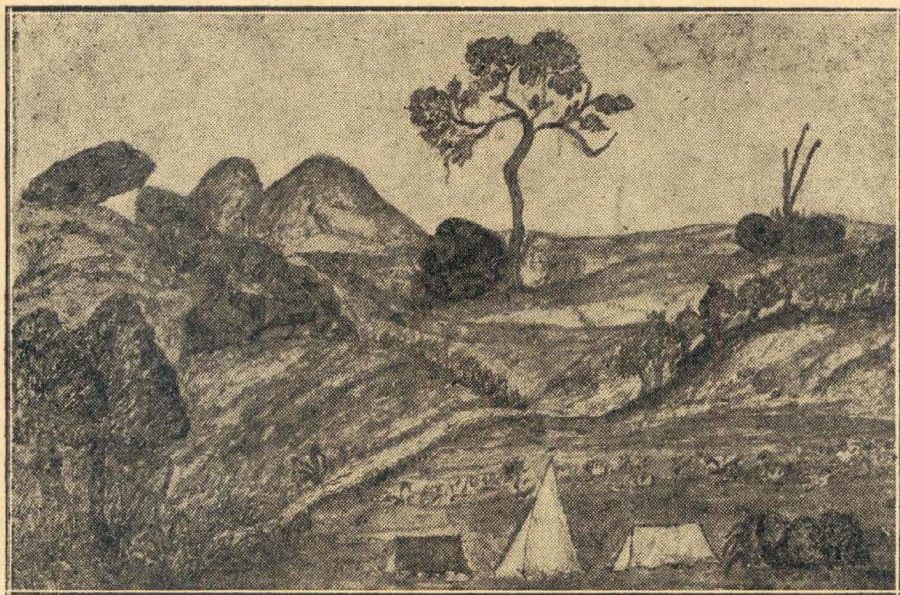
Campo nas Pedras Altas, 14 de setembro de 1844.

Temo-nos conservado aquí alguns dias, mudando apenas o campo a pouco mais de meia légua.

Poucos lugares há no país, que tenham um nome tão apropriado à sua situação local como êste. Pedras Altas se chama, e verdadeiramente são altas. A estampa que se segue representa o meu campo de hoje, e por ela verás essas massas enormes que de espaço a espaço atravancam os campos; e porque tardia me tem parecido êste ano a primavera, é que não vai um campo todo de flores matizado, visto que o pintor

Considera-
ções; breve
descrição do
campo.

não deve ser mentiroso, e que necessário é cingir-me a esta regra, a qual a meu ver vale muito mais do que o encantador



desenho de imaginárias belezas. Todavia já algumas florzinhas aparecem, e pouco a pouco elas irão desabrochando. — Adeus — etc.

Campo junto aos Moreiras, 15 de setembro de 1844.

Ao menos não nos faltam notícias de esperanças, notícias enfim da pacificação do país!

Hoje recebeu o ministro Lucas uma carta do general Netto, em que lhe diz: — “Chegou ao Rio Grande o general Paz, vindo do Rio de Janeiro. Com êle veio o ministro da guerra do governo imperial, dizem que para abrir a campanha contra Rosas, e terminar a guerra atual”.

Si é verdade, mui breve o saberemos, e sem dúvida se efetuará uma transação amigável... Ah! com que prazer te farei logo participante de um sucesso que enxugará tuas lágrimas!

Notícias de
uma campanha
contra
Rosas; pro-
vável fim da
revolução.

Que ventura, si não fôr forçado a deixar minha pátria, e minha querida família por mais um ano! Verdade é que na correspondência há pouco interceptada ao inimigo, se encontra um officio do ministro do exterior dirigido ao barão de Caxias, e datado de 8 de julho passado, em que lhe ordena que não consinta que o general Paz atravessasse êste país para ir a Correntes, e que nem mesmo possa sair das praças centrais para a campanha; mas quando êste officio se escrevia, ainda não havia chegado à Côrte o referido Paz e nem o govêrno imperial contava com a chegada dêle alí porque o *Jornal do Comércio* o dá entrado no Rio a 16 do mesmo mês de julho.

Seja o que fôr, o certo é que si o Brasil não faz causa comum com os inimigos de Rosas, tarde e já sem remédio se arrependerá da sua pérfida neutralidade, com respeito à questão Oriental.

E como, minha Clarinda, só anelo a conclusão desta nossa malfadada luta, acredito sempre estes boatos, e é por isso que já fico recorrendo à imaginação pela escolha do diligente próprio que te deve levar tão plausível notícia. — Adeus — etc.

Campo junto aos Moreiras, 16 de setembro de 1844.

O compadre Frutuoso foi hoje a uma casa ver um soldado doente, e na sua volta trouxe-me um ramo de flor de laranja. Ah! si viras a alegria que me deu esta simpática flor! Si souberas as doces recordações que assaltaram minha alma com o gôzo de sua mimosa fragrância, quanto te enternecerias! ... Eu cria, vendo-te receberes um ramo por mim colhido! Eu julgava ver-te abrindo um dos nossos baús de roupa, nesse tempo em que usávamos misturar-lhes essa bela flor! Eu pensava enfim que passeávamos juntos, à sombra dessas formosas árvores, na quadra em que as suas auri-verdes roupagens, se matizam com o branco mais primoroso, em-balsamam os ares, e dão grato e suave mel aos beija-flores! Ilusão querida! Quantas horas me deste o prazer dos Numes. — Adeus — etc.

Divagações
de Fontoura.

Campo no passo da Varzinha, 17 de setembro de 1844.

Fontou-
ra cuida de
sua vida eco-
nômica.

Quando mudámos hoje de campo, o compadre Frutuoso se apartou de nós: foi com ofícios ao Fruto, e depois segue à Música, com licença, ensejo que julguei favorável para encarregá-lo de remeter para Cima da Serra quinhentas éguas ou mais, as quais mando entregar a José Manuel Lucas Anes, ausente ao parente Rodrigo, para estabelecer ali uma cria de mulas de minha conta, porque, como aqui e no Estado Oriental, nenhuma segurança existe de propriedade, prudente é dividir os interesses, afim de que alguma cousa escape ao furor dos partidos. Oxalá que o compadre com o seu costumado descanso não olvide este negócio. — Adeus — etc.

Campo junto ao passo da Varzinha, 18 de setembro de 1844.

O inimigo
reforçou suas
divisões; na
expectativa
dos movi-
mentos de
Caxias.

Ontem ao levantarmos o campo, apartou-se a peça para esconder-se, e ficarmos assim com mais mobilidade, visto que dela apercebido o inimigo reforçou suas divisões com a mesma arma, e nada por agora nos serve.

Permanecemos ainda na expectativa do movimento de Caxias, para encetarmos nossa marcha para êsses lados. — Adeus — etc.

Campo junto ao passo da Varzinha, 19 de setembro de 1844.

Anseios de
paz.

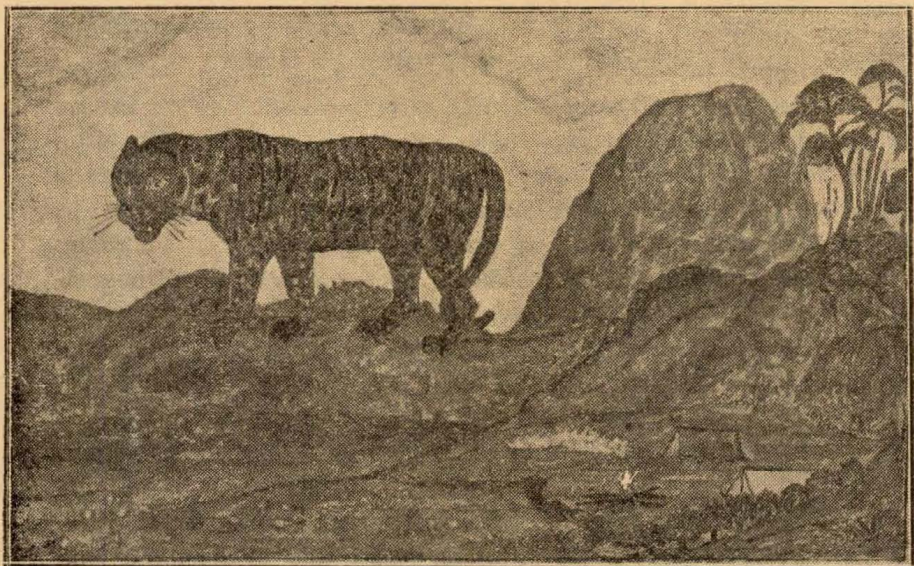
Já se demora a realização da notícia de estar o general Paz, e o ministro da guerra brasileiro no Rio Grande, para tratarem de negócios de acomodação; pois, a ser verdade, não é este um negócio de delongas; porém como os desejos sobram, não desespero de todo da certeza de semelhante notícia, suposto que tem sido a tempos o chavão do egoísmo. — Adeus — etc.

Fontou-
ra desitui-
do; continua
acusando
Bento Gon-
çalves.

Campo junto ao passo da Varzinha, 20 de setembro de 1844.

Quão mudada e quão diferente aparece a aurora de Vinte, no céu do Continente! No ano de 35, quão fulgurante e esperançosa impulsou ela todo o coração americano! Quão lu-

tuosa e triste hoje, desanima a todo o brasileiro que, atento no prisma de Justiça e da Liberdade, vê apenas o longínquo lampejo de uma esperança que a razão não pode tolerar sequer, com a rapidez do relâmpago. Sim, que a maldade dos homens, que o mau fado da América e a estirada especiação de nove anos, não são autoridades que destruir possam as belas teorias do sublime, por mais que o primor da arte, eminentemente desenvolvido pelo ardimento de corações, faná-



ticos pela sacrosanta Liberdade, nos assegurem que a derradeira hora dos tiranos está chegada. Oh! almas sublimes, quanto invejo eu vossa perseverança advogando a causa da América! Porém, devo eu seguir-vos? Não vos terá fascinado a bondade de vosso coração, vossa inata singeleza? (*) Sim, tem. Oh! Liberdade, nome vão! Será isto uma blasfêmia? Ah! que o diga o Brasil, que (ai de mim!) o declare o Continente!

Alí o hediondo monstro do despotismo, nove anos antes,

(*) E dêste séquito é sem dúvida o incomparável patriota coronel Ilандe. (Nota do manuscrito).

a mêdo, uma vez ou outra fazia rodar seu carro ensangüentado. Aquí, ó doce pátria minha, soava apenas o pavoroso estrépito dessa carroça infernal, e logo o geral e público anátema dava mortal sacudimento ao tiranete que ousava insultar-nos. E hoje todo o Brasil é escravo, e o Rio Grande, além de escravo, envilecido!

Oh! meu Deus, e eu o digo. Detestável, ímpio Bambáqueré, monstro! Tu, só tu és a causa do envilecimento de minha pátria. Si tu não fôras, hoje livre e senhora, colocada na lista das nações, teria dado mão poderosa às oprimidas irmãs e quiçá quebrado mesmo os ferros de todo o Brasil.

Mais ou menos, minha Clarinda, com estas idéias, estava eu esta manhã e com o lapis apanhando os primeiros traços do meu campo de hoje, pretendendo desenhá-lo, em solenidade do dia de nossa pátria, quando horrorizado dos crimes do Bambá, quis retratá-lo na mesma estampa, e não achando alegoria que bem representasse êsse monstro, fui insensivelmente riscando um tigre.

Porém quanto dista o coração desta fera ao do malvado Bambá! — Adeus — etc.

Campo junto ao arroio dos Pires, 21 de setembro de 1844.

Só de um quarto de légua foi nossa marcha hoje, como para mudar de pasto aos animais, e ao longo do mesmo arroio em que estávamos.

O Compadre Carvalho ontem viajou para a Música. Tanto apurou êle o general que concedeu-lhe licença, ficando porém o corpo de seu mando, porque êle vai puramente para ver a comadre e tratar de alguns negócios particulares.

Nosso irmão Portinho está a chegar aquí de Bagé, segundo diz o major Jacinto (*) que dalí chegou: êle Portinho havia se conservado por lá desde que eu vim, não só por um tanto incomodado de saúde, como desgostoso.

Quanto a mim, minha Clarinda, só me aflige estar au-

Noticias
sobre Carva-
lho e Porti-
nho; filoso-
fia de Fon-
toura.

(*) Major Jacinto Antunes Pinto.

sente de ti, que enquanto à injustiça dos homens, jamais dá rebate ao meu coração, porque nem dêles quero outra cousa, tanto os tenho estudado. E oxalá que meus amigos aprendam a compreender esta meiga e consoladora filosofia. — Adeus — etc.

Campo junto ao arroio dos Pires, 22 de setembro de 1844.

Fora das horas do costume, hoje principio a escrever-te, porque pouco há que se acabou o alarme, o qual muito curto me pareceu, pelo ardimento com que defendi a causa da razão e da liberdade, contra os ataques do egoísmo e da ambição.

Cartas que hoje recebemos do patricio M. L. ⁽³⁷⁾ escritas de Pelotas, nos afirmam que é inevitável a guerra entre o Brasil e o tirano de Buenos Aires, e que o general Paz, com instrução do governo brasileiro havia seguido a Santa Catharina, encobrindo assim na Côrte ao encarregado de negócios argentino, sua missão real, que é a de vir a esta província, onde prestes deve chegar; e isto enquanto se preenchem as formalidades para a declaração de guerra, que pretende o governo imperial fazer a Rosas, para o que, dizem as mesmas cartas, manda o governo imperial propor-nos a pacificação, cujos pontos cardiais são mais ou menos os seguintes:

Noticias
de Pelotas
comunicam
que é inevi-
tável uma
guerra con-
tra Rosas e
que o gover-
no imperial
ia propor a
paz; Fonton-
ra advogado
da paz.

“São reconhecidos nos mesmos postos todos os officiaes da república; libertos todos os escravos que tem estado ao serviço das armas da república; reconhecida a nossa dívida interna e externa, etc. etc., com a condição de ajudarem os republicanos a guerra contra Rosas”.

Pois estas proposições, que a meu ver são razoáveis, atento nosso estado atual e a nulidade a que nos reduziu a péssima administração do Bambá, foram estolidamente refutadas em públicas e acaloradas conversas, por alguns malvados, tais como o Teixeira e outros, a quem a malfadada revolução arrancou da miséria, da nulidade e talvez dos ferros da justiça.

(37) Provavelmente Manuel Lourenço do Nascimento que teve papel saliente na devolução. (*)

(*) E' Manuel Lourenço do Nascimento que residia em Pelotas e onde se achava nessa época. Manuel Lourenço escreveu vários apontamentos sobre a revolução.

Meu coração sincero e intolerante para com os malvados, não sofreu silencioso esta questão; eu advoguei com veemência a causa da pacificação, e é tal a soma de razões que temos para isso, que os antagonistas que não foram ou se não quiseram dar por vencidos, ficaram confundidos.

Oxalá que sejam verídicas as notícias, que de seu salutar efeito devemos confiar do bom senso rio-grandense e de seu nativo generoso caráter. — Adeus — etc.

Campo junto ao arroio dos Pires, 23 de setembro de 1844.

Inda uma vez, exigem os homens que me sacrifique ao furor dos homens!

Canabarro
insiste para
que Fontou-
ra seja mi-
nistro.

A pátria em perigo, as ruínas, o envilecimento dela, que ali, ali já se assoma, são as fascinantes e persuasivas frases de que se servem para arrastar-me ao suplício.

— E a vossa inconstância, lhes grito eu sempre, não tem mirrado o meu coração para o público serviço?

Em vão! Uma mal articulada desculpa, junto ao perigo da pátria, dá um voluntário estremecimento em todo o meu ser e já quasi olvido os ingratos e... Mas não, minha resolução não pôde transgredir ontem o Canabarro, a-pesar-de três compridas horas por êle instado e em nome do presidente Jardim para aceitar o ministério. Êle voltou à sua barraca com a negativa e eu fiquei na minha com a alma cheia só da tua imagem e mui apartado do turbilhão dos públicos negócios. Prepararam-me novos assaltos, mas êles serão frustrados; e finalmente eu só me prestarei no único caso de que disso dependa a pacificação do País. Por ti e pelo céu o juro. — Adeus — etc.

Campo junto ao arroio dos Pires, 24 de setembro de 1844.

Tem chovido hoje todo o dia e quão mesquinho acho em tais dias o recinto de minha barraquinha! E hoje que eu pretendia ir colher mel pelas grandes pedras que há neste distrito espalhadas pelos campos, pois aqui é onde as abelhas fabricam as suas colmeias, e em tanta abundância, que ao ver

Chuva; mel
em abundan-
cia.

uma destas pedras com uma ou mais fendas, é contar logo com outras tantas colmeias. Havendo uma alavanca, não é difficil tirar; mas mesmo sem êste auxílio, se tira, com um pau aguçado, uma faca e com outras pedras pequenas, com as quais se vai, a fôrça de pancada, tirando lascas da pedra grande e alargando mais a fenda, até que se aviste os favos, os quais são pouco maiores que um grão de milho, de forma esférica pela parte superior, e na parte inferior grudados por tal sorte à pedra que não é possível tirá-los sem entornar o mel, rompendo-se o favo. Ontem em uma só pedra, tirámos duas colmeias; tinham pouco mel, porém excelente, e principalmente o de uma, que era mui claro, a-pesar-de que as abelhas pareciam ser irmãs. Tirei também a cera, para fazer uns rolinhos que com pavio dão muito boa luz e é muito melhor para carregar do que as velas.

Ah! contigo e com os filhinhos todos como alegre não despojaríamos nós os trabalhadores insetos do seu grato e suave alimento! Que distração tão inocente e tão proveitosa estamos perdendo! — Adeus — etc.

Campo junto ao arroio dos Pires, 25 de setembro de 1844.

A chuva, que principiou a 23, ainda continua e com muita abundância; minha barraca hoje ficou furada do lado que caía a tormenta, porque foi acompanhada de pedras, e pedras não muito pequenas.

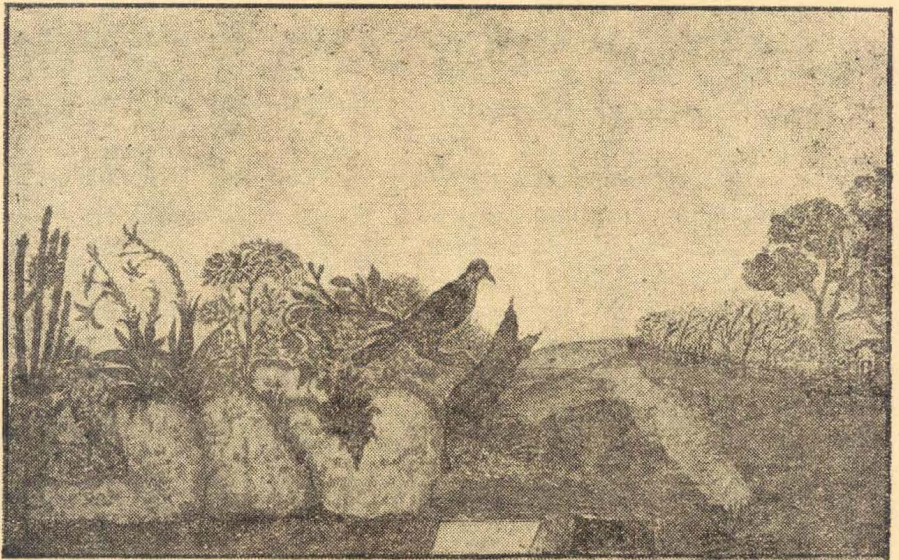
O Mota que a 27 de maio dêste ano foi ao distrito de Caçapava reunir as praças do corpo e encorporar-se logo ao exército, ainda não voltou, e nem notícias tem dado de si, tal é a insubordinação que a imbecilidade de uma administração iníqua arraigou no exército. E o mais, é que a isto baldadas são as esperanças de remédio. Deixemos porém estas idéias lugubres e vamos a distrair-nos com a explicação da estampa seguinte.

Junto de uma pequena colina, adornada dessas grandes pedras, que são nestes campos tão belo ornamento, como nos dessa parte do país os bosques, estabeleci o meu acampamento de hoje. Casualmente sai do pequeno banhado através das

Continua a chuva; insubordinação; descrição do acampamento; uniforme dos lanceiros; camiseta e gorro vermelhos; "flor Listarda".

pedras êsse pássaro que representa a estampa, e com o seu canto, inda que não harmonioso, porém alegre, nos chamou a atenção.

O Zeferino, que tem, apesar dos trabalhos, conservado aquele seu gênio alegre, o batizou logo com o nome de Lanceiro, por ter a cabeça e peito encarnados e o resto do corpo preto, assemelhando-se por isso aos nossos lanceiros. Eu fiquei com inveja desta lembrança do Zeferino e vendo as flo-



res que encima das pedras representa a mesma estampa, entrei a ver com que se assemelhavam mais, e assentei que devia chamá-las — Flor Listarda — , porque a flor é toda parecida, tem um pendão cor de rosa, suas três fôlhas são finas e da consistência das da flor de escama; no centro da flor tem uma côr de cana, e o demais é da cor de violeta; o cheiro se assemelha à flor de lima, e toda ela enfim parece mesmo uma moça bonita e magrinha. Convida a Listarda para madrinha que há de entrar com os doces para o batizado acabando a guerra. — Adeus — etc.

Campo junto ao arroio dos Pires, 26 de setembro de 1844.

Continua ainda a chuva e tão copiosa, que muitas vezes me tenho lembrado que, si não fôra a revolução, e ainda estivesse negociando na Cachoeira, teria êste ano a casa bem sortida de negócio para o verão, visto que vai a ser grande esta enchente chamada de S. Miguel, na qual eu costumava fazer vir as últimas canoas grandes. — Adeus — etc.

Continua
chuva copio-
sa; Fontoura
lembra-se do
tempo de ne-
gociante.

Campo junto ao arroio dos Pires, 27 de setembro de 1844.

A chuva de hoje sempre fez um estrago na minha barraca, porque veio acompanhada de vento e pedras não mui pequenas, que, dando do lado em que já havia um buraquinho na barraca, fez um rasgão grande; mas eu e o Zeferino já a remendamos, e como foi de pano de algodão branco, aparecerá de ora em diante com êsse defeito nas estampas. Mas não importa, porque quero ver si com esta mesmo acabo a guerra.

Chuva que
faz estrago
na barraca;
comissão de
Teixeira;
quartel de
inverno.

O coronel Teixeira ontem saíu com 200 homens a tirar cavalos e reunir gente, para o Erval e Jaguarão.

Por agora nossas marchas não tem sido mais que para mudar de campo, pois que verdadeiramente desde agôsto que tem sido quasi um quartel de inverno, e certo que na atualidade nem de outra forma o podemos ter. — Adeus — etc.

Campo junto ao arroio dos Pires, 28 de setembro de 1844.

Finalmente chegou hoje nosso irmão Portinho; está bom de saúde.

O general Netto, com uma divisão de 600 homens, também ficou a meia légua dêste campo, e amanhã marchamos não sei para onde. — Adeus — etc.

Chegada de
Portinho;
notícias de
Netto.

**Campo nas confluências do Piratini-chico, 29 de
setembro de 1844.**

Nossa marcha de hoje foi de légua pouco mais, e em caminho se reuniu o general Netto com a divisão.

Juncão com
Netto; Fon-
toura conti-
nua recusando o minis-
tério.

Tenho tido dôres de cabeça, não sei si as que me costumam dar, ou si por efeito de vir, em quasi toda a marcha, o velho José Gomes instando para que eu aceitasse o ministério! Que teima! e como se olvidam êsses homens tão pronto do que praticaram! Todavia eu tenho dado sempre a mesma resposta. — Adeus — etc.

Campo nas confluências do Piratini-chico, 30 de setembro de 1844.

Hoje saíu o general Netto com 300 homens para o mesmo ponto em que antes saíra o Teixeira. Veremos o que fazem.

Neto em comissão; ainda a guerra externa; justas ponderações.

Continua ainda a **falácia** de pacificação do país e declaração de guerra ao Rosas, sem que todavia se realize. Quanto lastimo a cegueira com que os governos e os povos desdenham dos seus reais e verdadeiros interesses! Por exemplo, o govêrno do Brasil, que dizem cede alguma cousa de nossas pretensões, sempre que nôs reunamos aos gaúchos do Rivera, aos estrangeiros de Montevidéu, para irmos guerrear o ditador Rosas. Pois não seria melhor que êsse mesmo govêrno nos desse tanto ou mais para ficar em paz o Continente e talvez o Brasil todo?

Não seria mais honesto e honroso sarar as fraternas feridas com o vivificante bálsamo da paz, do que novamente agravá-las com uma guerra estrangeira! Não é com a paz que nos havemos de fortificar para opor uma resistência justa e nobre a qualquer tentativa dêsse tirano, si por infelicidade da América chegar a triunfar nos campos orientais?

Ah! o tempo dessa liga tem passado, e hoje todo o pêso da guerra recairia sôbre o império.

Eu não advogarei jamais os interesses da pérfida neutralidade brasileira. Porém menos advogarei um rompimento movido pela diplomacia montevideana nos seus paroxismos, maximé quando êsse govêrno não sabe mais do que **traficar**. Enfim o decadente estado nosso, muitas vezes me faz sem reflexão correr após um meio qualquer de terminação da guerra, e sem refletir no futuro, semelhante aos cortesãos brasileiros, acreditar em ilusões, desprezando realidades. Seja o que fôr, conclua-se a infausta guerra! — Adeus — etc.

**Campo na divisa da estância das Pedras Altas com João José,
2 de outubro de 1844.**

Ontem não te escreví, porque estive sempre ocupado.

Grandes certamente já me parecem os dias, vendo lentamente perdidas as horas em que devia ocupar-me de ti e dos filhinhos, e desperdiçado nesta lida bruta, torpe e de envilecimento. De envilecimento, sim! porque se ocupam quasi sem exclusão os primeiros chefes de guerrearem-se uns aos outros com intrigas tão vís e baixas que cousa enfadonha e nojenta é referi-las. Que as cubra o olvido, que as ignore a posteridade!

**Dissenções
entre os
chefes revo-
lucionários;
Fontoura
continua re-
cusando o
ministério.**

Lidam ainda os homens pertinazes para que me faça cargo do ministério da fazenda: que estólida mania! Que falta de reminiscência do sucedido em 1842! Ou acaso pensam que tenho, com tanto desvario, desvairada também a cabeça! — Adeus — etc.

**Campo junto à divisa da estância das Pedras Altas com João
José, 3 de outubro de 1844.**

Pela parte que hoje chegou da frente, consta que o barão de Caxias, com sua divisão acampou nas confluências do Taquarembó e Jaguarí; e que o coronel Jeronimo Jacinto (*) que com uma escolta havia ido cêrca de Bagé, ao passo do Valente, falar a Fruto, já havia regressado ao acampamento do barão.

**Noticias de
Caxias, que
manda falar
com Rivera;
mau estado
de cavalha-
da.**

Sem dúvida o mau estado das cavalhadas é que moveu o inimigo a fazer esta parada; e eu nada gosto, porque quasi que frustrado fica o plano de marcharmos para êsses destinos; porém outra cousa é necessário empreender.

Tivemos hoje mais chuva e continuam indícios de que teremos outra enchente êste mês, como o ano passado. — Adeus — etc.

(*) Jeronimo Jacinto Pereira.

Campo junto à divisa da estância das Pedras Altas com João José, 4 de outubro de 1844.

Ventos variáveis; muito trabalho.

Ao romper do dia principiou a soprar um vento leste tão forte, que pouco tempo me demorei junto do fogo, a-pesar-de estar fria a manhã. Pelas 7 ou 8 horas mudou-se para o setentrião, e ao pôr do sol rondou para o sul, onde inda se conserva, com alguma garoa, bem como todo o dia.

Si a nossa campanha fôsse naval, como não estaríamos hoje desarvorados com tão rijos ventos!

Todo o dia escreví dando algumas horas de descanso à vista, que com o azul escuro da barraca se enfraquecia. — Adeus — etc.

Campo na divisa da estância das Pedras Altas com João José, 5 de outubro de 1844.

Os protestos de Fontoura; entrevista com o presidente; Fontoura emissário da paz.

Eis-me aí novamente, minha querida Clarinda, com aquele entusiasmo tão meu, envolvido no serviço da pátria! E agora dirás tu: — “Pois é possível Antonico! Esqueceste já tantos protestos?!”

Não, não esquecí! E’ o único, único! Sim, é o único que lhe posso prestar!

Estava eu esta manhã junto do fogo, ia principiar o mate com o coronel Daniel, quando um ordenança do presidente chega e diz-me que êle presidente queria falar-me... “Dizei-lhe que eu vou!” E não de muito bom grado fui calçando os botins e pondo-me pronto, porque eu julgava que era para novas instâncias para aceitar o ministério.

Chego enfim à barraca do velho presidente Jardim; ali estavam o general Canabarro, os ministros Lucas e Chagas, chegando pouco depois o general Silveira.

Dirigiu-se-me logo o presidente dizendo-me que em virtude de umas comunicações que ontem recebera do Fruto, me nomeavam para, junto dêle e do barão de Caxias, ir tratar da conciliação da guerra que existe entre nós e o império, e que exigia saber si eu poderia ir.

Respondí que estava pronto sempre que o govêrno me

certificasse que desta vez estava resolvido a cortar êste nó gordio, quero dizer, tratando da questão definitivamente e não deixando-a em embrião como das diversas ocasiões que disto se tem tratado. Responderam que sim.

Aceitei a missão e amanhã sigo ao Fruto e dali talvez ao exército imperial. O Fruto está acampado junto de Bagé e mandou o coronel Camacho para ir com o nosso enviado. Êle diz em seu officio que, segundo a autorização que tem do nosso governo, fez ao barão as primeiras proposições que seguiram pelo coronel Jerônimo Jacinto e que segundo a sua contestação se tratará do mais e de uma suspensão de armas durante o tempo que for mister para esperar a decisão da Côrte.

Si me viras hoje, minha Clarinda! Ah! como assomou às minhas faces aquella alegria que me era natural no ano 35! Oh! meu Deus! que pago ficarei eu das ingratidões dos homens, se consigo a pacificação da minha pátria! Iluminai-me! — Adeus — etc.

Campo, 6 de outubro de 1844.

Hoje principiámos a minha marcha, que, conforme te disse na minha de ontem, devia encetar.

Desde o primeiro dêste mês que tem ventado muito; inda continua um nordeste muito forte, e por isso tenho tido muitas dôres de cabeça. — Adeus — etc.

Em caminho do acampamento de Frutuoso Rivera.

Campo entre o Candiôtinha e Candiota, 7 de outubro de 1844.

Estou de sesteada aquí, pretendendo inda caminhar à tarde. Vou seguindo minha marcha, possuído ainda de muitas esperanças. — Adeus — etc.

Cheio de esperanças.

Bagé, 8 de outubro de 1844.

Ontem pernoitamos no campo do Contrato e hoje viemos a êste ponto com a noite, pretendendo sair amanhã logo que chegue o coronel Camacho, que pela tarde se apartou para ir a uma chácara, onde tem a família. — Adeus — etc.

Ainda em marcha ao campo de Rivera.

**Campo nas pontas de S. Luiz, no Estado Oriental, junto ao
Vasco Marques, 10 de outubro de 1844.**

O mau tempo torna penosa a viagem.

Ontem não te escreví, porque, demorando-se o coronel por causa da chuva mais do que devera, estive todo o dia em Bagé, de cavalos encilhados e pronto como a marchar, e só o fizemos ao pôr do sol, hora em que chegou o coronel.

Chuviscou todo o dia e à hora em que saímos apertou mais e cresceu o vento. Ouvia-se ao longe o estrondo do trovão e as nuvens negras corriam com velocidade para o nascente. Tudo prometia uma noite horrível, porém era necessário caminhar. Foi nesse momento que o quadro mais tocante representou o céu. Ao poente um amarelo desmaiado dourava as nuvens; de outra parte, com direção de sul a nordeste, se ostentavam dois belos arco-iris, dando ao forçado viajante uma esperança de bom tempo, que logo se desvanecia, voltendo os olhos ao nascente e norte carregados de temporal.

Não pude resistir ao desejo de desenhar quadro tão interessante e que verás na seguinte estampa ⁽³⁸⁾. Porém ao momento que esta escrevo inda não posso fazê-lo, porque falta-me o tempo, mas guardarei na idéia até que volte ao nosso acampamento e mesmo à nossa pátria, porque êste terreno pertence ao Estado Oriental.

Sem dúvida amanhã chegarei ao campo do general Rivera, que só dista daqui três léguas. — Adeus — etc.

**Arroio do Hospital, junto à estância do Pedro de Borba, no
Estado Oriental, no acampamento do general Rivera, 12 de
outubro de 1844.**

Conferências com Rivera; Caxias, homem de côrte.

Ontem cheguei a êste ponto, e como costume é, no dia em que se chega haver muito afazer e a noite esfriasse muito, por isso não te escreví.

Tenho tido largas conferências com Fruto, sôbre a minha missão, porém infelizmente a primeira contestação do barão

⁽³⁸⁾ No manuscrito não existe o desenho, porem apenas o espaço em branco para êle.

de Caxias às notas de Rivera sôbre o objeto são de poucas esperanças. Êle diz que não pode assentir em suspensão de armas para se entabularem negociações de paz e que nada pode admitir, a menos que não seja a total desistência das armas; que consentirá enfim em garantir a ida de um enviado nosso à Côrte, sempre que o queiramos mandar. Contraditória contestação, pouco nobre e pouquíssimo brasileira! Mas o barão é homem de Côrte e basta.

Todavia, hoje ficou despachado o capitão Francisco Pereira de Souza, de Quarai, para amanhã seguir ao barão com novas reflexões, que a meu ver nada adiantarão, mas que preciso é que sigam; visto que, encarregado de tão magno assunto, cumpre-me não deixar nada por fazer, afim de realizá-lo. Maldito seja o Bambá, que a tal envilecimento nos tem feito tocar com a sua destruidora administração. — Adeus — etc.

**Arroio do Hospital, no acampamento do general Rivera,
14 de outubro de 1844.**

Muitos afazeres motivaram a falta da carta de ontem.

Hoje despachei o Gabriel para a Música, para dali vir com os compadres Carvalho e Frutuoso; no entanto que espero a decisão da minha comissão.

Esperando
a decisão da
comissão.

Está fazendo muito frio e já o mesmo aconteceu a noite passada, a-pesar-de serem os dias quentes e formosos. — Adeus — etc.

**Arroio do Hospital, no acampamento do general Rivera, 20 de
outubro de 1844.**

Ontem chegou o Gabriel da Música; o nosso compadre Frutuoso não estava, porque foi ao Paredão, e foi sem me dizer nada! Assim é que eu contava com êle fazendo a tropa de éguas para mandar para Cima da Serra, quando êle julgou que era melhor ir dar êsse passeio, suposto que nada com isto lucrarmos. Bom fôra que, quando êle se apartou de mim, me houvesse dito que tinha êsse pensamento, pois eu o aproveitaria para mandar ordem que se te entregasse um dinheiro

que tenho a mandar-te, e os caderninhos de minhas cartas, que tanto desejo enviar.

Desde 14 que não tenho podido escrever-te, minha Clarinda, e bem vejo que haverás compreendido que a causa é a difficil posição em que estou colocado. Ocupado todo do grandioso encargo da paz, difficil me seria desviar-me um instante dêsse magno assunto, e dar à fadiga das cousas públicas a única distração que me fica nesta afanosa vida, — a de escrever-te. Porém são tantos os desencontrados interêsses que tenho de aplanar, de amalgamar e conciliar para levar a efeito o fim desejado, que, roubando agora ao curto repouso alguns minutos, mal poderei dar resumida conta de meus trabalhos, que todavia inda me alentam com uma lisongeira esperança.

Principiarei pelo Fruto.

Chegado ao seu campo com tão importante missão, e eu me havia ocupado até o dia 14 em estudar o seu caráter e suas paixões, não abrindo-me em nada antes que houvesse conhecido qual a razão que êle tem para entabolar negociações de paz, pois que a *sinceridade* do nosso govêrno e a maldade de alguns chefes, em março dêste ano, lhe deram atribuições tais que o collocaram em uma esfera de onde nos pode fazer muitos bens, ou muitos males.

Êste gaúcho fino é verdadeiramente um gênio, porém um gênio que, nas torpezas das revoluções por que tem passado seu país, parece estar já familiarizado com desgraças e males alheios, sempre que dêles possa fazer a experiência de algum resultado favorável a si ou ao seu país, traficando e não convencionando o bem, de todos; finalmente, a prática que tem tido não o faz ignorar de todo a diplomacia, a política e mesmo essas etiquetas douradas com que se fascinam homens e se corrompem os negociadores das nações.

Tem porém, apesar destas vivezas, o seu fraco, como o têm todos os homens, e atualmente é o de se julgar eminentemente ilustrado e a par dos políticos do século. Venturosa descoberta que me valeu a chave dos seus segredos arrancados destacadamente e em recompensa de multiplicados elogios ao seu suposto saber.

Fructuoso Borges parte sem avisar Fontoura; a idéia da paz absorve o seu espirito; apreciações sobre o caráter de Riveira; habilitação de Fontoura; as instruções de que é portador; Osorio emissário de Caxias.

Havendo ganho sua afeição pelo meio já ponderado, conheci que a êle pouco ou nada se lhe dá nossa paz, e que o fim com que representa esta farça é de interêsses unicamente ao seu país. Pretendia êle que se exigisse do barão uma suspensão de armas, e que, si êle a isto se negasse, de fato estaria êle ligado conosco, devendo marcharmos com êle a bater as tropas de Rosas, que, segundo êle, evacuariam em 15 dias o Estado Oriental, e depois volveríamos ao Brasil a bater e derrotar o barão com o auxílio das tropas orientais.

Ora, minhas instruções consentem nas negociações de paz sem êsse armistício, porque bem o previu o Canabarro que não conviria ao barão, e todavia também nos não convém sem que seja para desocuparem todos os pontos até as margens do Jacuí.

A 17, pela tarde, chegou o tenente-coronel Manuel Luiz Osorio com a resposta do barão e autorizado para ouvir-nos, e cresceram por isso meus afazeres, porque, além de me ser preciso cruzar com prudência e proveito as picardias do Fruto, de quem como disse dependemos, e de evitar gratuitos e desfavoráveis eventos dos **mashorqueiros** do Bambá, que não se descuidarão de desvirtuar meus leais trabalhos, tive de estudar um meio prudente e vigoroso para fazer sentir ao orgulhoso encarregado imperial meus pensamentos e compenetrá-lo dos meios que julguei seriam proveitosos para terminar a guerra.

Graças ao céu que, sem desharmonizar-me com alguma destas três influências, fiz caminhar adiante a causa da paz; e Osório voltou ontem ao barão; foi contente de mim, descontente com Fruto, e, a-pesar-de seu imperial orgulho, desejo da paz.

A resposta do barão desenvolverá minha imaginação na marcha sucessiva e a razão triunfará, aqui ou no Rio de Janeiro, das traves que lhe tem lançado o egoísmo. — Adeus — etc.

Campo no Hospital, 21 de outubro de 1844.

Deixo ainda de referir os tenebrosos manejos dos **mashorqueiros** para estorvarem a conclusão da paz, bem como

Ismael Soares pede a-nistia para Bento Gonçalves e Netto; orgulho dos chefes imperiais; Frutuoso vencido pelos argumentos de Fontoura.

de um Ismael ⁽³⁹⁾, que foi ao barão pedir anistias para o Bambá e Netto, desfazendo em tudo o partido a que outrora pertencia, segundo me afirmou o capitão Francisco Pereira de Souza, que veio com Osório.

Deixemos também por agora os orgulhosos chefes imperiais, que tão avessos se vão mostrando na pacificação da província, e vamos continuar a recopilar algumas vivezas diplomáticas do Fruto.

Vencido por minhas razões da necessidade da conferência com o barão, apesar mesmo de não consentir na suspensão de armas, buscava outros frívolos pretextos que eram outros tantos obstáculos para a conferência; felizmente porém foram destruídos pela força e justiça dos meus argumentos, e elle está decidido a efetuar essa entrevista, da qual espero tirar todo o partido.

Na noite de 17 para 18, não dormi, porque o tal gaúcho diplomata, depois de haver massado até meia noite a Osório, convidou-me para irmos tomar mate junto ao fogo, e dali nos apartamos quando radiante divinizava as trevas a formosura da Alva.

À força, pois, de imerecidos gabos de seu suposto talento, descobriu o seu decadente estado e a sua alma negra, com respeito ao mísero povo argentino, e a todos enfim que não viessem ao caso para melhorar a sua sorte.

Surpreendeu-me, quando me assegurou o quanto lhe era doloroso não poder dar à sua pátria uma testa coroada! E o nenhum interêsse que tomava pelas províncias da confederação a quem alarmou!

Tão pronto se esquecem os malvados do que dizem! A 14 e 15, elevou o poder de suas lanças ao número do exército de Xerxes; e a 18, abateu-se este incendiário democrata ao ponto de desejar um senhor para a sua pátria!

Então pretendia fascinar-nos para o ajudarmos a expelir seus inimigos, e tendo-lhe rebatido este pensamento, mudou e pretende agora que os rio-grandenses e o Brasil se liguem,

(39) Coronel Ismael Soares.

salvem o Estado Oriental e fixem já os tratados de limites com vantagem sua.

Não importa. Eu o irei levando ao fim que desejamos.
— Adeus — etc.

**Campo em Candiôtinha no passo da Conceição, 31 de
outubro de 1844.**

Desde 21 que te não escrevo, porque, tendo chegado parte ao Fruto que os blancos avançavam sôbre as suas guardas do rio Negro, nos passos de Quinteros e Bustilhos, desde o dia 22 que êle Fruto se pôs em preparativos de marcha e eu ansioso pela última resposta do barão, para recolher-me.

A 23 pela tarde marchou o Fruto e eu voltei com direção a êste campo, caminhando essa noite do Hospital até S. Luiz, onde pernoitei.

Foi nesse caminho que desencontrei-me do official de Fruto que vinha com a última resposta do Caxias. Porém Fruto, logo que a recebeu, mandou alcançar-me. Bastante me entristeceu a tal resposta! Ela não consentia na entrevista que pretendia ter o Fruto com o barão, e na qual muito teria adiantado na paz da província, pois também ia com êle até o campo imperial.

Não me queixei, contudo, do orgulho dêsse chefe imperial, attribuindo logo uma tal repulsa à falta de práticos conhecimentos e à alguma intriga dos **mashorqueiros**. Não me enganei, como verás no seguimento desta carta.

Às 3 para as 4 da tarde saí de S. Luiz e ao entrar do sol estava passando o Pirai, no passo de Domingos Marques; para fazer êste atravessio até o rio Negro de noite, pois, estando como estava o exército imperial em Bagé, era preciso não facilitar, suposto que Fruto me havia dado um coronel para acompanhar-me, munindo-me de um passaporte. Mas de que serviria tudo isto, em vista da indisposição em que está o Caxias com Fruto.

Caminhei pois toda essa noite e, passando o rio Negro no passo da viúva Matilde, vim ficar o resto que faltava para amanhecer enfrente, ou pouco acima do passo do Valente,

Noticias da
situação de
Fructoso
Rivera; Ca-
xias nega-se
a ter entre-
vista com
Rivera; as
razões de Ca-
xias negar-
se à confe-
rência com
Fructoso;
Netto e Ben-
to Gonçalves
solicita-
am anistia; Jar-
dim chama-
os a ordem;
o padre Cha-
gas enviado
ao barão de
Caxias.

porque já a chuva engrossava muito. No seguinte dia prossegui minha marcha com felicidade e, passando o Jaguarão no Domingos Netto, dormi essa noite em nossa pátria e com bastante sossêgo. No dia seguinte cheguei ao nosso exército, dando conta de minha missão, que, se não preencheu o meu mais ardente desejo, deu todavia o resultado da segura iniciativa para uma feliz acomodação, apesar mesmo dos tramas da mashorca.

A razão do barão negar-se à conferência com Fruto foi porque, nos mesmos dias em que caminhavam as comunicações dêste para aquele, também caminhava para o campo imperial o Ismael Soares, comissionado pelo Bambá-queré e Netto, que, dirigidos pelo infame Luiz Boticario, tratavam sem respeito ao govêrno, sem método, sem honra e com insólito desaforo, de um acomodamento. Ismael, êsse núncio da infâmia, que, além de ser mashorquero de Bento Gonçalves, também o é de Rosas, porque é blanquillo; chegado ao quartel general do barão, fez quanto poudes para incutir-lhe desconfianças sôbre Fruto e desconceituar nosso govêrno. Pelo que conseguiu que o barão se negasse à conferência e que, enviando contestação da carta suplicatória do Bambá, da qual foi portador Ismael, torcendo assim o negócio que tão bem encaminhado estava e fazendo por semelhante desacato contra o govêrno, conhecer ao chefe imperial a desinteligência, falta de unanimidade e até uma fraqueza que realmente só existe nas cabeças dêsses malvados.

O povo, que nada sabia dêstes pormenores, acreditou o boato que corria de que Ismael havia ido tirar anistia para Bento e Netto (o que êle Ismael ontem negou quando veio a êste campo para ser inquerido sôbre o objeto). O povo e tropa enojados de tanta audácia, parece que se conspiravam contra êsses imprudentes maus, e por isso que a expensas de Netto vieram, como digo, Ismael e Luiz Boticario ao nosso campo.

O velho presidente Jardim os arguiu fortemente. Ismael desculpou-se com os demais, e o Boticario com o Bento. Hoje voltaram, e sôbre a resposta que deu o barão ao Bambá vai o

nosso govêrno mandar de enviado ao barão o padre Chagas, para continuar no negócio que, pelo mesmo govêrno e intervenção do govêrno oriental, representado por Fruto, se havia encetado; devendo exigir um salvo-conduto para o enviado nosso seguir ao Rio de Janeiro.

Assim é, minha Clarinda, que êsses malvados que hão submergido nossa pátria em tantos horrores, ainda audazmente cruzam e demoram a hora da paz! Maldita ambição que a tanto aviltas os homens! — Adeus — etc.

**Campo em Candiôtinha, junto a Conceição, 1.º de
novembro de 1844.**

Os velhos presidente e Chagas, por efeito da morosidade que acompanha ordinariamente as suas idades e moléstias, tem demorado até hoje a marcha do que deve seguir ao barão (que é o mesmo Chagas). Eu não deixo um instante de instá-los, fazendo-lhes ver que a demora só de um minuto nos é precária, quanto mais de dias. Creio que amanhã seguirá.

Eu não tenho tido tempo para nada, porque um instante não os deixo e ao general em chefe, afim de encaminhar estas cousas como em minha consciência julgo mais acertado, pois que desconstrados interêsses por um lado, e por outro uma nímia sinceridade dos governantes, não dariam por certo o feliz resultado, si um homem que há abjurado toda a sorte de traficância nas cousas públicas, que olha com alto desprezo as mundanas honras, e que finalmente sua carreira pública o tem feito lutar braço a braço com a fortuna, com os homens e com os maus, pondo-o mui distante do reboiço das paixões, não se antepõe com vigor às pessoais aspirações, soltando um grito ingente a benefício do bem geral. Ah! o céu me tem protegido! Sem êsse dom da eloquência, êles me têm prestado ouvidos.

Um secretário do general Rivera, cujo apelido é Bustamante, homem ativo, de instrução e que, além do dom da palavra, tem o da persuasão, estava no nosso campo, quando eu cheguei do Estado Oriental. Era êste o estrangeiro a quem o velho presidente Jardim, seus ministros e alguns chefes,

Demora em
ir falar com
Caxias; Fon-
toura occupa-
díssimo; Ri-
vera envia
seu secretá-
rio ao cam-
po farrapo;
Bustamante
indicado para
ir falar com
Caxias.

pretendiam que fôsse de nosso encarregado à Côrte, em um negócio tão transcendente e em uma época tão melindrosa! Não duvido das boas intenções, do saber e boa fé dêste argentino, porém quando, em certo modo, estão ligados os interesses orientais e argentinos com os nossos, que um negociador pouco rio-grandense, munido de amplos poderes, pode inclinar-se todo àqueles países, deixando na orfandade os pobres Farrapos, é que o invitam, e só pela primeira vez que o conhecem, a encarregar-se de assunto tão grave! Que sinceridade!

Todavia, compenetrados de minhas reflexões, já não seguirá o Bustamante, sem um homem nosso; ou para melhor dizer, êste será o verdadeiro enviado.

Adeus! Um abraço às queridas filhas, aos filhos e ao Bentinho.

Passo real do Jaguarão, no Menezes, 3 de novembro de 1844.

Ontem logo depois do toque de alvorada, mandou o general Canabarro chamar-me para dizer-me que o presidente desejava que eu fôsse com o padre Chagas ao quartel general do barão de Caxias, afim de se prosseguirem as negociações da paz. Respondi que estava pronto e depois de havermos conferenciado com o presidente, marchámos e hoje temos parado neste ponto, esperando a contestação do barão, que deve ser o salvo-conduto para nossa entrada no campo imperial.

Por opinião do Canabarro, vai conosco o Ismael, porém sem caráter nenhum e simplesmente como companheiro de viagem.

Não quero dizer sôbre isto minha opinião, para não gastar tempo em cousas tão pequeninas, pequeníssimas, e que parecem embaraçar tanto os nossos chefes. Meu principal assunto é a paz e nêle prossigo com aquele ardor e veemência com que te amo, porque, de sua realização, depende estar a teu lado.

Tenho deixado de dar-te notícia do ocorrido pela fronteira do Alegrete, por me haver inteiramente distraído nestes negocios; porém agora o farei resumidamente.

Fontoura e Chagas em demanda do corpo imperial; escaramuças com a fôrça de Bento Manuel; posição do exército da revolução.

Bento Manuel, reunindo toda a sua divisão havia avançado até as vizinhanças de Itaquiatiá. Guedes vinha na sua frente e dessa altura desprendeu quatro partidas fortes para a retaguarda da divisão inimiga, conseguindo tomar 700 cavalos, e o capitão Bento Martins bateu duas partidas inimigas, morrendo um alferes e fazendo um capitão prisioneiro; isto tudo teve lugar o mês passado.

O barão, depois de estar por Bagé, quando eu por ali atravessasse na minha volta do Estado Oriental, contra-marchou e há dias estava pelos Umbús, entre Santa Maria e Pirai. Hoje, porém, consta estar pelo passo do Viola, no mesmo arroio.

Ontem ficou ainda o nosso exército no passo da Conceição, no Candiottinha.

Antes de ontem estive com o tio Tristão, (*) que veio com o Cirino Adolfo, pelos quais recebi cartas do compadre Felisberto e por êles escreví. Olhava eu fixamente para o tio Tristão, pretendendo achar-lhe algumas semelhanças do semblante da comadre, para assim matar as saudades que tenho dela; porém está tão velho e tão quebrado que nada lhe achei parecido. Ou será que também a sorte me negue o alívio que busco, procurando encontrar feições parecidas às das pessoas a quem tanto estimo? — Adeus — etc.

Bagé, 6 de novembro de 1844.

Desde 3 que não te escrevo, porque no dia 4 estava eu es-
perando a contestação do officio ou carta que dirigiu o Chagas
ao barão, e com efeito às 7 horas da noite chegou o salvo-
conduto do general imperial e contestação à carta do Chagas,
pelo que a 5 de manhã nos pusemos a caminho para este
ponto e chegamos às 4 da tarde. O barão, com sua divisão,
chegou esta manhã e hoje, desde as Ave-Marias até às 9 1/2
que eu, o Chagas e o barão estivemos em conferência, com
respeito à paz.

Encontro
com Caxias;
prenuncios
de paz; or-
gulho na fa-
mília Fon-
toura; nota-
vel coinci-
dência.

(*) Será o tenente-coronel Tristão da Cunha e Souza? Este brioso
oficial farrapo pertence à antiga família da Cachoeira onde também casou,
não sabemos si com parente de Fontoura. Mas o que mais nos suscita
dúvida é a idade, pois Tristão, nessa época teria, quando muito, 46 anos.

O barão é polido, de caráter generoso e mostra desejos pela conclusão da guerra. Finalmente estamos acordes e agora só resta que o presidente Jardim e mais chefes aprovelem o que temos combinado, e siga já e já o enviado ao Rio de Janeiro. Persuado-me que não haverá dúvida na aprovação dos nossos chefes e o céu porá fim aos nossos males.

Meu coração bate neste momento de prazer, parece-me que já estou ao teu lado. Ah! querida Clarinda, eis aqui a recompensa de nossos martírios. Se se realiza a paz, tu dirás com orgulho:

— “Meus sofrimentos e os de meu marido são venturosos, porque êle teve a glória de cooperar para a paz da terra em que vimos a luz do dia!”

O Gabriel e o Zeferino aquí estão comigo; nosso irmão Portinho faz atualmente a vanguarda de nosso exército, e por isso é o que está aquí mais perto e na frente do inimigo.

Faz hoje, minha Clarinda, oito anos que as vulcânicas cabeças de um Almeida, de um Mattos, de um Pinheiro e outros de igual jaez, iludindo a sinceridade do pobre José Gomes, proclamaram a independência da província, independência que, à custa de nosso sangue e de nossas fortunas, foram tão mal sustentando, enquanto eram pingues as coletorias, povoadas as estâncias e.... Basta! Não lembremos mais estes maus.

Notável coincidência. A 6 de novembro se proclamou a independência em 1836, e a 6 de novembro de 1844 aparece o primeiro clarão da aurora da paz!

Depois de amanhã devemos voltar ao nosso exército e alí eleger o encarregado que deve seguir à Côrte em companhia de outro que manda o barão. — Adeus — etc.

**Campo nas confluências do Candiôtinha, junto ao Formiga,
10 de novembro de 1844.**

Ontem pelas 5 horas da tarde chegámos ao nosso exército e, hoje às 4 da tarde, demos conta, ao presidente e generais, da nossa missão, ficaram satisfeitos e estão acordes. Es-

Todos de
acôrdo; os
chefes ele-
gem Fontou-
ra seu emis-
sário junto à
côrte; lamen-
tações de
Fontoura.

tavam reunidos o presidente, ministro Lucas, generais Netto, Canabarro, João Antônio; o Chagas e eu. Passando-se a eleger o homem que deve ir ao Rio de Janeiro de enviado, todos foram de voto que devia ser eu, e assim se decidiu!

Com o coração, com a alma aí, aí onde resides, minha querida Clarinda, respondi: — “Estou pronto”!

Iníqua sorte! Mais esta prova! Ir sem vê-la, sem abraçá-la e a tudo quanto amo!

Porém devia eu negar-me a um serviço que pode trazer a paz aos já tão ensangüentados campos da nossa terra?

E si isto não fôra, não ia eu banir-me da doce pátria, tendo pelo menos de estar ausente da adorada espôsa e de tudo que me é mais caro na vida, talvez mais que um ano?

Ah! minha Clarinda, limpa as tuas inocentes lágrimas, e demo-nos já os mútuos parabens pelo feliz câmbio de nossa sorte! Um mês só e estarei na pátria, estarei contigo! Sim, não é preciso mais. Quando viemos de Bagé, o barão já havia mandado aprontar o vapor que deve conduzir-me e a outro homem que êle manda de sua parte.

Sete dias é o mais que poderemos levar do Rio Grande à Côrte, alguns mais para tratar alí dos nossos negócios e outros sete para voltar!

Pretendo deixar o meu ruaninho em Pelotas comendo milho, entregue ao Manuel Lourenço, para na volta voar a êsse lugar! Então já não haverá quem me estorve o ver-te, quem tenha o poder de arrancar-me de teu lado! No céu confio, na justiça de nossa causa e por ti o juro, oh! por ti! — Toma bem sentido neste juramento.

O dia 13 é o que me aprazou o nosso govêrno para eu voltar ao quartel general do barão e dalí seguir para o Rio.

Antes da minha partida, hei de providenciar-te todos os recursos e hei de ver mesmo se faço com que o Gabriel te vá fazer companhia até eu voltar, — Adeus — etc.

Campo nos Porongos, 13 de novembro de 1844.

Amanhã é a minha marcha para o Rio de Janeiro. Devo primeiro ir ao campo do barão de Caxias, para reunir-me com o outro que elle manda de sua parte.

Tenho estado occupadíssimo com escritas porque

.....(No manuscrito há aí 4 linhas pontilhadas).....

E tudo está pronto!

Vão comigo uns prisioneiros, para serem trocados por outros que estão no campo imperial.

Nossa força está regularmente montada, e o nosso irmão Portinho ainda está na frente fazendo a vanguarda e tem conseguido fazer alguns prisioneiros. Amanhã ou depois, com elle me hei de ver. — Adeus — etc.

13, às 10 horas da noite.

Volto a escrever, porque, tendo de seguir amanhã, quero levar tudo pronto; e tencionando mandar o Gabriel ficar contigo, vou agora ver os meus pessuêlos, para aprontar o que elle deve levar, repartindo com todas as nossas filhinhas o que não preciso levar comigo e será pela maneira seguinte:

A caixinha de tintas vai para a Lindoca, porque me parece que é afeiçoada ao desenho; um lenço de sêda verde, com as armas republicanas, é para Bindunga que é a mais faceira; as minhas chilenas de prata são para a Antoninha, porque é a que trabalha mais, e deve desde já ir fazendo sua acumulação de dote; o avô que lhe faça colheres e ela que guarde; e para minha Gabriela remeto o caiapim, que sempre tem sido minha esteira de cama. Aos meninos, como é breve a minha volta, quando aí chegar, os contemplarei. — Adeus — etc.

Bagé, 18 de novembro de 1844.

Como são falíveis os juízos dos mortais! Minha carta de 13 e esta bem o provam.

Preparativos para seguir ao Rio de Janeiro; prisioneiros; os farrapos regularmente montados.

Preparativos; distribuição de presentes aos filhos.

A surpresa de Porongos; Fontoura tudo perdeu; partida breve para a Corte; os emissários de Caxias.

Não quero, porém, fazer a descrição do revés que tivemos a 14 (*), porque o Gabriel vai e éle que o conte. Fui feliz e tudo quanto nos pertence.

Os meus pessuêlos foram-se. Ficou a Lindoca sem a sua caixa de tintas e a Bindunga sem o lenço! A Antoninha e Gabriela foram mais felizes, porque o que lhes pertencia escapou, porém não mando mais pelo Gabriel e quando voltar lhes levarei.

A 16 saí do nosso acampamento, para prosseguir nas negociações da paz e chegando a êste ponto, encontrei o barão nos mesmos princípios, e por isso amanhã devo seguir para a Côte. Vão comigo o coronel Marques ⁽⁴⁰⁾ e capitão Carlos ⁽⁴¹⁾, irmão do barão, e por éle ao mesmo fim comissionados. — Adeus — etc.

Pelotas, 25 de novembro de 1844.

Em toda a viagem parece que me faltava uma cousa. Eu vinha muito bem; òtimamente dou-me com os meus companheiros; tivemos bom tempo e finalmente nada nos faltava; porém não sei que mágica sensação fazia-me a falta de esquecer-te, que tudo quanto via e quanto me rodeava trazia o cunho da mais acerba tristeza.

Fiz êste caderninho e volto novamente a escrever-te, como costumava dos meus acampamentos, e cujas cartas e

Em viagem;
as suas cartas
à esposa;
descrição da
cidade; apreciações
sobre a vida comercial;
os "donos" de Pelotas.

(*) Refere-se Fontoura à surpresa de Porongos. O exército republicano estava acampado na serra dos Porongos, descansadamente, e graças à inadvertência de Canabarro, foi surpreendido na madrugada de 14 de novembro pelas fôrças de Chico Pedro que, sabendo-o acampado aí, fez uma marcha forçada, sempre à noite para não ser visto, e caí sobre os descuidados farrapos. Netto advertira Canabarro do perigo, mas êste dizia que onde éle, Canabarro se encontrava, o Moringue não chegava. Saiu-lhe mal a profecia e apenas ponde fugir, perdendo tudo. Netto, João Antônio, Gomes Jardim, Lucas e demais oficiais também fugiram. A soldadesca dispersou-se igualmente. Antônio Vicente, como éle mesmo o conta, fugiu, mas perdeu, como os seus companheiros, a sua bagagem. A respeito poder-se-á ler com proveito o livro de Othelo Rosa — OS AMORES DE CANABARRO, e em FARRAPOS, de Valter Spalding (2. série) — a sair breve — uma descrição completa do infausto acontecimento.

⁽⁴⁰⁾ Coronel Manuel Marques de Souza.

⁽⁴¹⁾ Capitão Carlos Miguel de Lima e Silva.

cadernos, até 25, levou o Gabriel, que a 20 do corrente o despachei em Bagé para ir fazer-te companhia e, segundo o itinerário que lhe marquei, amanhã deve aí chegar.

Ontem chegámos a esta cidade; não é muito grande, porém está vantajosamente colocada e enriquecida com todas as proporções para ter um crescimento rápido. Tem uma guarnição de 300 infantes e duas peças, uns poucos pequenos vasos de vapor e canhoneiras guarneendo o rio S. Gonçalo. A Câmara Municipal faz suas sessões periódicas; os juizes, delegados e mais funcionários públicos estão em exercício; porém, minha Clarinda, Astréa, a que está com a balança pensa a êste ou aquele lado, está mesmo sem fiel! Uma família é a dona exclusiva desta povoação! As autoridades, parece que já envilecidas, são a propriedade da família X X X, e não os responsáveis pelas execuções das leis. Com impudico descaro, furtam aos nossos camponeses meia pataca e às vezes mais em cada couro, os safados membros dessa família, dizendo-lhes, com a mais atrevida desfaçatez: — “Si Vmcê. vende-me os seus couros por menos meia pataca, eu lhe livro de ir ao registo. E quando não, tem de estar com êles estendidos no registo dois ou quatro dias, até que se lhe despache, tendo inda de perder muitos”. E assim fazem com as tropas, cujo abatimento em novillo é de pêso e mais.

Assim à sombra do trono, porém roendo suas bases, vegeta a insolente oligarquia, que já tão adiantada vai em nossa pátria e que não mui longe arruinará o Brasil todo.

Tal arbítrio não é só nos artigos que aponto. Êle se estende a tudo, e tudo está dependendo da vontade e aprovação dos X X X. Tal é o regime actual de Pelotas.

Tem na cidade avultado número de republicanos, uns anistiados e outros que estavam em Montevideu e que se viram forçados a vir para êste ponto, pelas sérias ocorrências daquela praça. Uns e outros falam e nutrem pela causa as mesmas simpatias; porém ajudar aos poucos que, em campo armado, sustentam com constância o sistema proclamado (e de que já um dia foram os mais exaltados) isso não!

Estou hospedado em casa do Faria ⁽⁴²⁾ e Manuel Lourenço ⁽⁴³⁾, e logo que chegue o vapor, partiremos para o Rio Grande. — Adeus — etc.

Bordo da barca de guerra Fluminense, encalhada na barra do S. Gonçalo, 28 de novembro de 1844.

Hoje às 7 da manhã saímos de Pelotas a bordo do vapor Fluminense, de fôrça de 25 cavalos, e a esta hora estaríamos já no Norte (*), si por falta de água não estivesse o barco parado, como está.

Ao entrar nesta casa ambulante, meu coração sentiu uma nova sensibilidade que jamais havia experimentado... Ia perdendo de vista as derradeiras colinas da pátria. O verde engraçado dos campos vai pouco a pouco trocando-se por serras de areia e tudo me está dizendo que uma grande distância vai separar-nos.

Cruel certeza! E quantas vezes me estou recordando do caso acerbo da singela peruviana, que, arrancada às delícias da primitiva inocência, via horrorizada tanto crime esparzido entre êsses que a iníqua jactância da civilização tem feito esquecer as cândidas idéias da natureza! Ah! que de vezes a virgem desprezando todo o voluptuoso aparato que a circundava, com o coração cheio só da imagem do seu mesquinho amante, exclamava extasiada! — “Aza! Aza! meu querido Aza!”

Eu também arroubado, quasi insano, exclamo: — “Clarinda! Clarinda! minha querida Clarinda!”

Então, compadecidas, as águas levantam o murmúrio e me advertem que de um momento de descanso necessito.

Vou descrever ligeiramente o estado dêste barco; vou nisso me distraíndo um pouco e devo fazê-lo.

Saída de Pelotas; descrição do vapor; saudades da família.

(42) Comendador Francisco Xavier de Faria?

(43) Manuel Lourenço do Nascimento.

(*) São José do Norte.

Por toda a parte vejo o gênio brasileiro, afanoso imitando tudo quanto é estrangeiro. Tão extravagante mania é, a meu ver, um forte motivo de estacionárias se conservarem entre nós as artes e as ciências. Só o comandante e tripulação são nacionais. Quanto ao mais tudo é estrangeiro, tudo, e até o modo por que se guiza a comida!

O comandante é o Cunha ⁽⁴⁴⁾, filho do marquês de Inhambupe, e que outrora foi nosso prisioneiro de guerra em Caí. E' moço polido a quem estou agradecido pelo bom tratamento que me há dado.

Todavia me ia esquecendo dizer que os arranjos da arte marítima, das manobras etc. etc. não são estrangeiros, porque me parecem inda mui longe daquele estado de perfeição da marinha inglesa.

Vila de S. José do Norte, 2 de dezembro de 1844.

A 29 do mês passado, por tarde, chegámos a esta vila. A 30 do mesmo, fui ao Rio Grande do Sul, voltando no mesmo dia. Estou hospedado em casa do coronel Antônio Soares de Paiva, que me trata perfeitamente bem; recomendação que creio ser feita pelo meu companheiro de viagem o coronel Marques, a quem sou devedor de milhares de atenções e favores.

O Marques foi parar em casa do irmão, porém o meu outro companheiro de viagem, que é o capitão Carlos, irmão do barão, está residindo comigo. Que belo moço! que alma generosa e grande! A estas boas qualidades junta mais a polidez que há adquirido em suas viagens da Europa. Finalmente sou feliz com tão dignos companheiros e até às vezes

Hospedado em casa do comandante da guarnição; os companheiros de viagem; aspecto de S. José do Norte.

(44) 1.º tenente Manuel Luiz Pereira da Cunha. Quando caíu prisioneiro de Bento Manuel, no Caí (1.º de fevereiro de 1839), comandava a canhoneira n. 9, que se passou a chamar **Primeiro de Fevereiro**. Dele disse Bento Manuel: "Como o encontrasse muito abatido e choroso, me compungi de seu estado lastimavel e o soltei, dando-lhe passagem para Porto Alegre". (*)

(*) Foi êsse o início da carreira de Manuel Luiz Pereira da Cunha, herói nas campanhas navais contra o governo paraguaio, chegando ao posto de almirante da nossa marinha de guerra. Era natural do Rio Grande do Sul, onde casou e deixou larga descendencia.

o maldito amor próprio tenta persuadir-me que, a-pesar-de minha natural tristeza e misantropia, tem minha fisionomia alguma cousa de simpático, porque, não só dêstes, como de quasi todos, tenho sido obsequiado e isto quando a minha solitária pera (*) gira entre tantos bigodes e que seguramente não pode ser bem olhada. Porém a generosidade é partilha do caráter brasileiro.

Tenho passeado nestas desabridas ruas, não por divertir-me, mas para observar suas areias. A vila não é pequena, mas é tão feia e tão insípida que parece mais um esteril presidio de degradados. Circundada de combros de areia por um lado e pelas águas da baía pelo outro, é o mais feio sítio que hei visto. Só tem o pôrto, as ruas pela maior parte atravancadas de areia e outras húmidas em extremo.

Tem um trapiche, uma alfândega filial da do Rio Grande, uma pequena guarnição de infantaria e autoridade civís. O comandante da guarnição é o coronel Paiva. A oligarquia não é aquí tão insolente, porque não há outras aspirações fora da família dos X X X. Todavia é governada a vila pelos mesmos princípios de Pelotas. Maldita seja a ambição dos homens!

Rio Grande do Sul, 2 de dezembro de 1844.

Da vila do Norte a esta cidade há um atravessio de mar, cuja baía tem mais de 3 milhas, que vem a ser pouco mais de uma légua.

Já é segunda vez que aquí venho, a terminar certos arranjos que precisava para a Côrte.

Tem a cidade uma pequena guarnição, autoridades civís, uma alfândega e alguns bons edificios. O ancoradouro é mais abrigado que o do Norte e tem maior número de embarcações. As ruas são tortas, os becos ou travessas apertadíssimos e há também bastante areia.

Como há mais população que em Pelotas e Norte, são por isso também mais as famílias dominantes, e por isso, como

Aspecto da cidade do Rio Grande; a política; visita a prisioneiros; morte de Teixeira; novos prisioneiros; previsão de dificuldades para alcançar a paz.

(*) Feitio de barba usual entre os revolucionários.

pelo pouco tempo que tenho para observar estas cousas, é que não sei designá-las. Porém a influência portuguesa aqui é extraordinária e muito domina nas cousas públicas.

Entrou hoje do Rio de Janeiro o vapor **Imperador** e nêle embarcaremos a 5 para a Côrte.

Nossos prisioneiros do dia 14 (*) sempre montaram a 200. Estão presos a bordo do brigue **Águia**. Hoje ia visitá-los e por não descer a certas dependências deixo de fazê-lo, e tenciono amanhã mandar alí o Zeferino (46)) a fazer-lhes uma visita e levar-lhes o socorro que lhes poder dar.

Acaba de chegar um vapor conduzindo 20 prisioneiros mais, inclusive 3 oficiais, da derrota que sofreu uma partida de 50 homens ao mando do coronel Teixeira (46), o qual dizem que morreu e mais 11.

E com tão maus precedentes vou ao Rio! Que novas dificuldades não vou alí encontrar para conseguir a paz! Valha-me Deus com o pouco que parece merecer a alguns tão grave e necessário objeto! A hora de poupar as vidas é aquella em que mais se assanham em aniquilá-las! Que procedimento tão contrário à humanidade e à razão! — Adeus — etc.

S. José do Norte, 5 de dezembro de 1844.

Hoje embarcámos para o Rio de Janeiro e tenho de ver a cidade do Desterro, em Santa Catarina, porque o vapor tem de tocar naquelle ponto.

Partida para o Rio de Janeiro; almoço com um amigo no Rio Grande; lembranças de seu lar.

(*) Referência à surpresa de Porongos, em 14-XI-44.

(46) Zeferino Martinho da Cunha. Acompanhou Fontoura ao Rio. Homem de grande bom senso e muito atilado, era no entanto de nenhuns conhecimentos e trato rude. Estavam uma noite, em um teatro do Rio, êle e Fontoura. Enquanto êste conversava um pouco retirado, alguns jornalistas e militares, interessados em saber noticias exatas dos republicanos, suas fôrças, recursos, posição, etc., apertaram com perguntas sôbre perguntas a Zeferino, que lhes respondia o melhor que podia.

Afinal, muito instado, não tendo como desenredar-se de algumas contradições, disse muito sèriamente, em voz alta, olhando para o lustre do centro: — **Qué pucha! que lampeão grande!**

Foi o sinal da debandada geral.

Dias depois os jornais atribuíram o dito a Fontoura. — (Informação de Bento Pôrto da Fontoura, filho de Antônio Vicente).

(46) Joaquim Teixeira Nunes, morto como um bravo em combate contra fôrças superiores de Francisco Pedro de Abreu, no Arroio Grande (20 de novembro de 1844).

Ah! quanto sinto aumentar minha natural negação a estas etiquetas chamadas de Côrte! E que sejamos forçados a aturar quanto mico aparece em cerimônia, às mais das vezes sujeitos tão ignorantes que, nesses seus tregeitos a que chamam ar palaciano ⁽⁴⁷⁾, não só apresentam o mais jocoso ademã, como que estropiam horivelmente as palavras!

Casualmente no Rio Grande encontrei aquele Garcia, de Alegrete, casado com a filha do Mingote (*). Convidou-me para jantar e prontamente aceitei por livrar-me de outros convites de grande cerimônia. Não me arrependí, porque tanto êle como a parenta sua espôsa trataram-me muito bem. Êles tem só um filhinho e por isto, como pelo parco de sua mesa e sua pequena habitação, me trouxeram saudosas e gratas recordações. Sim, eu achei muita semelhança neste casal com o que éramos logo depois de casados! Tínhamos só o nosso primeiro Nico, nossa casinha era pequena e nossa mesa parca, e como estes gozávamos de plácido sossêgo. Como a Rosa que, com o sopro matutino desabrocha seu lindo virginal botão e logo no dia que precede a mesma aurora, é crestada pelo ardente sol, ou desfolhada por algum furacão desaparece apenas que principiava a ornar a natureza... assim nós, minha querida, vimos fugir velozes essas horas de gôzo, atropeladas pelo furacão do infortúnio. — Adeus — etc.

Cidade do Destêrro, em Santa Catarina, 8 de dezembro de 1844.

Ontem, pelas 3 horas da tarde, aportámos a esta ilha: eu saltei para a cidade e com meus companheiros de viagem, pernoitei em casa do Antero ⁽⁴⁸⁾, que atualmente é o presidente da província.

Em Santa
Catarina;
impressões:
descrição da
cidade do
Destêrro.

⁽⁴⁷⁾ No manuscrito está — ar praciano.

(*) Mingote Martins, apelido do bravo legalista coronel José Antônio Martins que foi, na fronteira do Alegrete, o esteio da legalidade. Segundo Aurelio Pôrto, Mingote Martins vem dos mesmos troncos de que procedem Bento Gonçalves, Onofre, Jardim e outros. Foi casado com Rosa Violante de Vasconcelos, natural do Rio Pardo. Mingote Martins nasceu na vila do Triunfo.

⁽⁴⁸⁾ Antero José Ferreira de Brito.

Pela barra do Norte foi a nossa entrada e como antes de tocar a barra nos aproximamos da costa, vinha observando todo o lado da terra firme, o morro que precede a vila da Laguna e logo a extremidade do sul da ilha. Pouco a pouco me ia surpreendendo a sucessão de cadeias de montanhas que fazem o litoral de uma a outra parte da embocadura da baía. Toda a costa é habitada e principalmente a da ilha, que desde logo principia uma como rua disforme de casas e de casinhas, que penduradas já sôbre os picos da montanha e já sôbre o mar nalguma praiasinha, formam uma vista inteiramente estranha. O verde das montanhas e o azul do céu são, porém, tão belos como os que tingem e esmaltam as serras e o céu de nossa pátria.

A cidade é pequena, pouco mais, mui pouco, do que o Rio Pardo; porém é formosa e a sua situação, que a muitos parecerá parecer feia, é o que mais belo me pareceu.

Vês tu a capela de Santa Maria? Pois é em miniatura a cidade. Aqui há só a diferença de haver casas, parte de ruas e templos por cima de cerros tais como aqueles que ficam além da casa do Melixor nesse ponto. O mato, a configuração dos cerros é bem própria. E' de pouco comércio, porém a gente é afável e tratável.

As águas são excelentes e em geral os habitantes me parecem mui religiosos, virtude que bastante aprecio. Tem bons edificios nacionais e sinto que o curto tempo que posso distrair à importuna civilidade me não permita observar si o govêrno aquí é um pouco mais constitucional; porém, seja prevenção minha ou seja resultado do que à pressa hei podido observar, creio que sôbre tal assunto é a caricatura do que hei visto nas demais partes. Tal é a destrutora raça da hipocrisia.

A-pesar-de que não tivemos vento à pôpa, todavia não foi tão contrário que deixássemos de ter uma boa viagem. Eu não enjoiei, porém o pobre Zeferino enjoou tanto que tem lançado por vezes.

São 8 da manhã e, para furtar-me ao que tanto aborreço, essas etiquetas do costume, vou para bordo e ali esperar até a noite pelos companheiros para seguirmos esta madrugada. — Adeus — etc.

Bordo do paquete vapor IMPERADOR, enfrente à ilha de S. Sebastião, 10 de dezembro de 1844.

Que brilhante vista me recorda neste momento o ar da pátria! De um lado a terra firme, donde não muito longe fica Santos, e parte da costa da província de S. Paulo, e de outro o verde encantador dos matos que bordam as serras da ilha de S. Sebastião.

A costa de
São Paulo;
impressões.

O vento contrário que trazíamos desde ontem fez o comandante tomar o caminho entre a terra firme e a ilha. O mesmo quadro que já descreví na carta antecedente se vai pouco a pouco desdobrando, com a só diferença de que o mato da ilha é mais belo que os outros e talvez mesmo que os das serras da nossa terra. Porém o céu, o céu está aqui mui cheio de nevoeiro e não é tão lindo como o nosso.

As correntes que, de espaço a espaço, se despenham pelas montanhas, as casas que, semelhantes a uns presépios, estão penduradas nos elevados picos da ilha, me estão agora fazendo lembrar que as cabanas dos indígenas, quando, nas remotas épocas, não profanavam inda nossas virgens matas o corrompido enxame de homens, que, roubando o mérito até das límpidas correntes, nos fazem hoje trocar pela mais pura água o mais mestiço e insalubre vinho. Este veneno então não conhecia a América. — Adeus — etc.

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1844.

O Corcovado e logo o Pão de Açúcar, a fortaleza de Santa Cruz e depois a Lage! A Lage, onde nossos mártires da liberdade vem dar sorriso aos déspotas! ... com a aurora de hoje se foram a meus olhos desdobrando.

A vista do
Rio de Janeiro;
desembarque; é
anunciada a
primeira conferência
com o ministério.

No Valongo (hoje cais da Imperatriz) desembarcamos

pelas 7 horas da manhã, depois de trazermos uma viagem com contrários ventos, mas feliz e sempre rápida por causa do vapor.

Estou alojado no Hotel de Italia, e amanhã pelo meio dia devo falar ao ministro, segundo me avisaram o coronel Marques e Capitão Carlos.

A-pesar-de estar ainda com o meu pequeno casaquinho de campanha, tenho corrido já uma pequena parte da cidade, está situada entre morros, mas ao que parece é suntuosa e de elegantes edifícios ornada.

Nosso irmão José não está e pelo curto tempo que me devo demorar, não o poderei ver, segundo a distância em que está e acaba de dizer-me o amigo Assis. — Adeus — etc.

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1844.

Ontem falei ao ministro Coelho ⁽⁴⁹⁾, da guerra, Torres ⁽⁵⁰⁾, do império, e Galvão ⁽⁵¹⁾ da justiça. (*)

Ostentaram uma indiferença ridícula e um orgulho tolo! Estavam reunidos; nem mais de três artigos das proposições ou bases para a paz elles ouviram, porque suas bruscas respostas olvidaram minha natural docilidade, e em tom mais agro, desdobrei verdades a ouvidos não afeitos a ouvi-las.

— Que nada podia o governo imperial ceder; que seria manchar o manto imperial e que ao barão de Caxias haviam autorizado para, por mais três meses, conceder anistia e que não sabiam como grupos dispersos de rebeldes inda preten-

(49) Jeronimo Francisco Coelho.

(50) José Carlos Pereira de Almeida Torres, Visconde de Macaé.

(51) Manuel Antônio Galvão, que foi presidente do Rio Grande do Sul em 1831 até 1833.

(*) Era, então, o seguinte o gabinete, que fôra organizado a 2 de fevereiro de 1844: — **Imperio** — José Carlos Pereira de Almeida Torres, — V. de Macahé; **Justiça**: Manoel Alves Branco, V. de Caravelas, e depois Manoel Antônio Galvão; **Estrangeiros** — Ernesto Ferreira França; **Fazenda** — Alves Branco; **Marinha** — Jerônimo Francisco Coelho e depois Antônio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, V. de Albuquerque; **Guerra** — Jeronimo Francisco Coelho.

A primeira conferência; orgulho dos ministros; energia de Fontoura; a situação dos farrapos; o ministério abraça as atitudes.

dessem do govêrno tanto, quanto era a indiferença com que olhavam sua clemência e que finalmente dariam algumas instruções mais ao barão, que em muito pouco mais assentisse, depois porém que os rebeldes depusessem as armas... Assim, e se interrompendo um ao outro, me contestaram os ministros da guerra e do império; o Galvão, da justiça, como mais sagaz, mexia-se na cadeira e com mais docilidade foi resmungando as mesmas frases com suas lógicas observações; e por último assentaram que eu e meus companheiros podíamos voltar hoje, ficando-nos só o resto do dia de ontem, para nos aprontarmos.

Ardia eu por contestá-los, inflamado pelo desar com que tratavam os negócios de minha pátria êsses ministros que nela se julgavam amigos ou afeiçoados aos rio-grandenses mas pedia a política que deixasse primeiro falar o coronel Marques, não só pela sua graduação como para orientar-me de seu modo de pensar a respeito. Correram alguns minutos e, êle nada dizendo, tomei a palavra e disse:

— E pois que V. Excias., ou o govêrno imperial, fazendo-se desconhecidos do verdadeiro estado do Rio Grande, da fôrça que inda tem e pode ter o govêrno que aquí me mandou; da eficaz e oferecida cooperação estrangeira; querem só guerra, e guerra de exterminio; o Brasil com luto o sentirá e nós sucumbiremos, mas nosso rosto não levará ao túmulo o cunho do envilecimento! Não, que os rio-grandenses sabem morrer! Perdem V. Excias. o instante da glória de pacificadores do Rio Grande e com ela talvez... etc. etc. etc.

Não à fôrça da lógica, não à persuasão da eloquência, dons que em mim fenecem, mas sim ao mágico e imponente tom da razão e da justiça, pareceram tocados estes homens, sábios não, mas amestrados na corrupção da Côrte. De altaneiros, se tornaram meditaundos e, passados alguns minutos, se dirigiram ao Marques, dizendo que talvez precisássemos de estar na Côrte mais alguns dias para nossos particulares arranjos e que por isso podíamos demorar-nos mais 3 ou 4. Marques aceitou; eu, porém, conhecendo o fim com que faziam essa proposição, agradecí de minha parte, dizendo que,

julgando concluída minha missão, só precisava voltar ao Rio Grande, isto a-pesar-de ser eu o mais empenhado pela demora, pois que dela, segundo tais homens, ia colher algum resultado. Julguei nada mais dizer então, para lhes dar tempo a meditarem e retirei-me, assegurando que voltaria a despedir-me.

O resto do dia de ontem e de hoje tenho empregado em pesquisar o caráter, não só dos três ministros referidos, como dos da marinha e estrangeiros; a potência ou impotência do imperador nas coisas públicas. Neste penoso trabalho, minha Clarinda, correm as horas, pouco adiantando, tão venais são os homens e tão poucos e mesquinhos os verdadeiros amigos dos rio-grandenses! Por entre o egoísmo, a perfídia, a má fé e o envilecimento, quanto custa a conhecer o homem honrado que, abafado nas fêzes e quasi escondido, inda vive aqui, como o grão do nosso belo ouro desprezado aí nos lados do Vacacaf! ... Todavia não tenho de todo perdido o tempo. — Adeus — etc.

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1844.

Tenho descoberto alguns homens sinceros, porém poucos, pouquíssimos.

Estou avisado para uma conferência amanhã com os ministros; veremos o que pretendem; quanto ao imperador, é escusado falar-lhe. Estou certo, muito certo que elle é um pobre menino, puxado sempre e sempre dirigido pelo enxame vil de vis aduladores. Elle veio hoje à Côrte para dar-me beija-mão. Recusei e continuarei a recusar, enquanto não fôr brasileiro.

Estive com o senador Lima ⁽⁵²⁾. Continuo a freqüentar sua casa, porque é uma bela alma! é um dêsses astros que não se mancham na corrupção da Côrte e, a despeito dela, brilham sempre com radiante fulgor. À vista de tal pai, já me não admiro das excelentes qualidades do filho. Falo do ca-

Nova conferência; Fontoura recusa o beija-mão; com o senador Lima; usos e costumes do Rio.

(52) Marechal de campo Francisco de Lima e Silva, pai de Caxias.

pitão Carlos, meu companheiro de viagem, uma das belas almas que tenho conhecido.

Quanto às belezas da cidade, nada posso dizer-te, porque não tenho tido tempo para visitar os estabelecimentos públicos e só me ralam a alma e me amofinam os costumes imorais e desprezíveis desta grande população. Do estrangeiro aprenderam só o mau, esquecendo o bom. O luxo que ostentam os empregados públicos não pode manter-se com seu ordenado, inda que duplicado fôsse. Por isso êles serão venais. — Adeus — etc.

Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1844.

Estou esperançado que, apesar dos últimos revezes que temos sofrido no campo; da insolência com que escreve uma fôlha de Pôrto Alegre, dando por concluídos os farrapos e que a grupos nada mais deve conceder-se, e isso por muito favor, que a anistia; de muitas cartas de malvados dessa província contendo outras e iguais mentiras, alguma cousa hei de arranjar que dê em resultado as pazes.

Ontem estive em conferência com os ministros. Acharam-se mais o Holanda ⁽⁵³⁾ da marinha, o França ⁽⁵⁴⁾ dos estrangeiros e o Alves Branco ⁽⁵⁵⁾ da fazenda. Muita polidez, muita afabilidade e mais condescendência sôbre nossas exigências relativamente à paz. Pareceu-me Alves Branco o mais sincero e que, a-pesar-de ter a iniciativa no ministério (a meu ver) o ministro Torres, era contudo aquele o de mais inteligência. Hoje vou procurá-lo e com mais franqueza expor-lhe os males da pátria e os remedios a êsses males. Depois de alguns debates, êles ficaram de autorizar o barão plenamente para tratar da pacificação, cedendo já a todos os artigos que rezam minhas instruções, com a só exclusão de dois. E por êsses dois eu de bom grado fecharia aquí a paci-

Uma fôlha de Pôrto Alegre ataca os farrapos; nova conferência com os ministros; as condições de paz impostas pelos farrapos são quasi todas accetadas; instruções restritas; insiste para que a Caxias sejam dadas amplas attribuições.

(53) Antônio Francisco de Paula Holanda Cavalcante de Albuquerque, visconde de Albuquerque.

(54) Ernesto Ferreira França.

(55) Manuel Alves Branco, visconde de Caravelas.

ficação, porém minhas instruções são estritas, e que não o fôsem, eu faria para que êles autorizassem plenamente ao barão, porque êle não é como estes, venal, e tem mais fôrça moral que êles e que o imperador. Tal está o Brasil.

E como minhas instruções são restritas, não podendo por isso fechar aquí as condições da paz, continuo esforçando-me para que seja concedida ao barão a maior soma de atribuições que for possível, afim de efetuá-la aí. — Adeus — etc.

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1844.

Finalmente estão prontas as instruções e o decreto autorizando o barão. Contém as instruções (as que vi, pois por via de um personagem estrangeiro sou informado que vão outras com mais amplidão), mais ou menos o seguinte:

Prontas as instruções ao barão de Caxias; condições da paz; Fontoura ameaçado em sua liberdade; previsão de dificuldades; preparativos para o regresso.

Reconhecimento de postos ⁽⁵⁶⁾, pagamento da dívida, liberdade dos escravos, etc. etc. E para tudo isto obter, quanto não foi preciso sofrer! Que bem da pátria moveu jamais a estes infelizes áulicos? Queria o Cavalcante ⁽⁵⁷⁾, ministro da marinha, que eu ficasse aquí preso e isto só porque o bati calorosamente na conferência que tivemos ontem à noite, com todos os ministros. Com tais gentes e se assim é, como creio, em quasi todo o mundo, feita está a reação do absolutismo! Oh! liberdade! Quantos algozes!

O modo de tornar isto efetivo é que são todas as grandes dificuldades... Confiar tudo à boa fé e com precedentes que altamente gritam contra! Enfim o céu nos ilumine para de semelhante caos sairmos.

Amanhã devemos embarcar no vapor Paranapitanga, de fôrça de 60 cavalos, visto que o Gambá ⁽⁵⁸⁾ embirrou em não querer que voltemos no vapor em que viemos e que é de fôrça

⁽⁵⁶⁾ Excepto dos generais (Nota do manuscrito).

⁽⁵⁷⁾ Antônio Francisco de Paula Holanda Cavalcante de Albuquerque, visconde de Albuquerque.

⁽⁵⁸⁾ Deve ser Zeferino Martinho da Cunha, que o acompanhou ao Rio de Janeiro.

de 120 cavalos, de muito melhores cômodos e de mais segurança para atravessar o Oceano, pois no Paranapitanga, com qualquer vento teremos de arribar, tornando mais longa a vigem que se quer fazer com rapidez. — Adeus — etc.

Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1844.

Depois de termos hoje pelas 4 da tarde embarcado, voltamos à cidade, porque o comandante, em razão do vento contrário, só amanhã é que pretende sair. Voltaremos para bordo antes de amanhecer. — Adeus — etc.

Devido ventos contrários é adiada a partida.

Bordo do vapor Paranapitanga, enfrente à Vila Bela da Imperatriz, em S. Sebastião, 21 de dezembro de 1844.

São 4 horas da tarde e acabámos de fundear e, como o vento está forte, temos de esperar que abrande, porque o comandante, além de sua família, trás mais de passagem outra, que, além dos maus cômodos do barco, veio mais para flagellar-nos com uma récua de filhos malcriados, uma mãe desmazeladíssima.

De volta ao Rio Grande; frutas.

Há pouco veio um velho com a sua canoinha vender-nos uvas; são boas e grandes, e já quando passámos comi bons pêssegos em Santa Catarina. Aí devem inda estar mui verdes. — Adeus — etc.

Cidade do Destêrro, em Santa Catarina, 24 de dezembro de 1844.

Mais uma arribada, não só por causa do vento, como para meter carvão, porque já era pouco.

Amanhã prosseguiremos nossa derrota.

Quando havíamos fundeado em S. Sebastião, a 21 à noite, vi ao sudeste um cometa, não tão grande como aquele que há dois anos vimos aí, porém bem visível. Segundo o que me disseram, teve sua primeira aparição a 19 ou 20 do corrente. — Adeus — etc.

Um cometa á vista.

Norte, 27 de dezembro de 1844.

São 2 da tarde e poucos momentos há que entrámos a barra, vendo com indizível prazer as colinas da pátria. Ah! que breve estarei contigo! — Adeus — etc.

A vista das
colinas da
pátria!

Passo das Pedras, 1.º de janeiro de 1845.

E volta a aurora de 1845 vendo-me ausente da minha querida espôsa e filhinhos, como a de 44! Porém o céu é justo.

Mais um 1.º
de janeiro
longe da fa-
mília! — Em
marcha para
o exército.

A 29 do mês passado, pelas 9 da manhã, deixámos o Norte, chegando a Pelotas a bordo do vapor Rio-Grandense, pelas 2 da tarde do mesmo dia, e a 30, pelas 6 da tarde, principiámos nossa marcha para a campanha, deixando Pelotas. — Adeus — etc.

Piratiní, 2 de janeiro de 1845.

Eis-me pela primeira vez na capital da República e no momento em que está ocupada pelas armas imperiais!

Na capital
da Repúbli-
ca; reunião
com Caxias.

Pouco mais das 4 da tarde eram quando chegámos. Já estive com o barão e mui afável se mostrou. Amanhã devemos tratar dos assuntos da minha missão. — Adeus — etc.

Estância do Quintiliano Madruga, 4 de janeiro de 1845.

Ontem deixei Piratiní, em demanda do presidente Jardim e ministro Lucas por coisas de vital interesse e que é preciso conferenciarmos antes de eu seguir para o exército. Ambos se descuidaram muito, pois deviam fazer-me antecipado aviso onde os devia procurar, visto que não estão na fôrça.

A procura
de Gomes
Jardim, com
o qual trata
sobre a paz;
Caxias asse-
gura ampla
boa fé por
prte do go-
vêrno.

Falei já a José Gomes, estava só e um escravo no seu ranchinho no mato; conformou-se com o que há sobre a paz e por isso ela irá a concluir. Antes conferenciei com o barão; êle diz que da parte do govêrno assegura ampla boa fé e

que por si obriga sua palavra de honra e tudo em como tudo há de cumprir e fazer cumprir do que tratar etc. etc. Ora, é verdade que está em seus interesses está mesmo no sucessivo de sua mais requintada glória a conclusão desta luta... Porém, si êle fôra um anjo, tudo era nada, mas...

Agora só ambiciono marchar com rapidez ao exército, pois a demora de uma hora pode trazer-nos a infelicidade da morte de alguns patrícios mais, visto que a suspensão de armas só terá lugar com a minha volta ao barão. Falta-me falar com o Lucas e, mesmo sem cavalos ou quasi a pé, hei de marchar com rapidez. — Adeus — etc.

Quebracho, 6 de janeiro de 1845.

A 4 por tarde saí do Madruga, pernoitando em casa do Manuel da Rosa, afim de falar ao Lucas, o que só teve lugar a 5, em casa de João Antônio Martins, no Candiôtinha; ficou conforme com a exposição de minha missão.

Lucas está de acôrdo com as condições; e a minha e falta de cavalos.

A grande chuva e a inteira falta de cavalos fizeram-me perder a tarde de hoje: pretendo madrugar. — Adeus — etc.

Pontas de Poncho Verde, junto à casa do major Leite, 9 de janeiro de 1845.

Hoje pelas 8 da manhã reuni-me ao exército, tendo o prazer de ver nossos compadres Portinho, Frutuoso e Delfino.

Expus aos generais o resultado de minha comissão. Estão conforme exceto o Netto! O Netto que poucos meses há era o símbolo da desmoralização e que só com pouco se contentava, hoje, tendo muito se mostra descontente!... Muito pode a perversidade! Apesar disto que por ora não vale referir, mas que pode trazer funestas consequências, sigo hoje mesmo a falar ao barão, afim de que se suspendam as operações enquanto se ultima a paz.

De novo ao exército; Netto descontente com as condições da paz; notícias da família.

Soube pelo nosso compadre Portinho que estavas melhor, o que muito estimei, sentindo ao mesmo tempo a enfer-

midade da Listardinha e a asneira que aí foi fazer o dito nosso compadre, que nada menos vale que novas aflições a toda a família.

Parece incrível que, tendo chegado a 27 do mês passado, inda não te mandasse um próprio com a notícia. Tal é a pressa em que ando e a falta de portadores. — Adeus — etc.

Quebracho, 12 de janeiro de 1845.

Fontoura não mede sacrificios para alcançar a pacificação da provincia.

Eis-me outra vez no campo imperial! Hoje aquí chegou o barão e só espero jantar para voltar ao campo do exército republicano.

Muito tenho caminhado, porém nestes 15 dias teremos o desfecho de tão espinhosa e árdua negociação. O céu permita que meus patrícios não sacrifiquem ao mais louco dos caprichos a salvação do país. — Adeus — etc.

Santana do Livramento, 16 de janeiro de 1845.

Em busca de Canabarro; Bento Manuel recebe ordem de acantonar; Netto blasfema contra a paz; Canabarro é chamado para acampar; a actividade de Fontoura.

Acabo de chegar a êste povo, em seguimento do Canabarro, com um official imperial, que leva ordem do barão ao Bento Manuel para fazer alto no Alexandre Ribeiro, não avançando, nem fazendo avançar fôrça alguma além dêste povo, enquanto se tratar da ultimação da paz.

Canabarro está, segundo dizem, pelo Funchal, e Bento Manuel junto dêle, sempre perseguindo-o.

Netto ontem atravessou junto daquí, tomando a direção do Pamarotim, só com o seu piquete. Vai blasfemando contra a paz, alvoroçando o povo e, ousada, torpe e falsamente, prometendo que no município de Piratini, êle só reunirá 800 homens para opor-se à paz. Assim o afirmou ao Serrasin, que, com a sua cabeça francesa voando sempre por êsse belo ideal, crê e julga mais honroso anarquizar os poucos republicanos, insuflar-lhes uma nova guerra de extermínio e de horror, do que cedermos alguma cousa de nossos caprichos para obtermos a paz, única e salvadora tábua de nosso bem e de nossa passada reputação. Loucos! insanos! loucos!

Daquí faço seguir o Zeferino com o official imperial em demanda do David com comunicações minhas e do barão, para que volte a ocupar o terreno que fica desta capela ao Poncho Verde, no Cunha, durante o tempo necessário para a conclusão do negócio. Eu sigo já e já a alcançar o Netto para, si ainda fôr tempo, arrancá-lo do abismo a que o conduz sua louca ambição com grave prejuízo nosso; e, si tenaz prosseguir, êle só apressará a hora de sua punição.

Canabarro tem-se visto na precisão de ir desprendendo para a retaguarda e flanco direito do inimigo algumas fôrças, por não comprometer o todo dela, visto que vai muito a pé, levando sempre o inimigo em seguimento. Assim é que João Antônio, Carvalho e Frutuoso tomaram a direção dos Ibicuíis com fôrças; o Portinho e Valença ⁽⁵⁹⁾ também foram e, como os creio na Música, nesta minha volta em demanda do Netto, hei de alí tocar afim de destruir algum netto-pensamento que por ventura possam êles haver adotado. Ah! muito e dobrado trabalho me têm dado os meus patrícios aquí do que êsses venais espertalhões da Côrte! — Adeus — etc.

Música, 18 de janeiro de 1845.

Acabo de chegar; já escreví a Netto, que já vai longe na direção de Piratini e eu não posso para alí segui-lo porque tenho de esperar a resposta do Canabarro para prosseguir nas negociações.

Assim a casualidade me proporcionou estes 2 ou 3 dias de descanso enquanto volta o Zeferino.

O compadre Delfino diz-me que escreveu-te, dando parte da minha volta do Rio, mas eu não estou satisfeito sem que recebas letras minhas; estou por isso fazendo a diligência. — Adeus — etc.

Netto em direção a Piratini; à espera da resposta de Canabarro; descanso.

(59) José Alves Valença.

Música, 21 de janeiro de 1845.

Descansando; maldição contra os ambiciosos; demora; João Antônio e sua tropa em caminho de São Gabriel; inimigos da paz; acusações a Netto.

Desde 18 que estou aqui e suposto que eu precisava muito alguns dias de descanso para restabelecer a saúde que me havia roubado o excesso com que tenho viajado desde o dia 30 do mês passado, em que, de volta do Rio, entrei no giro da campanha; todavia eu de boamente renunciava a estes dias de descanso, que mal hão servido de restabelecer-me, porque do que serve dar ao corpo uma trégua ao excessivo trotar do cavalo, si com isto vou contando longos minutos e carregando a imaginação com o ingente pêso da conclusão da minha comissão, já tão demorada?

Maldito seja o Netto e todas essas almas vis, ambiciosas e endemoninhadas que pretendem deshonrar-se, ensanguentando, aviltando e submergindo o país num pélago de horrores!

Inda não voltou o Zeferino. Não sei se sua demora é devida à falta de cavalos, à distância em que possa estar o Canabarro ou à má vontade de Bento Manuel nestes negócios. Sei, sim, que isto pode mui bem comprometer a conclusão da guerra. Também não sei para que João Antônio com os corpos de Caçapava e Cachoeira, desprendendo-se do exército, sem esperar minha volta do barão, tomou o caminho de S. Gabriel, alongando-se assim do ponto que devem todos ocupar para tratarem da paz. Bem sei que, a pé como estavam, e sempre vivamente perseguidos por Bento Manuel, era necessário esta dispersão para melhor remontarem-se; porém para tão longe? Que fatalidade! Quanto me tem custado, inda o repito, a conciliar os ânimos dos nossos patrícios, isto é, daqueles que são sinceros e que têm sido vivamente agitados e sacudidos pelas pérfidas insinuações dos malvados que só anelam sangue, destruição e mortes!

Um Netto, um baiano ⁽⁶⁰⁾ e um francês ⁽⁶¹⁾ são os personagens que aparecem na arena advogando a causa da des-

⁽⁶⁰⁾ José Mariano de Mattos.

⁽⁶¹⁾ João Serrasin.

trução, isto é, querem a continuação da guerra. Que loucos! Às vezes quero persuadir-me que eles têm boa fé e que só um erro de entendimento os move a isso, mas essa minha fatal reminiscência lhes não dá quartel, rasgando o véu que, sujo com o pó dos anos, tem tapado um pouco sua carreira revolucionária, descobre-me ali num cantinho da imaginação Netto recebendo 250.000 cruzados de direitos, correspondentes a outras tantas arrobas de charque, no ano 37, afirmando e fazendo afirmar pelo jesuíta boticário que tal dinheiro ia ser aplicado para vestir a tropa que então assediava Pôrto Alegre. Mas, pobre tropa! o dinheiro recebeu-se e ela continuou na nudez, que apenas se ia remendando com os bixarás de Mostardas que compravam fiado e que, inda em 1842, se principiaram a pagar.

Quanto ao baiano, é um fanático e sobretudo nimiamente impostor.

O francês estava quebrado em seus negócios em 35 e hoje (com o seu negócio) conta uns poucos de mil pesos! E, si no inferno da revolução se hão dado tão bem estas três harpias, como quererão sair do inferno?

Não sei si eles conseguirão alguma cousa, porém, quando menos, agitarão alguns exaltados, cooperando para mais algumas mortes, prisões, etc. Valha-me Deus! — Adeus — etc.

Música, 22 de janeiro de 1845.

Não disse eu que este meu descanso aquí pesava-me mais, e mais me cansava que o excessivo trotar dos cavalos numa viagem não interrompida? Pois é verdade e hoje então de sobejo se realizou.

Ao amanhecer estava a casa cercada, batiam à porta; abro prontamente; era uma partida que procurava pelo nosso compadre Delfino. Ele aparece e lhe intimam ordem de prisão para seguir a S. Gabriel. Não houve fianças nem rogos. Ele seguiu, e também o Policarpo ⁽⁶²⁾, filho do amigo Isido-

Prisão de
revolucioná-
rios; provi-
dências de
Fontoura.

(62) Policarpo Pereira de Carvalho e Silva, da Cachoeira.

ro ⁽⁶³⁾, a-pesar-de não vir compreendido na portaria de prisão e de não dever ser preso, em consequência de uma portaria que o barão me havia dado... Porém o comandante da partida não sabia ler e o Policarpo é um valente que o comandante julgou devia ornar a sua entrada triunfal em S. Gabriel.

A nossa comadre, pobre comadre! ficou inconsolável e, com três meses de gravidez, quem sabe o que lhe poderá acontecer! Pois estes males sucedem-se todos os dias e parece que jamais toca a tanta ligeira cabeça. Assim é que as fôrças que na atualidade deveriam estar por estas vizinhanças estorvando estes e outros sucessos, foram para os municípios do centro procurar famílias, para por esta forma afligirem.

Escreví logo ao barão, pedindo-lhe portaria de soltura para os dois. Creio que virá. — Adeus — etc.

Música, 26 de janeiro de 1845.

O barão mandou a portaria de soltura para o Policarpo e quanto ao compadre Delfino, mandou-me dizer que não foi preso por motivos políticos e sim a requerimento de um negociante para umas indagações respeito a um jôgo que teve nosso compadre e que seria logo solto. Amanhã sigo até o barão para pedir de uma vez a soltura, porque a comadre está inconsolável.

Hoje recebi officios do José Gomes e do Lucas. Diz aquelle que não pode assistir a reunião para celebrar-se a paz, por sua enfermidade ter ido em aumento... Êste, ah! bom é calar porque corta-se-me o coração quando o dever me ordena ser juiz de um amigo... Eu calo, porém sua carta, que conservarei, o condenará eternamente.

Meus officios de ontem e de hoje têm sido um anátema para esses malvados egoístas que, recusando baixa e vilmente a paz, vão anarquizar-nos e fazer exterminar ignominiosamente os preciosos restos, os verdadeiros republicanos,

Não tem motivo político a prisão dos revolucionários; José Gomes ardim; quasi desesperando de obter a pacificação; O barão mantém os princípios da paz.

(63) Isidoro Pereira de Carvalho e Silva.

esses que tudo têm perdido, exceto a honra, por tocarem o zênite da verdadeira glória! Que mau fado nos persegue! Todavia creio inda possível efetuar-se a paz.

Deixei de caminhar hoje para ver a comadre Terezinha. Ela chegou e muito pouco ou nada tem envelhecido.

Ontem chegou o Zeferino com a contestação do Canabarro. Estou satisfeito com ela, porque inda está nos mesmos princípios da paz.

Ontem te escreví, remetendo a carta ao Pereira para te enviar. — Adeus — etc.

Bagé, 31 de janeiro de 1845.

A 29 cheguei a este povo e amanhã devo seguir a encontrar Canabarro.

Netto passou perto daqui. O barão me contou como êle se há portado, mandando do outro lado do Rio Negro chamar ao pardo Mendanha ⁽⁶⁴⁾, mestre da música de um batalhão, com quem teve uma larga conferência, com tanta reverência e acatamento como se fôra com um general! Não ficou homem da república de quem não dissesse mal! Tanta vileza, tão insólito desatino inda foi enegrecido com as idéias que a momento dava de que assentiria à paz se ficasse general! Miseria! E' confiar muito a um pobre músico que, apesar de lhe ter amizade, é todavia mais grato ao barão, cuja família o tem sempre favorecido.

Hoje foi o Ismael, que aquí chegou ontem, fazer de parteiro, afim de que o Netto e Bento se apresentem na reunião que deve terminar a guerra... Antes não fôsse, porque o comparecimento de homens tão envilecidos não nos pode trazer senão males. — Adeus — etc.

Campo em Pamarotim, 4 de fevereiro de 1845.

Ontem à noite cheguei a esta força trazendo de Bagé o capitão Demétrio ⁽⁶⁵⁾ da legalidade, que já seguiu hoje a

Em busca de Canabarro; Netto descontente faz questão do generalato; preparativos para a reunião.

Preparativos para a paz; Canabarro e Guedes decididos a terminar a guerra; loucura de Fortinho e Valença.

⁽⁶⁴⁾ Joaquim José de Mendanha, autor da música do hino da República.

⁽⁶⁵⁾ Demétrio Ribeiro.

Bento Manuel com officios do barão, para que não avance, conservando-se por pontas de Pai-passo até a estância do Manuel Lourenço, enquanto se trata definitivamente da paz.

Estou contente! Canabarro e Guedes estão decididos a terminar a guerra. Guedes estava mui despeitoso com os malvados que não querem a paz, porque de Santana do Livramento donde espalharam algumas cartas apócrifas aconselhando a continuação da guerra, foi dêste número uma em nome do Guedes, dirigida a mim. Que malvados!

Hoje sigo para a Música, a escrever alí e com mais commodidade alguma cousa que é necessário ter pronto para o dia em que se conclua esta malfadada luta.

O Delfino estava por chegar em Bagé e o barão prometeu-me de mandá-lo logo. Sem embargo amanhã faço voltar o Zeferino para vir com êle. Tive a desagradável notícia de que o Portinho e o Valença se encaminharam para êsses lados. Sem dúvida estão por aí perto com as mulheres! Que loucura! Que vontade de serem presos ou soffrerem algum mal maior! E agora, que todos têm a mais estrita obrigação de comparecer no campo da reunião... — Adeus — etc.

Música, 8 de fevereiro de 1845.

Hoje pelo Joaquim Luiz de Lima te escreví e pelo mesmo te maidei 22 onças de ouro e o caderninho de cartas n. 26. Deus queira que tudo te seja entregue com brevidade.

Não sei si o João Portinho te mandaria entregar 200 patações, e si o Gabriel também te entregaria outra igual quantia, pois para isso havia eu dado as providências antes de seguir para o Rio de Janeiro.

Nosso compadre Delfino aquí chegou a 6 do corrente.

Tenho estado descansando estes dias a espera que se reúnam os comandantes de fôrças, que tanto têm custado e eu ansioso por ir ver-te e aos nossos queridos filhinhos. — Adeus — etc.

Campo junto ao Machado Cacunda, 10 de fevereiro de 1845.

Será crível?! Poder-se-á acreditar que João Antônio é também um desses entes corrompidos que não querem a paz? João Antônio? (*) E não a quer, só porque não lhe confirmou o governo imperial a patente de general! ... Quem, quem o podia imaginar? Sai do exército com a missão de reunir, corre o tempo e, ou porque não pode, ou porque de reunir ele não cuide, nada há feito mais do que mate em Santa Vitoria. Repetidos avisos ao Canabarro chamando-o, a que se incorpore ao exército, e nada! Até se não envergonha de dizer a Carvalho e Portinho que um officio meu que recebeu sobre o mesmo objeto não era officio e sim carta! Dando ouvidos ao sórdido e estúpido Moraes, ⁽⁶⁶⁾ eles hão com afinco criado novos desastres à pátria, insuflando nas massas a desorganizadora idéia da insubordinação, a ponto tal que se podia crer que si eles levassem a flux sua infernal tendência, teríamos de ser dominados pelos magotes de salteadores que, a muito custo, inda são contidos nas fileiras por êsse resto de ordem que inda existe! Safados! safadíssimos monstros! Assim, sem dó, sem pejo, afrontam e inutilizam tão illustres sacrificios! Assim pretendem que os preciosos restos da república se transforme, em gavilhas de salteadores!

Quado a 9 do mês passado em Poncho Verde me reuní ao exército, eu me afligi, porque estavam inteiramente a pé e alí reunidos os três generais. Volto no mesmo dia ao barão e estafo uns poucos de cavalos para chegar logo com a ordem de suspensão de armas a Bento Manuel, que com fervor apurava nosso exército. Volto com essa ordem inda a tempo de salvar nossas fôrças. Sim, digo salvar, porque estávamos inteiramente a pé e Bento Manuel já havia mandado receber de

A attitude de João Antônio desperta comentários; os farrapos a pé; Bento Manuel refeito de cavalhada e pronto para atacá-los; manobras de João Antônio; Canabarro e Guedes partidários firmes da paz.

(*) A respeito da attitude de João Antônio, com data de 23 de fevereiro de 1845, escrevia Bento Manuel Ribeiro ao barão de Caxias:

"João Antônio depois que o tenente-coronel Fernandes o correu até acima de S. Borja voltou a Cacequi e mandou-me roubar 150 cavalos da estância do Dr. Sá Brito, que acabavam de chegar de Itaquí onde mandei comprar para fazer uma tropa de corte, não sei o que elle pretende".

O que acima referiu Fontoura explica em parte, ou no todo essa estranha attitude do valente chefe farrapo.

⁽⁶⁶⁾ Tenente-coronel José Alves de Moraes.

Corrientes 500 cavalos, que a carta do general Paz, depois interceptada, mui bem certifica; e sôbre João Antônio, que por estar a pé e com a missão de reunir, seguia sôbre S. Gabriel, desprendeu Bento Manuel o tenente-coronel Fernandes, ⁽⁶⁷⁾ que em sua marcha recebeu do outro lado do Ibicuí 500 cavalos para tornar vigorosa a perseguição de João Antônio, (*) o inhabil general Silveira, desprendendo as fôrças para o centro do município, ficou em Santa Vitória de comandante de polícia e como tal foi acossado pelas partidas do Fernandes até o Curral de Pedra, cometendo o êrro de não reprimir-se sôbre as fôrças que para dentro havia mandado e, feita a junção, bater, si pudesse, a Fernandes.

Recebe ordem Fernandes de Bento Manuel para retirar-se para o município de Alegrete, em consequência da suspensão de armas, e que faz João Antônio? Volta do Curral de Pedra sôbre o Cacequí, pretextando que ia mandar a S. Vicente bater um Doca ⁽⁶⁸⁾, em vez de atender ao chamado do general em chefe.

Assim parece que êste chefe, outrora de reputação, tem idênticos sentimentos aos de Netto, coletores, Serrasin, preto major Medina ⁽⁶⁹⁾ castelhano e outros sedentos inimigos do já tão escasso precioso sangue rio-grandense.

Hoje lhe fez Canabarro novos officios. Ah! quanto é belo o rosto de um herói que, vencendo braço a braço a fôrça do destino, mira com serena vista e coração leal o bem da pátria e só a êle se dedica! Assim me estavam parecendo hoje Canabarro e Guedes, firmes sustentáculos daquilo que hão tratado, daquilo que nos salvará sòmente. — Adeus — etc.

⁽⁶⁷⁾ Antônio Fernandes Lima.

(*) Veja-se nossa nota anterior, nesta mesma carta, sôbre a attitude de João Antônio e a perseguição ordenada por Bento Manuel no trecho transcrito do officio ao barão de Caxias.

⁽⁶⁸⁾ Major José Fernandes de Souza Doca.

⁽⁶⁹⁾ Teodoro Medina.

Música, 11 de fevereiro de 1845.

Ontem mesmo voltei aqui para falar com Portinho e Valença, que chegaram de dentro a receber cartas tuas ... Nada! Só a Benta me escreveu e teu irmão, teu irmão sabes como é desmazelado por dar notícias de casa, se envolveu nas conversas do dia.

Êles e Carvalho têm essas cabeças tão cheias de mesquinhos erros! Tanto pensamento minuano! Quererão êles também ser charruas? Quem sabe!

Atualmente, muito apurado, todo o nosso exército mal poderá contar 2.000 homens, que todavia não estão reunidos; e si os malvados conseguem fraccionar-nos, que fica para guerrear ao exército imperial, atualmente composto de 16 batalhões, 12 regimentos de cavalaria e tantas peças quantas necessitem, e com um general que se sabe fazer obedecer? Mas aí fica para vencer a perícia de Netto, João Antônio e Moraes perneta ...

Precisa-se de muita constância, de muito amor ou fanatismo à honra, para não abandonar tais loucos. — Adeus — etc.

Campo no banhado da Carolina, 17 de fevereiro de 1845.

Desde 15 que cheguei da Música a esta fôrça. Veiu comigo o Valença, e o Portinho ali inda ficou, mas tanto êste como aquele já querem a paz. O Carvalho como é mais falatório, não asseguro por ora, a-pesar-de seus protestos.

O ministro Lucas sempre veio e dizem que hoje chegará Netto. Também se espera Bento Gonçalves, e só o João Antônio consta estar inda por Cacequí. Que ambição! Não vem o José Gomes e, por molesto, comissionou a Lucas e Canabarro para fazerem suas vezes. — Adeus — etc.

Noticias de casa; e cabeças cheias de erros; o exército republicano mal poderá contar 2 000 homens; o exército imperial.

Emissários para tratar da paz; vão se reunindo os officiaes.

Campo enfrente à Carolina, 19 de fevereiro de 1845.

Chegam
mais oficiais
para a reu-
nião.

Hoje chegou o tenente-coronel Felicíssimo ⁽⁷⁰⁾ com pouco mais de 100 homens. Foi reunir, porém voltaram menos do que foram!

O Netto veio com êle, inda proclamando os mesmos princípios. Aquí se acha, mas felizmente não tem seguidores. — Adeus — etc.

Campo enfrente à Carolina, 20 de fevereiro de 1845.

Fontoura
redobra es-
forços para a
pacificação.

Hoje chegou João Antônio com seus homens. Êle e quasi toda essa fôrça são antagonistas da paz. Quem o diria? E só por...

Empenho meus amigos, redobro meus esforços e espero destruir tanta ambição. — Adeus — etc.

Campo imperial no Alonso, 23 de fevereiro de 1845.

Noticias de
Bento Gon-
çalves; sua
atitude; sua
opinião sô-
bre a paz;
não compa-
recerá à reu-
nião, mas
manda seu
voto e o de
seus oficiais.

Ontem cheguei a êste campo, mandado para saber solução de Bento Gonçalves, por quem só se espera para concluir a guerra.

Surpreendeu-me o barão que me relatou o recado que êle lhe mandou pelo Ismael. O barão fez voltar o Ismael, dizendo que o fizesse por escrito e há pouco chegou o Antunes ⁽⁷¹⁾, sobrinho do dito Bento, não só certificando tudo por escrito, como ainda mais mandando a sêlo volante para o barão ver, o ofício que dirigiu ao David (*). Tanto em uma como em outra cousa, êle se abaixa vilmente, dizendo que a paz se há de fazer seja como fôr e que êle alí ficava na estância do velho Netto ⁽⁷²⁾, que dêle dispusesse o barão como lhe

(70) Felicíssimo José Martins.

(71) José Narciso Antunes da Porciúncula, ajudante de campo de Bento Gonçalves da Silva.

(*) Veja-se a carta de Bento Gonçalves a Davi Canabarro, datada de 22 de fevereiro, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, 1-11-1928.

(72) José de Souza Netto, pai do general Netto.

conviesse; e, inda mais, foi também mostrada ao barão a ata que êle fez os officiaes da fôrça de seu mando assinarem, na qual estòlidamente sujeitam seu voto ao do Bento! Assim é que o Bento, como velhaco esperto, puxa o débil carro da revolução para um lado, o Netto, como velhaco tolo, para outro. Assim é que estes homens encanecidos na carreira do crime, comprometem os restos de seus concidadãos a quem comprometeram e mui principalmente o Bento (*); porque, vendo que Canabarro e os homens a quem êle mortalmente odeia hão conseguido uma paz honrosa, tira-se de sua dignidade e diz: — A paz se há de fazer, seja como fôr!

Ao árbitro, pois, do barão agora está dizer: — Eu não posso confirmar a homens tão fraccionados as concessões do govêrno. Eu agora imponho estas ou aquelas condições.

E para dar fôrça a tal perfídia, Bento se faz acreditar que tem a seu mando uma fôrça de 700 homens, quando não chegará talvez a 400; e estes mesmos os deixou abandonados além do Camaquã, em vez de marchar com êles a êste campo; no entanto que nem êle aquí aparece, ficando além de Jaguarão na estância do Netto, com parte de doente!

Eu não sei, minha Clarinda, estes homens como me não têm deixado louco! — Adeus — etc.

Carolina, 25 de fevereiro de 1845.

Hoje reüniu David conselho de officiaes, desde tenente até generais e, expondo as condições da paz, não houve um só voto contra, ficando todos satisfeitißsimos, porque tudo era mui diferente do que diziam os sequazes da guerra, que com a cara à banda, foram também aprovando e hoje só cuidam em arrecadar recibos velhos para chuparem o dinheiro que puderem!!! (**)

Um grande
conselho de
officiaes ap-
plaudiu as
condições da
paz; descon-
fianças.

(*) Conforme já fizemos notar em notas anteriores, todo êsse furor de Fontoura contra Bento Gonçalves é, principalmente, devido o assassinato de Antônio Paulo da Fontoura, que os antagonistas da Assembléia de 1842 acreditavam ser obra de Bento Gonçalves. E o furor aumentou ainda com o doloroso fato com Onofre.

(**) Sôbre os documentos da pacificação, ver Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do R. G. do Sul, ano de 1928.

São 8 da noite e agora soube que o coronel Marques chegou ao campo, não sei a que; porém estou já pensando que sejam os efeitos da submissão do sr. Bento. Eu hoje, depois do conselho, retirei-me a pouco menos de légua da fôrça, para aprontar a escrituração que deve fechar êste negócio e assim estar longe dos conversadores, que sempre me estorvam e nunca me ajudam. Tão só, sòzinho me acho nestes trabalhos, que às vezes quasi desespero de concluí-los. Quem me há de ajudar... — Adeus — etc.

**Campo imperial, na margem direita do Santa Maria,
27 de fevereiro de 1845.**

Era meia noite quando cheguei a êste acampamento do barão: vim com o coronel Marques; o motivo de sua ida ao nosso campo foi justamente por desconfianças que teve o barão, por causa desta já indesculpável demora em que muita gente têm tido parte; e até o pardo Joaquim Pereira de Borba, que era inspetor do tesouro e a quem o Lucas encarregou de tirar a relação dos credores do estado para serem pagos, o que, quando vim do Rio, foi a cousa que mais recomendei ao Lucas e que hoje já se podia estar pagando, porém que, por causa do mulato Borba, inda está sem andamento, a-pesar-de ter tido para êsse serviço, quando muito de 4 dias, dois meses!

Três dias faz que saíu o tenente Duarte ⁽⁷³⁾ para trazer o Borba ou ao menos os papéis, que devem ficar a cargo de uma comissão para rever e pagar.

Esta madrugada volto para o nosso campo e nestes três dias estará acabada a revolução!!! — Adeus — etc.

**Campo na lagoa das Conchas, em Poncho Verde,
28 de fevereiro de 1845.**

Acabo de chegar e pouco tempo tenho descansado, por estar escrevendo, porque amanhã deve Canabarro publicar

Fenton-
ra no acam-
pamento im-
perial; Ca-
xias descon-
fia da demo-
ra em se ul-
timar a rela-
ção dos cre-
dores do Es-
tado; a re-
volução aca-
bará dentro
de 3 dias.

As procla-
mações da
paz; é preci-
so andar com
Bento Ma-
nuel adian-
tado.

(73) Manuel Carneiro Duarte, pai de Ernesto Carneiro da Fontoura.

sua proclamação e também a do barão que já veio com data de 1. de março, e o officio para Bento Manuel, isto porque assim o exige, porque êste Bento Manuel é preciso andar com êle adiantado, afim de não fazer das suas na dispersão de nossa fôrça (*).

Os nossos infames que não lhes faz conta a paz, têm levantado novas cousas e eu já vou perdendo o sofrimento... — Adeus — etc.

Poncho Verde, no Moreira, 2 de março de 1845.

Ontem reünio Canabarro o conselho de officiaes superiores, para mostrar-lhes as proclamações, afim de publicá-las e estes votarem no homem que deve receber a presidência da província, na forma do contrato de paz; houve alguma discussão e, depois dela, foi aprovado tudo. Requereu a maioria continuasse o barão na presidência.

Hoje chegou o tenente-coronel Osorio (74), que veio ao nosso campo a convocar soldados voluntários para o seu corpo, porque Bento Gonçalves mandou dizer ao barão que mandasse recrutar voluntários ao nosso campo, onde havia muitos rapazes aptos.

Estou a espera das listas dos nossos soldados e officiaes para voltar ao campo imperial, a promover as portarias de suas garantias tendentes ao serviço.

Cessou finalmente hoje, minha Clarinda, a perseguição que me faziam! Desenganados que não continua a guerra, deixaram de deprimir-me e volveram a ajuntar velhos recibos e contas, para verem se inda podem pilhar alguns patações!

Netto diz que sai hoje para o Estado Oriental e que há

Conselho de officiaes; Ca-
xias eleito
para presi-
dente da pro-
víncia; Osor-
io recrutando
voluntários
para seu
corpo; cessou
a persegui-
ção a Fon-
toura; Netto
diz que irá
para o Esta-
do Oriental;
os officiaes
recusaram
servir no
exército im-
perial.

(*) Por essa frase de Antônio Vicente da Fontoura, nota-se claramente a pouca confiança que tinha em Bento Manuel e tanto assim que "é preciso andar com êle adiantado".

Contudo, não há negar, Bento Manuel Ribeiro foi a maior espada da revolução entre os imperiaes e entre os farrapos senão superior ao menos igual a Canabarro, Netto, Bento Gonçalves e outros.

(74) Manuel Luiz Osorio, depois marquês do Herval.

de passar bem longe de Bagé. Mentira! Eu disse já ao Canabarro que é o primeiro que há de ir ao barão.

Nossos oficiais recusaram todos aceitar o serviço imperial. Inda se mostraram grandes, apesar das sugestões de homens envilecidos. Uns 10 ou 12 baianos, porém, vão oferecer seus serviços em seus postos ao império, levando à sua frente o coronel Daniel ⁽⁷⁵⁾: é esta uma ambição bem vil. — Adeus — etc. (*)

Bagé, 4 de março de 1845.

Aquí está o barão. Aquí cheguei ontem. Tem havido muitas festas. Hoje às 11 horas chegou Bento Gonçalves, e às Ave-Marias entrou o Netto. Não dizia eu! Estiveram ambos com o barão.

Este constantemente insta com David para terem uma entrevista; não sei si conseguirei.

Volto amanhã ao nosso campo e dali a S. Gabriel, aonde vai o barão. — Adeus — etc.

Bagé, 5 de março de 1845.

Hoje volto ao nosso campo e inda não marchei, porque tenho estado ocupado a tirar uma relação das viúvas e órfãos dos republicanos dêste distrito que têm morrido na revolução, para receberem um recurso de dinheiro. O Netto e João Antônio que receberam ordem para dar uma relação exata de tais pessoas, por suas divisões, e que inda no dia 2 do corren-

Regosijos
pela paz;
Bento Gon-
calves e Net-
to com o ba-
rão; este quer
ter uma en-
trevista com
Canabarro
que se nega.

Recursos de
dinheiro às
viúvas e ór-
fãos da revo-
lução; Netto
e João An-
tônio; paga-
mento da dui-
vida; acusa-
ções a Luiz
Boticario.

(75) Daniel Gomes de Freitas.

(*) Deve-se dar algum desconto a toda essa virulência do grande Fontoura. Também êle, com toda sua boa vontade e clarividência, foi ilaqueado em sua boa fé. E por isso todo êsse ódio aos seus antagonistas. Cousas da época agitada e dolorosa, verdadeiro totilimundi de sentimentos e paixões. Quanto à "ambição vil" de que fala respeito a alguns oficiais que se apresentaram ao governo imperial, nada mais injusto do que essa asserção de Fontoura. Não diz o próprio tratado de paz, § 7.º, que todos os republicanos, oficiais, podem "apresentar-se sempre que assim voluntariamente o queiram"? Estavam, pois, no seu direito.

te tão hipòcritamente se mostravam procuradores do bem geral, em nada cuidaram, nenhuma relação deram! Um foi para o Cacequí, e o outro, que nesse mesmo dia 2 andou se despedindo por certas barracas, dando sua palavra de honra e dizendo que ia para o Estado Oriental, porque não queria ser amarrado no dia seguinte e que nesse seu trânsito havia passar bem longe de Bagé, só para não ver o **Carióca**, ⁽⁷⁶⁾ ontem aquí veiu e aí está na chácara do pai, tratando carreiras! Pobre povo! Pobre povo que tão ludibriado tem sido!

O tenente que se mandou a Piratiní inda não veiu com os livros da tesouraria e contas para dar-se princípio ao pagamento da dívida pública, e o tal Borba tem feito também a sua república... Mas não é êle, é o Luiz Boticário e mais súcia que estão aflitos com a aparição dêsses papeis; e com razão, porque, segundo me disse o Lucas, o tal Luiz, quando entregou o ministério da fazenda, deu em saída 300 e tantas onças que havia em Piratiní metido em uma peça de baeta para escapar ao inimigo! A tal peça de baeta foi tomada com outras fazendas em uma carreta e lá diz êle que se foram as onças!!! Que ladrão safado! — Adeus — etc.

Campo em lagoa Formosa, no Vacaiquá, 8 de março de 1845.

Ontem cheguei e hoje sigo para a Música, para amanhã seguir dalí com os compadres Portinho e Frutuoso para S. Gabriel. Finalmênte vou para dentro e breve estarei contigo!

Triunfei finalmente dos ambiciosos e, por não terem apóio, não tentaram sôbre meus dias. Desde o princípio da revolução nunca a minha vida esteve em tanto risco e no momento em que talvez prestava um maior serviço à minha pátria! Homens ingratos; pérfidos homens! Mas dêles nada preciso, estão salvos e breve estarei contigo! — Adeus — etc.

Fontoura espera dentro em breve estar com a família: nunca a sua vida esteve em tanto perigo.

⁷⁶⁾ Barão de Caxias.

Inhatium, no Pereira, 11 de março de 1845.

A espera de
Canabarro;
comissão de
contas; só
Fontoura
ainda não
pode visitar
a família!

Já estou aquém do rio Santa Maria e com tenção bem firme de não mais vadeá-lo, tal é a viva lembrança que conservo dos sofrimentos que, por mais de 4 anos, tenho suportado além dessa conhecida corrente de nossa província.

Amanhã sigo para S. Gabriel a esperar Canabarro, que vem falar com o barão, que alí se acha, tendo depois que instalar a comissão que deve rever as contas e pagar a dívida contraída pelo extinto govêrno da revolução.

Ah! enquanto êsses mesmos que tanto fizeram por tornar a paz, já gozam de suas delícias, eu inda me conservo ausente de tudo quanto amo, cheio de amofinações, cheio de desgostos e antevendo já as exigências e as ladroeiras dos ambiciosos, dos egoístas e dos **mashorqueiros**, que muito devem importunar essa comissão de que sou membro. Vou-me consolando com aplicar a toda essa gente e a mais **alguém** os seguintes versinhos:

Sim, ó pátria sempre amada,
todo teu sempre serei;
desta glória sou contente,
que a ti só me dediquei.
Si outrora a teu lado
expus a existência,
seria demência
servir os algozes,
que escrava te tem.
Si o sangue te sugam,
despojam teus cofres,
o mérito fugam,
perseguem, mal vêm;
seria imitá-los
em seus desvarios,
seria trair-te,
ó pátria querida,
unir minha vida
à dêsses vadios

que além de si mesmos
não amam ninguém.

Adeus, etc.

S. Gabriel, 22 de março de 1845.

Ontem às 8 horas da noite fui à Calera (*) e voltei às 11 com o Canabarro, que conferenciou com o barão 4 horas seguras; e às 3 da madrugada, voltamos à Calera, onde me conservei ocupadíssimo até hoje e para alí ainda volto amanhã.

Já se aproxima o dia de ir ver-te, porque, tanto que Canabarro se vá embora e eu volte e instale a comissão, que será a 26 do corrente, estou listo para seguir. — Adeus — etc.

Conferência
de Canabarro
com o barão
de Caxias;
instalação da
comissão de
contas.

(Fim do **Diário** de Antônio Vicente da Fontoura)

*) Deve ser **Caieira**, estância à margem do rio Vacacaí, no município de S. Gabriel. Foi nessa estância que se bateram três farrapos contra 30 imperiais, em fins de junho ou princípios de julho de 1844. Esse feito que immortalizou a Manuel Carvalho de Aragão e Silva, o Manduca Carvalho ou Carvalhinho de que tantas vezes fala Fontoura no seu **Diário**, Sese-fredo Alves Coelho de Mesquita e Policarpo Pereira de Carvalho e Silva é uma das paginas mais brilhantes pela bravura, ou melhor, temeridade inaudita desses três heróis.

Povoamento inicial do Rio Grande

General Borges Fortes

(Nota: — Com o título geral de *A Frota de João de Magalhães*, publicamos, no número correspondente ao primeiro trimestre do corrente ano (pág. 63 e sgts.), os dois primeiros parágrafos do presente estudo, cujo título geral devia ser o que encima estes dois parágrafos e não o que figura naquele número de nossa Revista. O título *A Frota de João de Magalhães* deve ser pois, o do parágrafo primeiro, e **POVOAMENTO INICIAL DO RIO GRANDE** o título geral d'este magnífico estudo. — N. R.).

III

OS ESTANCIEIROS

“Com o advento dos Lagunistas as estâncias se multiplicam, já não é mais um fogão perdido no espaço imenso: forma-se o núcleo de fixação portuguesa hoje, brasileira no outro alvorecer”.

Discurso: *A Estância*, pelo General Borges Fortes.

Nos dois primeiros artigos desta série sobre o povoamento inicial do Rio Grande do Sul expusemos o papel desempenhado pelos expedicionários da frota de João de Magalhães e as razões que acreditamos tivessem levado a família

de Francisco de Brito Peixoto e os homens da modesta vila catarinense da Laguna a se removerem para o Rio Grande de S. Pedro.

Procuramos demonstrar como se formaram as invernadas e a sua transformação nas estâncias, fundadas em maior número nas cercanias de Viamão.

Prosseguindo no assunto vamos arrancar dos documentos públicos a revelação dos nomes daqueles que sendo os primeiros estancieiros em nossa terra foram por isso mesmo os esteios basilares das famílias patricias.

* * *

Em 16 de agosto de 1782, o Conde de Sarzedas informava ao Rei ser verdadeira e legítima a alegação de Brito Peixoto quando solicitava o latifúndio do Tramandaí ao Rio Grande, e, mais tarde, em 5 de abril de 1735, é ainda o próprio Sarzedas quem vai oferecer ao govêrno de Lisboa os fundamentos para que fôsse negado o favor pedido pelo velho criador da Laguna.

Êsses fundamentos foram calcados na informação prestada pelos três signatários do documento datado de S. Paulo e que reproduzimos no artigo anterior, onde se diz que havia na região pretendida por Brito Peixoto, ao longo do caminho entre o Tramandaí e o Rio Grande, vinte e sete fazendas montadas.

Eram as invernadas.

Já verificamos que até o ano de 1733 só havia três ou quatro sesmarias concedidas pelo govêrno da Capitania, ao Sul da Laguna.

A primeira seria a que o governador Antônio Caldeira da Silva Pimentel concedera a Jerônimo de Castro, nas terras catarinenses de Urussanga.

As três outras deveriam ser as de Francisco Xavier e de Manoel Gonçalves Ribeiro, nas Conchas, proximidades do Tramandaí, e a de Francisco Vicente Ferreira, nos campos de Itapoan, as mais antigas registadas no volume 38 dos Documentos Interessantes de S. Paulo.

A família de Brito Peixoto desce, como procuramos demonstrar, em 1734, para assegurar-se o domínio das terras de Viamão, não ao longo da trilha das tropas, porém mais para o interior do Continente, cobrindo com os seus ranchos e currais os topos das cochilhas e as fraldas dos morros e rasgando nas matas e campos virgens das margens do Guaíba e seus afluentes os primeiros eitos de suas lavouras.

E' o nosso Estado que desperta para a vida e para a civilização à sombra do glorioso pavilhão das quinas, alí erguido pelos braços robustos dos homens da Laguna.

A formosura daquelas plagas continuaria a exercer decisiva atração sôbre a gente daqueles tempos.

Não corriam os bandos apressados sôbre as glebas na procura sedenta do ouro ou da prata, como sucedera em tantas outras regiões da colônia. Vinham os homens e as famílias, ininterrupta, definitivamente, para se fixarem nos **retãos** de campo que ocupavam e logo transformavam, pelo trabalho porfiado nas lavouras e nas estâncias.

Manoel Pereira de Barros, signatário da informação funesta para Brito Peixoto, é homem dêsse tempo. Tropeiro a princípio, fez a sua invernada junto à Lagoa que hoje tem o seu nome, e aí se radica, talvez o primeiro povoador de Santo Antônio, recebendo carta de sesmaria no ano de 1744. O nome de Manoel Pereira de Barros figura entre os 64 que aguardavam a desobstrução da estrada do planalto, ocupada pelos índios das Missões, conforme os documentos a que aludimos no capítulo anterior e a que continuaremos a nos reportar.

Antônio de Araujo Vilela ocupava também terras na adjacência do caminho. O seu nome está na relação de tropeiros e uma nova referência se encontra no recenseamento de 1784.

Entre os habitantes da freguesia de N. S. dos Anjos se inclue o nome de Eusébio Francisco como possuidor de um campo com uma légua em quadro que lhe dera em dote o falecido seu sogro Antônio de Araujo Vilela.

João de Almeida é outro dos tropeiros arrolados. No recenseamento de Viamão vem o seu nome citado como possuí-

dor de uma sesmaria de duas leguas que vendera ao Capitão Pedro Lopes Soares.

Há ao longo da costa do Atlântico uma lagoa de S. Simão. Encontra-se um Simão dos Santos na lista de tropeiros e pode-se presumir que fôsse êle quem desse o nome de seu patrono ao acidente geográfico junto ao qual se arranchasse.

Também tropeiro foi José Leite de Oliveira, nome que não pode pertencer a outra pessoa senão a do estancieiro que desposou uma das filhas de Jerônimo Dorneles de Menezes.

Tropeiro foi João Diniz. Deve ser o mesmo João Diniz Álvares cuja interferência na vida inicial do Rio Grande é mais acidentada. Em 1739 teve êle a concessão de uma sesmaria no Rincão dos Palmares, concedida por André Ribeiro Coutinho.

O seu requerimento existente no Arquivo de S. Paulo está escrito nos seguintes termos:

Sr. Mestre de Campo (¹).

“Diz João Diniz Álvares que êle suplicante está de posse do Rincão a que chamam dos Palmares donde Frei Sebastião teve a invernar animais e tendo o suplicante naquele sítio em março do ano de trinta e cinco animais para povoar estância com efeito fez o suplicante petição à Câmara da vila da Laguna, que a despachou estava aquele sítio devoluto... a dita informação requereu o sup. ao govêrno de São Paulo para lhe passar a sua carta de sesmaria que até o presente lhe não tem vindo e para que o sup. por aquela falta não experimente prejuízo recorre a V. S. para ser conservado na posse que tem e com seu despacho poder novamente recorrer a tirar sua carta de sesmaria à dita Capitania de São Paulo. Aos 16 de maio de 1738 se deu posse ao sup. Assinado — Antônio Gonçalves Chaves. Registado por Antônio Noronha da Câmara.

Por informação que tirei do Tenente de Dragões Francisco Pinto Bandeira e seu irmão Bernardo Pinto Bandeira

¹) André Ribeiro Coutinho, sucessor de José da Silva Pais no comando militar do Rio Grande.

e Antônio Lopes Cardoso todos moradores nas estâncias que tudo o que o sup. alega na sua petição é muita verdade é o que posso informar a V. S. ao que mandará o que fôr servido. Rio Grande de S. Pedro, 14 de maio de 1738. Antônio Gonçalves Chaves.

Segue-se o despacho de André Ribeiro Coutinho mandando o Guarda-mór ratificar a posse”.

A despeito de todo êsse processo em 1739 Sebastião da Costa Simões demandava contra Diniz Álvares alegando que êste recebera em sesmaria o Rincão dos Palmares e pretendia expulsar Sebastião dos Campos dos Pamares, onde êste se achava, também, possuindo a sua carta de sesmaria.

As divisas de sua carta eram: pelo Sul com João Diniz Álvares, pelo Leste com João da Costa Quintão, pelo Oeste com Francisco Pinto Bandeira e pelo Norte com o sertão até findar com os pântanos e arroio que corre da estância de João Antunes.

Sebastião estava estabelecido desde 1734, antes da chegada de Diniz, que viera para o Viamão procedendo da Colônia do Sacramento, em 1735.

A sesmaria do Rincão dos Palmares abrangia a invernada de Frei Sebastião que fôra companheiro de Cristovão Pereira de Abreu.

Antônio Lopes Cardoso que agora figura novamente como testemunha e que assinara a informação desfavorável a Brito Peixoto, obtivera dêste, em 16 de junho de 1733, permissão para fixar-se no Continente de Rio Grande.

Seu requerimento inicial, dirigido ao Capitão Mór da Laguna está arquivado em São Paulo, e nêle se refere que o suplicante “se acha com bastantes animais tanto de cavalos e éguas e de vacas que tudo comprou a várias pessoas nas campanhas do Rio Grande cujos animais os tem apascentado em rincão nos campos de Itapoam, há bastante tempo como se verificará com várias pessoas, cujo rincão fica ao pé do morro a que se chamam Santana para a parte do Norte em cuja posse ou botada de animais não houve impedimento ou contradição de pessoa alguma pois o achou devoluto &”.

Trás o requerimento a data de 16 de junho de 1733 e subscrevem a informação como oficiais do Conselho da Câmara, João Braz, João de Magalhães, José Alves Rodrigues e Dorneles, que talvez fôsse o proprio Jerônimo Dorneles.

Da relação de tropeiros, que tanto tem esclarecido alguns pontos da obscura história dos primórdios da história do Rio Grande, devo ainda reportar-me ao nome de Manoel Rodrigues Monteiro e que foi um dos vinte e sete possuidores de fazendas montadas. E' interessante a sua inclusão porque além do fato de ser invernador e posseiro assinala-se Monteiro por ter sido o primeiro proprietario que transmitiu as suas terras por venda feita a outrem.

Efetivamente encontra-se no Arquivo de S. Paulo o requerimento apresentado por D. Isabel Gonçalves Ribeiro moradora na Laguna, a 24 de agosto de 1738, em que dá os passos iniciais para legitimação da propriedade que comprara a Manoel Rodrigues Monteiro, como primeiro povoador dos campos que correm da barranca do Rio Grande, rumo do Norte, contíguos pela parte de Leste com o Padre José dos Reis e pela de Oeste com Sebastião de Brito e Manoel de Ávila Reis.

Sebastião de Brito deve ser o filho de Francisco Brito Peixoto que, como dissemos no capítulo anterior, vendeu suas terras a Diogo da Fonseca, seu cunhado, casado com Ana da Guerra.

Manoel de Ávila Reis é ainda um dos nomes mencionados na relação dos tropeiros e que portanto teria igualmente sido um dos vinte e sete que tinham suas fazendas montadas no caminho dos mercadores de animais.

O último dos tropeiros a que devo fazer referência neste balanço de desbravadores dos campos do Rio Grande de São Pedro é Antônio Simões que também está na relação dos 64 nomes.

Antônio Simões deve ser o mesmo que, casado com Quitéria Marques foi o fundador da importantíssima e histórica família que tem em seus ramos os Marques de Souza e Taman-

daré. As terras ocupadas por êle o foram na margem sul do canal do Rio Grande e a sua sesmaria foi concedida em 1743.

* * *

São as estâncias que se alastram nas margens do caminho das tropas, valorizando as terras, engendrando a economia privada, atraindo novos povoadores para a imensidade daqueles campos ermos cujo futuro promissor se ia esboçando.

Não foram sòmente os mercadores de gados, os invernadores de que tratamos pormenorizadamente nesta parte do presente estudo e os parentes de Brito Peixoto, como vimos no capítulo anterior, os povoadores que se radicaram nos rincões do Sul.

Os homens conspícuos da Laguna definhante volveram-se também para as terras promissoras do Viamão. Datam dêsse período os documentos referentes à transplantação de João Rodrigues Prates, dos filhos de José Pinto Bandeira e de Manoel Braz para a região que agora atraía os habitantes da decadente vila catarinense.

Trás a data de 1 de dezembro de 1738 o requerimento dirigido à Câmara da Laguna por João Rodrigues Prates e nêle alega estar povoando dois **retãos** de campo no Viamão, ocupados a dois para três anos.

Prates foi vereador da câmara da Laguna e mais tarde ⁽²⁾ capitão-mor da mesma vila: entretanto sua família radicou-se no Rio Grande onde tem até hoje o mais elevado prestígio e conceito social.

A sesmaria lhe foi concedida e está registada no livro oitavo da Câmara da Laguna e citada no Anuário do Rio Grande do Sul, ano de 1906.

José Pinto Bandeira, exercia também função de destaque na Câmara da Laguna, embora só assinasse de cruz. Vimos seu nome figurando como procurador e como vereador no Conselho da Câmara. Casado com uma filha de Francisco de Brito Peixoto não encontro documento em que se possa basear a afirmação de haver êle passado com seus parentes

²⁾ Revista do Arquivo Público Mineiro, pág. 437 do vol. de 1929.

para o Continente de S. Pedro. Vieram porém dois de seus filhos: um o grande Francisco Pinto Bandeira, pai do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, tão famosos um como outro pelo acentuado relêvo que tiveram na vida do Rio Grande. Tinha o nome paterno o irmão de Francisco Pinto Bandeira. O Arquivo Público de S. Paulo guarda os requerimentos desses dois povoadores. Francisco diz que está no Rio Grande há mais de seis anos quando em 1739 pede a informação da Câmara de Laguna para poder obter sesmaria dos campos em que são lindeiros João Diniz Álvares, Manoel de Barros e Antônio de Souza Fernando.

José Pinto Bandeira requer na mesma época que seu irmão as terras adjacentes às dêle e obtém carta de sesmaria data de Vila Boa de Goiaz, em 15 de maio de 1740.

Dos requerimentos que pude consultar no Arquivo de S. Paulo se verifica que Francisco Pinto Bandeira, possuiu um largo trato de campo, porquanto sua propriedade cobria duas sesmarias. A primeira que êle povoou desde antes de 1735, na paragem chamada Guaixim-Sapucaia, dividindo-se da parte de Leste com José da Costa, ao Norte o rio dos Sinos e ao Sul com o Gravataí e seu sertão; a segunda aquela de que fizemos menção em linhas anteriores. (³)

Entre as sesmarias concedidas por Gomes Freire de Andrada quando demorou pelo Rio Grande vem arrolada na Revista do Arquivo Público Mineiro (primeiro volume de 1933) a carta da concessão feita a Miguel Braz e onde se lê que êste havia estabelecido antes de 1735 uma estância com animais vacuns e cavalares nos campos de Viamão e confrontando com Francisco Xavier de Azambuja, Agostinho Guterres, Francisco Rodrigues e Sebastião Francisco.

Fazendo a genealogia da família Flores da Cunha o competente historiador Aurélio Porto diz que Miguel era um dos quatro filhos de João Braz, o primeiro povoador que se estabeleceu no Viamão.

³) Teve mais tarde outra sesmaria em cima da Serra. Rev. do Arquivo Público Mineiro, pág. 464, do vol. de 1929.

João Braz era também um dos membros do Conselho da Câmara da Laguna, como registamos ao tratar do povoador Antônio Lopes Cardoso.

No capítulo anterior mencionámos dois indivíduos com o nome de Sebastião Francisco. Um é Sebastião Francisco Peixoto, filho de Francisco de Brito, o outro é Sebastião Francisco Chaves que foi o primeiro povoador dos campos ao sul do rio Jacaraí, hoje o arroio da Azenha, os quais doou mais tarde a seu compadre Manoel de Avila. (4)

Está na relação dos tropeiros incluído o seu nome, porém do requerimento que fez à Câmara da Laguna se infere que só estabeleceu a sua estância depois de obtida a licença que requereu em maio de 1733, não sendo portanto um dos que tinham fazenda montada.

Francisco Xavier de Azambuja vem citado freqüentemente nos documentos de concessão de sesmarias como lindeiro de Jerônimo Dorneles, Torquato Teixeira e Miguel Braz.

Provavelmente um Francisco Xavier que está relacionado entre os 64 tropeiros seria o genro de Jerônimo Dorneles fundador da imensa e ilustre família Azambuja.

Nenhum documento encontrei até o presente confirmando legalmente a primeira estância que êle estabeleceu no Viamão, de onde mudou-se mais tarde para a margem direita do Taquarí; está, entretanto, sobejamente provado que occupou êle as terras contíguas às de Jerônimo Dorneles, o primeiro que se estabeleceu no local onde é hoje a capital.

Para encerrar estes detalhes sôbre os primeiros estancieiros da região do Viamão, quero tratar de Cosme da Silveira. Entre os requerentes das informações indispensáveis para o encaminhamento das concessões de sesmaria encontrei o nome de Jácomo da Silva, morador no Rincão de Itacolomí e confrontando com João Rodrigues Prates, com o rio Gravataí e com João Lourenço Veloso.

4) Troncos Seculares, pelo General Borges Fortes, pág. 57.

Não encontrei documento algum sobre Cosme da Silveira que Milliet de St. Adolphe afirma em seu Dicionário ser um dos fundadores de Viamão.

O Anuário do Rio Grande, ano de 1906, refere-se a um Salomé da Silva, com a mesma indicação de ser morador no Itacolomí e com as mesmas confrontações do requerimento original que consultei no Arquivo Público. Concluo que haja aí um erro de cópia de parte do informante do Anuário, que aliás contém outros, tais como a troca do nome de Jerônimo Dorneles para Januário e o de Antônio de Souza Fernando por Francisco.

* * *

Um curto interregno de dois anos tinha transformado o Continente de São Pedro. De terras abandonadas, incultas, percorridas apenas pelo nomadismo dos tropeiros passaram a ser disputadas pelos homens que as conheciam para nelas fundarem o esteio de sua prosperidade e o futuro de seus descendentes.

Com a mutação do aspecto econômico da terra modificase o pensamento do supremo gestor da capitania de S. Paulo, que favorável ao pedido de Brito Peixoto, a princípio, recusa o seu apóio mais tarde à pretensão do Capitão-Mor.

Era de fato bem grande o número de fazendeiros nos campos do Rio Grande e seria iníquo e absurdo que se fôsse aniquilar tão grande esforço coletivo para a prosperidade da região e que se desenhava tão auspiciosamente, para por motivos de ordem individual e sentimentalismo descabido entregar aquelas terras a um único senhor.

Sou de opinião que houve uma enorme ingratidão para com Francisco de Brito Peixoto, desconhecidos como foram os seus imensos serviços, insignificante a recompensa que porventura veio a receber. Entretanto não se pode também negar que a atitude do Conde de Sarzedas era a mais consentânea com os supremos interesses do Rio Grande e do govêrno de Portugal.

Entre o monopólio asfixiante da promissora região e a sua exploração por todos os homens ativos e empreendedores, o seu povoamento rápido por aqueles que se sentissem impulsionados por ambições honestas, o Capitão General de São Paulo decidiu-se no melhor sentido.

Perdeu o capitão-mor da Laguna. Ganhou o Rio Grande.

IV

A Colônia do Sacramento e o Rio Grande (1735-1737)

“Não haveria mais força capaz de destruir aquele foco de resistência. Era o novo lar. Tinham chegado àquelas paragens depois de riscos, sacrifícios e canseiras: com a energia de seus braços, haviam transformado o solo bruto em ceitos e lavouras, — amansaram o gado bravo que ruminava em torno de seus ranchos, — com esforços exaustivos construíram as suas moradas rústicas, abrigo das espôsas resignadas e dos filhos estremecidos. Viviam no isolamento forçado, longe da colônia, esquecidos da metrópole, ignorados pelo resto do mundo...

Tentassem agora arrancá-los daqueles pagos e proclamá-los intrusos...

Nunca mais recuariam. Aquilo agora era deles. A estância se fizera povo, o povo criara uma pátria, sua, inalienável e irreductível”.

(A Estância. Discurso do General Borges Fortes).

Como uma imensa constelação alastram-se as estâncias sobre as campinas, os rincões e os areiais do Continente de São Pedro. Elas se espalham desde o Tramandaí ao canal do Rio Grande, adensa-se o seu número nas cercanias do Vião, onde dentro de curto prazo seria erguida a Capela Grande.

Foi nessa região que se localizou preferentemente a família de Brito Peixoto: Jerônimo Dorneles na margem do Guaíba, onde hoje é Porto Alegre, Dionísio Mendes em Belém Velho, Agostinho Guterres na Roça Grande, Sebastião de Bri-

to, no Morro de Santanna, João de Magalhães ocupando o centro dessas instalações. Mais para além, ao longo dos caminhos das tropas, os antigos tocadores de rebanhos e negociantes de gados.

Era a vida afanosa de criarem-se as habitações para as famílias em terra longínqua e pobre, rasgar o solo virgem para nêle lançar a semente fecunda que seria o pão do outro dia, alcançar o gado selvagem e transformá-lo pela domesticidade no auxiliar abençoado do homem de trabalho.

Canseiras rudes e extenuantes. Vibrava porém na alma dos voluntários exilados a chama viva da esperança num futuro feliz e isso lhes multiplicava as energias e atenuava os sofrimentos.

A terra seria dadivosa, a gente era boa...

As raízes se aprofundam na conquista recente, mansa e pacífica, de trabalho, de energia, limpa de sangue...

Os fogões dos tropeiros, os currais dos invernadores, as estâncias dos desbravadores são os estádios de uma evolução, — a terra virgem se transforma, é uma Pátria nova que surge, é o Rio Grande que nasce para a vida brasileira!

* * *

Os castelhanos do Rio da Prata assistiam aparentemente plácidos e indiferentes o progresso do Viamão: viram a ocupação da passagem do Rio Grande, testemunharam o desenvolvimento do comércio na região meridional do Brasil, conheceram os atos de soberania exercitados pelo govêrno de São Paulo nas terras que êles acreditavam dependentes da soberania de Espanha.

Conservaram-se serenos. Era aparência, pois na verdade, D. Miguel Salcedo, o governador do Buenos Aires, preparava uma operação de grande vulto e decisivos resultados. Era a expulsão dos portugueses da margem setentrional do Prata, com a destruição da Colônia do Sacramento.

Em outubro de 1735 essa operação se concretizava com o

assalto à disputada praça forte e o início do sitio, que viria a durar longos vinte e dois meses.

A destruição da Colônia resolveria todos os outros problemas e degeneraria no recalque dos representantes da raça portuguesa até onde a fôrça de Espanha quisesse levar os seus limites.

Elemento primordial com que contava, além da imensa superioridade de recursos a seu alcance, era para D. Miguel Salcedo, a surpresa do ataque. Esperava êle encontrar a praça forte do Sacramento, confiante no estado de paz vigente entre as cortes da Península, descuidada e incapaz de resistir. ⁽¹⁾.

Era um assalto brusco, inopinado, injustificável perante o direito e a civilização; porém seria a vitória definitiva da Espanha o triunfo de suas aspirações, com o esmagamento das pretensões dos portugueses e o afastamento decisivo dêstes da margem do Prata.

Falhou porém, a surpresa.

Antônio Pedro de Vasconcelos, o comandante da Colônia, rebateu o golpe de audácia, conhecendo o plano que se vinha esboçando. Tivera êle assim o tempo para preparar a praça para a resistência e pedir socorros ao govêrno do Rio de Janeiro.

Das medidas preventivas que teve de empreender, algumas foram repercutir diretamente no seio da população incipiente do Viamão.

Deixando de entrar na matéria que diz respeito ao sítio da Colônia, sôbre que há uma montanha de livros, trataremos tão sômente do que veio a interessar à marcha histórica do Rio Grande do Sul.

Não temos documentos que permitam fixar cronolôgicamente a sucessão dos fatos ocorridos no ano de 1735 e seguinte,

⁽¹⁾ Veja-se á pg. 505 do Tomo I de *Campaña del Brasil*. Antecedentes Coloniales, publicação do Archivo General de la Nación, Buenos Aires, 1931, as instruções secretas de D. José Patiño, mandando organizar o golpe militar contra a Colônia.

porém podemos assegurar que elles giram em tórno de três figuras principais, Domingos Fernandes de Oliveira, João de Távora e Cristovão Pereira de Abreu.

* * *

Nas Efemérides Brasileiras o Barão do Rio Branco menciona, na data de 19 de fevereiro de 1737 que “cumpre notar que, em 1735, uma colônia militar, fundada no Rio Grande em fins do ano precedente, pelo Mestre de Campo Domingos Fernandes, enviado da Colônia do Sacramento, fóra destruída pelo Comandante Esteban del Castillo”.

Entre as notícias enviadas por Antônio Pedro a José da Silva Pais relativamente aos acontecimentos do sítio da Colônia se encontra esta informação: “A 3 de janeiro (de 1736) nos mandou dizer o governador castelhano que nos havia aprisionado no Rio Grande 25 portuguezes”. (2).

E’ certamente a esses portuguezes que se refere o autor da História Topográfica e Bélica da Nova Colônia do Sacramento, nos seguintes termos: “Logo depois como atos successivos nos pedirão por hum bolantim vinte e cinco castelhanos por outros tantos portuguezes que nos havião prizionado na Campanha muito antes da guerra: sendo a mayor forsa das suas instancias pela liberdade do seu corregedor João Gonçalves, pelo qual se oferecia o equivalente de Manoel de Freitas, Alferes da nossa Ordenança: porém o Governador sem discrepar dos estilos deferio que levantassem o sitio para admittir a convenção porque de outra sorte era intempestiva a supplica, incurial o procedimento”. (Pg. 174 da Ed. de 1900).

Rebuscando documentos da época no Arquivo de São Paulo encontrei as cartas que se seguem e que muita luz deramam sôbre os acontecimentos:

“Snr. Meu — O Sargento mor Domingos Fernandes de Oliveira se acha dez leguas retirado dêste Rio Grande, sítio donde me acho e me remete esses pregos para lhos enviar por via de Francisco Pinto Bandeira, a quem recomendo a brevi-

(2) V. pg. 517 de Campaña del Brasil, cit.

dade de sua entrega e da parte do dito amigo sargento mor, peço assim queira com a maior brevidade fazer remeter êsses pregos para os Senhores Generais de São Paulo e Rio de Janeiro, pois é tão importante como preciso o que V. M. deve obrar com a brevidade e zelo de leal vassalo.

Os ditos pregos são de tanta importância, que na brevidade de sua entrega poderá servir de muito alívio à colônia por se achar já em sítio dos castelhanos sendo êste posto no dia 20 de outubro.

Bastante sentimento tem tido o dito amigo originado da tardança das suas notícias, pois é, o maior alívio que os que se acham neste rio podem esperar pois todo o bom successo, está dessas partes pela gente que sequiosa espera e certamente não podem deixar de causar admiração a causa que haja para essa demora, fazendo-se a V. M. a recomendação da maior brevidade, enfim haveria causa e por conclusão Deus permita venham como é necessário e preciso, para vencimento dos nossos inimigos, quantas operações tem havido neste campo o portador as narrará, o que eu não faço por não ser preciso e só quero certeza de que V. M. passa isento de toda queixa para sempre mandar-me que em tudo executarei as ordens de V. M. a quem Deus guarde por muitos anos.

Rio Grande de S. Pedro, 18 de novembro de 1735.

De V. M. muito certo servidor — **João de Tavora**".

Esta carta dirigida ao Capitão Mor da Laguna, chegou a esta vila em 4 de dezembro, como vem citado na Vida de Rafael Pinto Bandeira, de meu sempre lembrado amigo Alcides Cruz, que por equívoco diz ser autor João de Barros.

Nessa mesma data, 4 de dezembro de 1735 escrevia José Luiz Caldeira, que exercia a função de capitão-mor da Laguna, por haver morrido em 25 de outubro Francisco de Brito Peixoto, a carta seguinte, endereçada a Sebastião Rodrigues Bragança, que governava na ilha de Santa Catharina:

"Meu Snr. — Hoje que se contam 4 de dezembro recebi a de V. M. e juntamente com ela o prego que vai para o Rio Grande de que logo o remeti e estando para fechar a carta de V. M. chegou meu cunhado Francisco Pinto Bandeira com um terceiro prego para o Snr. Conde de São Paulo e outro para

o Snr. Governador do Rio de Janeiro, os quais remeto pelos mesmos portadores que V. M. remeteu e assim logo por serviço de V. S. e S. Mgde. que Deus guarde o remeti logo e juntamente vai a carta que vinha para o Capitão Mór que serve de guia dos pregos.

Do mandado que meu cunhado conta, está a Colônia com cêrco há 2 meses com 400 homens e 6.000 tapes e já hão tomado todas as cavalladas dos moradores das estâncias e das 3 naus de guerra na Colônia, si esperando por 5 naus inglesas.

No particular da parte para a serra já tenho avisado a V. M. e também tenho avisado ao Snr. Conde. E' o que se me oferece e o mais fico esperando as ordens do serviço.

A Sebastião Roiz Bragança, Laguna, 4 de dezembro de 1735.

O mais humilde criado. — **José Luiz Caldeira**".

Vejamos agora o que se passava na parte da Serra a que alude Caldeira. Em 24 de novembro êsse assunto motivara a carta que êste escrevera ao Conde de Sarzedas e que vamos transcrever.

"Exmo. Snr. Pelos portadores que vieram da Colônia com cartas para V. Exa. dei parte do estado em que se achava o Capitão Mór desta terra e da invasão de Tapes que se acham em Cima da Serra, e agora de novo dou parte a V. Exa. em como faleceu o Capitão Mór Francisco de Brito Peixoto em 25 de outubro, se sepultou e por sua ausência por ordem que tinha de V. Exa. veio aquí o Capitão Mór Sebastião Rodrigues Bragança alistar a gente que se achava neste país, o qual ajuntou, alistou e me deixou encarregado junto com os votos dêste povo o govêrno dêle até ordem de V. Exa.

Também dou parte a V. Exa. que êste ano não entrou tropa alguma para Cima das muitas que estavam para seguir viagem por grande impedimento que tem da invasão dos Tapes que se acham em Cima da Serra e a terra se acha tão diminuta de munições de guerra e armas que se não pode ir arriba tomar um verdadeiro conhecimento da quantia dos inimigos: a 8 de outubro passado se animaram alguns moradores a virem do campo de Tramandaí e irem vadear essa serra aonde habitam êsses inimigos e bem na saída de lá acharam um

lote de gentio que constava de 25 entre machos e femeas que a meu parecer eram umas sentinelas que alí estavam ou exploradores do campo que sem dúvida a quantia dêles é muito maior, segundo notícias que tenho não tomando nem pelo mais nem pelo menos serão duzentos e tantos examinando alguns dêles que vieram e que foram doze os que aquí vieram à minha presença e os treze foram para o campo de Tramandaí os não soube entender por me falarem tão variadamente; os deixei ficar nas mãos dos homens que os trouxeram até ordem de V. Exa.

Do Rio Grande até agora não temos mais novas nenhuma que aquelas que trouxeram os portadores das cartas por onde entendemos andarem êsses homens por lá bem oprimidos e a grande falta que hão de ter de munições de guerra e armas, havendo qualquer novidade darei parte a V. Exa. a quem Deus Guarde. Laguna, dia 24 de novembro de 1735 anos. De V. Exa. servo, **Joseph Luis Caldeira**".

Ainda para o Conde de Sarzedas escrevia José Luiz Caldeira a seguinte carta, onde mais detalhes se mencionam sobre os sucessos e receios da época.

"Exmo. Snr. Conde de Sarzedas. Recebi a de V. Exa. em 18 de dezembro na qual veio as ordens que V. Exa. me ordena e agora com mais eficácia dou cumprimento a elas, por razão de o Capitão Mor desta vila ser falecido.

Também dou parte a V. Exa. em que já lhe dei parte dos índios Tapes vindos de Cima da Serra os quais até o presente se acham nas mãos dos próprios que os apanharam até que V. Exa. mande dispor dêles.

Também se oferece de novo dar parte a V. Exa. em como o sargento mór Domingos Fernandes de Oliveira que por ordem do governador da Colônia que estava no Rio Grande deu sobre êle um troço de gente que segundo o que me dizem seriam 500 soldados a cavalo com seus cabos, ao qual sargento segundo notícias que tenho ou é morto ou prisioneiro.

Sòmente o que posso assegurar é que êle não está na paragem onde assistia na tal paragem das quais não há notícia certa se foram prisioneiros ou não, ou mortos e alguns solda-

dos se escaparam com muito risco de vida e agora ficamos sem resolução alguma, sem sabermos o que se ha de obrar neste particular até ordem de V. Exa. porquanto dizem ser o número de gente grande que anda no campo e os que aquí se acham serem poucos para poderem resistir ao tal número por falta de munições, assim que V. Exa. atendendo ao serviço de S. Real Magde. determinará o que fôr servido.

Também dou parte a V. Exa. em como no Rio Grande se acham bastantes tropas de cavalaria para irem para a cidade de S. Paulo, os quais estão com os seus arreceios de terem algum encontro com o inimigo.

Aquí recebí dois pregos de V. Exa. e assim que recebí o primeiro o remeti logo para o sargento mór Domingos Fernandes de Oliveira, o qual indo em caminho e tendo notícia que o dito sargento mór ou era morto ou prisioneiro me tornou as mãos o segundo não passou daqui, os quais tenho em meu poder até segunda ordem de V. Exa.

Também recebí uma carta de V. Exa. para João Baptista Sá e como o dito tinha partido para essa vila a torno a remeter com a inclusa. Deus Guarda a V. Exa. Laguna, 22 de dezembro de 1735. De V. Exa. o mais af. subdito, **Joseph Luis Caldeira**".

Na véspera de escrever a carta acima Caldeira preparava a que segue e dirigida ao Capitão Mór da Ilha de Santa Catarina e que encerra o mesmo assunto e as mesmas notícias a respeito do que se passava no Rio Grande.

"Meu Snr. Capitão Mór. Recebí uma de V. M. onde me diz dos Tapes, do número deles que todos são 25 e dizem são fugidos e não mandados dos Padres.

Também aviso a V. M. em como a Colônia dizem em cêrco e vieram os castelhanos ao Rio Grande e levaram ou mataram o sargento-mor Domingos Fernandes e todos os mais que lá estavam o que V. M. se poderá melhor informar do portador que vai levar cartas ao Snr. Conde e V. M. lhe deve assistir que importa muito e muito que o Rio Grande está

despovoado e no mais Deus Guarde a V. M. Porto da Vila da Laguna, 27 de dezembro de 1735. — **Joseph Luis Caldeira**".

* * *

Aos documentos acima convém ajuntar o que se contém na carta escrita por José da Silva Pais, datada do Rio de Janeiro, em 29 de outubro de 1735, dirigida ao Conde de Sarzedas em que se faz menção ao papel que incumbiria a Domingos Fernandes de Oliveira nas operações militares para alívio dos defensores da Colônia.

"Suposto que o dito Governador manda pedir socorros supondo já o sítio formal como entendo dirá a V. Exa. também me diz se oferecerá um Domingos Fernandes de Oliveira não só trazer os avisos por terra, senão também convocar alguns desertores que se podessem juntar passarem à Pampa e rebanhar todos os gados para a nossa parte regeitar o outro e não lhe deixar de que se possam valer os sitiadores e ainda poderem subsistir os de Montevidéu, bom seria têmos agora na entrada do Rio Grande ocupado e ainda fortalecido aquele rincão que daqui foram descobrir e lá se conservaram algumas pessoas e sem embargo de que eu na que escreví a V. Exa. lhe dizia devíamos esperar ordens da Côrte, agora me parece que visto romperem os castelhanos vejamos com a maior fôrça que podermos se lhe podemos fazer por esta parte uma forte diversão: aquí há alguns particulares que queriam lá passar que eu procuro inflamá-los agora e me parece lhe façamos por esta parte a guerra que podermos". (Vol. V. da Col. 84 do Arquivo Nacional).

Ainda sôbre o sargento mor Domingos Fernandes encontrei no Arquivo de S. Paulo um rascunho de carta do Conde de Sarzedas ao Brigadeiro Silva Pais e que esclarece as circunstâncias da missão reservada àquele militar.

"Meu Snr. Recebí a de V. Exa. de 5 de janeiro do presente ano. Há bastante tempo que não tenho tido notícias da Colônia, porém todo o cuidado que me dava aquele praça vai cessando com a certeza que V. S. me dá do grande socorro que lhe mandou dessa cidade... também pelas repetidas ordens que tenho mandado à Laguna para que aqueles moradores

se unissem com o corpo de gente que se acha no Rio Grande subordinando-os ao sargento mor Domingos Fernandes de Oliveira enquanto aquí não chega das Minas Gerais Cristóvão Pereira de Abreu a quem por muito prático daquele país intento dar-lhe o mando do dito corpo com uma patente maior do que a que atualmente se acha naquele sítio, dando-lhe também poder para nomear alguns dos seus subordinados por oficiais, obrigando-se a tirar as patentes da Secretaria dêste Govêrno”.

* * *

Depreende-se da leitura de tudo quanto vem de ser transcrito que Domingos recebeu uma investidura da parte de Antônio Pedro de Vasconcelos, qual a de se transportar para a campanha do Rio Grande e daí receber e transmitir tôdas as notícias interessantes para a Colônia e para S. Paulo e Rio de Janeiro. Além disso incumbir-se-ia de organizar um corpo de tropa que hostilizaria, pela retaguarda, as fôrças castelhanas que sitiavam a Colônia.

Para desempenhar tal mandato teria Domingos Fernandes, auxiliado por João de Távora, reunido um pequeno contingente, ficando a dez leguas do Rio Grande, de onde seguiu Francisco Pinto Bandeira, o futuro Tenente de Dragões, com a comunicação dos sucessos do sítio.

Esse pequeno contingente não tardou a ser investido por um forte corpo de cavalaria castelhana, comandado por Esteban del Castillo que aprisionou 25 homens do inimigo, incluindo-se talvez o próprio Domingos Fernandes, pois o seu nome desaparece daí por diante por muito tempo.

Presumo que João de Távora tivesse igual sorte. Na correspondência entre Silva Pais e Gomes Freire vem mencionada a circunstância de ter João de Távora sido prisioneiro e haver fugido de Buenos Aires.

Quando Silva Pais veio a fundar o Presídio de Jesús, Maria José, prestou relevantes serviços o mesmo Távora.

Com esse triunfo se satisfizeram, parece, os castelhanos de del Castillo, não prosseguindo sua marcha para o Norte e deixando abandonada a passagem do Rio Grande.

Outra observação que se tira dos documentos é a que se

refere ao ato de energia dos moradores do Tramandaí forçando a passagem da estrada da Serra e aprisionando os índios ali destacados.

Finalmente preciosa é a parte que detalha as operações engendradas por D. Miguel de Salcedo e que se definem pela fixação de três objetivos:

O sítio da Colônia.

O ataque ao destacamento de Domingos Fernandes.

A ocupação da estrada de Cima da Serra.

Estas duas últimas operações naturalmente com o propósito de evitar a passagem de socorros vindos de São Paulo e de atemorizar as escassas populações da Laguna e Viamão.

* * *

Esse aspecto de história do Rio Grande, reflexo das histórias da Colônia do Sacramento, não tem merecido até agora maior estudo, provavelmente pela absoluta carência de documentos elucidativos.

O que vimos de adiantar a tal respeito poderá abrir caminho a investigadores mais felizes.

Todavia será o bastante para nos permitir avaliar quão angustiosos teriam sido para os habitantes do Viamão, poucos e inermes, aqueles tempos, sob a ameaça de uma invasão dos seus lares por um inimigo irreconciliável como os índios das Missões, comandados por um chefe castelhano.

Recém instalados nas suas novas terras, abandonados à própria sorte, espalhados na imensidão do território, seriam presa fácil a um adversário arrojado. Felizmente as ameaças foram maiores do que a realidade e dentro de pouco tempo surgiria na arena dos acontecimentos a terceira figura a que aludimos — Cristóvão Pereira de Abreu.

Para o nome dêste experimentado sertanista apelara o General Antônio Pedro quando pedia socorros para S. Paulo e Rio, indicando o gênero de operações que lhe atribuía.

A' passagem de Cristóvão com um corpo de voluntários teria refeito os ânimos das gentes do Viamão, maximé trazendo êle a notícia da vinda dos poderosos socorros que desciam para o Prata sob o vigoroso comando do Brigadeiro José

da Silva Pais, com quem Cristóvão se avistara em Santa Catarina em julho desse ano e demoradamente combinara as operações a realizar.

Comissionado pelo Governador de São Paulo trouxe o Coronel Cristóvão Pereira instruções iguais às que tinham sido atribuídas ao sargente mor Domingos Fernandes de Oliveira, isto é, captar as simpatias dos índios que não dependiam dos Padres Jesuitas, colocar-se à retaguarda das tropas que sitiavam a Colônia e praticar toda a sorte de hostilidades que fôsem possíveis, aliviando a guarnição da praça e permitindo ainda a ocupação projetada por Silva Pais, na posição de Montevidéu.

Cristóvão Pereira prosseguiu sua marcha para o Sul, ocupou a passagem do Canal, internou-se território a dentro, desceu até Castilhos, praticou algumas investidas contra os sitiadores da Colônia enquanto pôde, vindo por fim a estabelecer-se no local onde o veio encontrar Silva Pais quando em 19 de fevereiro de 1737 fundou o presidio de Jesús, Maria José.

* * *

Apesar de tão sombrias perspectivas, a guerra na margem do Prata, os revezes sofridos pelas armas portuguesas, a ameaça de uma invasão do inimigo, o fato é que a marcha progressiva da civilização lusitana prosseguia; pelo contrário, a repercussão que iam tendo os acontecimentos militares nos centros principais do Brasil e em Lisboa, despertava cada vez mais a atenção para o destino histórico do Continente.

Surgem em consequência as iniciativas e sugestões no sentido de impulsionar a vida do Rio Grande, cujo desenvolvimento assumia capital importância nos planos da política colonial portuguesa.

As instruções modelares da Corte de Lisboa, de março de 1736 referentes ao plano de ação no Rio da Prata, include a previsão do povoamento do Rio Grande pelos filhos do Arquipelago dos Açores, como vem detalhadamente exposto em livro que publiquei em 1932, sob o título "Casais".

Esse projeto consagraria irrefutavelmente o valor que

representava para Portugal, e portanto para o Brasil, a posse do território do Sul e a importância que se prendia ao seu rápido povoamento.

No Rio de Janeiro José da Silva Pais sugeria a Francisco dos Santos e Gaspar de Caldas um grandioso plano de captura de gados para serem passados para as terras, ao norte do canal do Rio Grande.

Francisco dos Santos pediu previamente uma larga concessão de terras, coincidentemente as mesmas que Brito Peixoto pedira e que dependiam ainda do despacho do governo real.

* * *

O Conde de Sarzedas opôs-se a essa pretensão sob os mesmos fundamentos com que se opusera ao requerido pelo fundador da Laguna.

Cremos que Francisco dos Santos não tivesse uma perfeita intuição da empresa que se propunha, e, quando cresceram as nossas dificuldades no Sul, abandonou êle os seus projetos que nunca tiveram a menor consequência.

De resultados decisivos e próximos foi o Bando de 20 de maio de 1736, do Conde de Sarzedas apregoando o povoamento do Sul e autorizando "toda a pessoa que quizer com a sua família ou por si povoar o Rio Grande de São Pedro da mesma campanha desta parte lhe darei as sesmarias que pedir para se situarem e haverá as graças, liberdades e isenções que são prometidas aos povoadores no que tudo conseguirão grandes conveniências pelo muito que aquelas terras prometem, fazendo também serviço a S. Mgde."

Está no Arquivo de S. Paulo o requerimento de José Mendes dos Reis, em outubro de 1736, pedindo uma sesmaria no Bojurú em que êle se declara morador em Santos e baseia o seu pedido no Bando do Governador da Capitania. Esse requerimento passou pela Câmara da Laguna e esta concedeu permissão ao impetrante para se estabelecer no Rio Grande.

Não teria sido o único que se aproveitasse dos favores tão espontaneamente oferecidos.

* * *

A estância prossegue a sua obra de radicação. Nem um óbice atalhará mais a sua marcha avassaladora e o remate decisivo da ação dos estancieiros não tardaria.

Era a criação do presídio no Rio Grande, com todas as magnas conseqüências que trouxe no seu bojo, era a chegada dos Colonistas de José da Silva Pais, realizando-se com isso a conquista definitiva do torrão riograndense para a raça portuguesa.

Rio, maio de 1934.

General Borges Fortes.

Uma Publicação Clandestina

Do nosso confrade snr. dr. J. F. de Assis Brasil recebemos a carta que se segue acompanhada de um protesto contra a re-impressão clandestina do livro "Guerra dos Farrapos":

"Pedras Altas, 20 de julho de 1934.

Exmo. Snr. Dr. Eduardo Duarte, Secretario Perpétuo do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

Caro confrade.

A leitura do incluso protesto dispensa outras explicações. Venho pedir-lhe, na minha qualidade de socio desse collendo Instituto, o favor de o fazer imprimir no primeiro numero que se publicar da nossa **Revista**. Espero ainda da sua gentileza obtenha das redacções do "Diario de Noticias" e "Correio do Povo", estampem o mesmo protesto, mesmo antes do apparecimento do respectivo número da Revista. Para esse fim, incluo uma copia, podendo o proprio original ser cedido a um dos jornaes, se fôr incomodo extrahir ahi outra copia. ▲

A demora na remessa deste documento, escrito desde 1.º do corrente, foi devido a esperar eu algumas informações pedidas para o Rio.

Agradeço antecipadamente o seu valioso auxillio e sou sempre o muito seu o

am.º, adm.ºr.,

(a) J. F. de Assis Brasil

PROTESTO

Foi-me mandada do Rio de Janeiro uma brochura, de 262 paginas, em cujo rosto se lê — **Assis Brasil — A Guerra dos Farrapos — (Historia da Republica Riograndense) Ader-sen — Editores etc.,** sem data.

Reconheci logo nesse impresso uma falsificação evidente do meu livro publicado em 1882, quando estudante na Escola de São Paulo — **Historia da Republica Riograndense, por ASSIS BRASIL, volume 1, (Edição Preparatoria), Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, rua do Ouvidor 31, MDCCCLXXXII.**

Os dizeres d'esse frontispicio encerravam dupla promessa, da qual nunca me julguei desobrigado: rever, rectificar, re-fundir esse primeiro volume **provisorio**, afim de o tornar definitivo, e continuar em volumes subsequentes a narração interrompida nelle, que apenas abrangia uma quarta parte dos acontecimentos a historiographar.

Escrevendo longe do Rio Grande, sôbre escassos documentos, em tempo limitadissimo, persuadi-me, apesar de tão tenra idade, de que só poderia produzir obra imperfeita e precaria. Era, porem, questão de brio desempenhar o mandato dos meus condiscipulos republicanos riograndenses de apresentar o trabalho em dia certo, para a commemoração do 47.º anniversario da nossa Revolução. Procurei, então, compensar as inevitaveis deficiencias da narração historica, com certo espirito de concepção synthetica, que fizesse resaltar a significação politica dos acontecimentos e evocasse nos corações contemporaneos intenso sentimento de sympathia e admiração de que estava persuadido, então como hoje, ser merecedora a epopéa de 20 de Setembro. Esse objectivo foi attingido em maior extensão do que eu esperava. O pequeno volume foi realmente lido e absorvido com avidez, dentro e fora do Rio Grande. Cooperou em boa parte da mocidade intellectual para o progresso da mentalidade republicano-federalista, que então se formalizava. Nunca publiquei cousa alguma da correspondencia encomiastica — numerosa e em

muitos casos procedente das fontes mais honrosas — que recebi sobre a **Historia da Republica Riograndense**. Não foram poucas as manifestações de leitores que se me declararam reconciliados com a acção dos Farrapos, depois de esclarecidos ou edificados pela leitura do opusculo. O honesto orgulho do autor combinava-se, pois, intimamente com as preocupações do propagandista para manter vivo o projecto de escrever o que faltava da obra e de rectificar o que já havia sido publicado.

Ao deixar São Paulo, fui logo empolgado pelas absorventes actividades da Propaganda. A breve trecho, mesmo antes da queda do Imperio, vieram responsabilidades de funções publicas e as mil vicissitudes de uma vida civica das mais conturbadas. Nunca pude consagrar-me á conclusão da minha obra predilecta, nas condições de normalidade que ella requer. Nunca, porem, deixei de pensar nella com religioso carinho, reunindo documentos e depoimentos e interpretando-os ao influxo de serena e continua meditação, sempre esperançoso de que o **momento sympathico** se me deparasse de cumprir esse voto obsidiante, feito de mim para mim, mas nem por isso menos imperioso. Ha annos, divulguei no centenario de 35 a opportunidade melhor — a ultima certamente! — para alliviar o espirito da permanente angustia que nelle se implantára. Comecei a dispor as cousas para dar a 20 de setembro de 1935 a edição definitiva da **Historia da Republica Riograndense**.

É nestas circumstancias que apparece a abusiva falsificação do meu trabalho. A contemplação do exemplar que me mandaram fez-me mais que indignação; fez-me nojo. Tanto nojo, — que nem pude examinar mais que as primeiras paginas e a ultima do volume. Foi o que bastou para avallar o crime do falsificador. Mudou a verbiagem do rosto do livro. Supprimiu o prologo, interessante como elemento bibliografico. Do entroito, ou proêmio, de sabor épico, calculado para dar á obra certo cunho de poema em prosa, o falsificador fez uma especie de **prefacio** vulgar, em página separada, cortando ainda um paragrapho, essencial, tanto sob ponto de vista

rhetorico e esthetico como sob o da unidade do discurso. Por fim, na página final, roubou o ultimo paragrapho, essencialissimo, porque nelle se declarava suspensa a narração e se promettia continual-a em successivos volumes. Isto, combinado com a falta de data e de indicação alguma por onde se verificasse que o volume era reimpresso, mostra o torpe intento mercantil do falsificador.

Amigos e procuradores meus, no Rio, já devem ter tomado providencias legaes, afim de que não continúe a distribuição publica d'este indecente plagiato. Não tenho coração para levar o criminoso á expiação exhaustiva que a lei permitiria. Contento-me com impedir a circulação da cousa roubada e deturpada, e venho depositar o meu protesto nos archivos do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, que me conferiu a eminente categoria de seu sócio de numero e está obrigado a zelar pela pureza das cousas incluídas na orbita da sua natural influência e finalidade.

Pedras Altas, 1.º de Julho, 1934.

J. F. de Assis Brasil.

Nótulas Bibliograficas

por WALTER SPALDING.

LOS JESUITAS Y LA CULTURA RIOPLATENSE, por **Guillermo Furlong, S. J.** — Imprenta "Urta y Curbelo", Montevideo, 1933.

O Rev. P. Guillermo Furlong, da Companhia de Jesus, é um dos mais eminentes sacerdotes dessa grande Ordem, no Prata. Desde anos o conhecemos através artigos publicados na imprensa — jornais e revistas — do Uruguai e da Argentina.

Pesquisador paciente e erudito, o ilustre jesuita acaba de publicar a interessante obra "Los jesuitas y la cultura Rioplatense", que é uma síntese brilhante das atividades jesuíticas quer no seu ministerio sacerdotal e educacional, quer no terreno das diversas ciencias.

Nesse seu trabalho, — resumo para uma obra de grande folego, — apresenta-nos o Rev. P. Furlong os mais eminentes exploradores, colonisadores, geógrafos, etnólogos, filólogos, historiadores, botanicos, zoologos, matemáticos, astrónomos, escultores, impressores, criadores, etc. etc. jesuitas dos primeiros tempos da nossa América, especialmente da região platina.

Termina o ilustrado sacerdote o seu brilhante ensaio com cinco interessantissimos capítulos, que são: A expulsão dos jesuitas, os jesuitas e a independencia, os jesuitas e o ditador Rosas, os jesuitas e as provincias argentinas, e os jesuitas na atualidade.

“Los jesuitas y la cultura Rioplatense”, apesar de simples resumo, é obra de real valor que não deveria faltar nas bibliotecas de nossos estudiosos, pois é ponto de partida para muitos assuntos que nos dizem diretamente respeito.

* * *

ETNOGRAFIA ANTIGUA DE SANTIAGO DEL ESTERO, Siglo XVI, por Antônio Serrano. Separata del *Boletín del Instituto de investigaciones históricas*, Año XII, tomo XVII, Buenos Aires, 1934.

E' inaudita a atividade do Sr. Antônio Serrano, ilustre diretor do Museu del Paraná. Longa é a lista de suas obras. quase todas sobre etnografia e etnologia.

Trabalhador incansavel e consciencioso, todos os seus trabalhos, que conhecemos, são de grande valor, fontes preciosas para os que se dedicam a tais estudos.

“Etnografia antigua de Santiago del Estero”, nas suas 40 páginas, é um precioso manancial de notas e informações sobre a etnografia santiagueña.

Segundo o ilustre professor, — e éle documentadamente o prova, — os indigenas habitantes de Santiago del Estero, no seculo XVI, eram, na primeira plana, os Juries e os Lules, seguindo-se-lhes os Tonocotés, os Mocovís, os Abipões e os Sanavirões, além dos Indamás e Yuguitas, seguindo-se, daí, um rico vocabulario.

Seria interessante organizar o A. um lexico do linguajar de todas essas tribus e nações, podendo estar certo de que prestaria relevante serviço aos estudiosos dessas materias e, também, aos filólogos e linguistas.

* * *

MEMORIA HISTORICA PARANAENSE, por Francisco de Paula Negrão. Impressora Paranaense, 1934.

Compõe-se o presente volume do distinto historiador paranaense de três excelentes estudos: “As Minas da capi-

tania de Paranaguá”, “O guarda-mor Francisco Martins Lustosa”, “Memoria da Santa Casa de Misericórdia”, de uma polemica amistosa sobre “A conjura separatista”, além do capítulo inicial que dá o nome ao volume, e que é um precioso estudo sobre os primeiros tempos paranaenses. Consta êsse excelente “memória” de duas partes: a primeira refere-se às “Capitanias hereditarias — Santo Amaro”, e a segunda à “Capitania de Paranaguá” propriamente dita. Não menos interessante é a monografia sobre “as minas de ouro da capitania de Paranaguá”, que história desde o seu inicio, com farta documentação.

Interessantes também são os três outros capítulos, variados, todos, num estilo suave que encanta e prende o leitor, máo grado as intercalações de documento longos no texto da obra.

* * *

NOTAS PRELIMINARES DEL MUSEU DE
LA PLATA, Diretor — Ricardo Levene. Tomos:
I, II e III (entrega 1.^a), 1933-1934. Imprenta y
Casa Editora “Coni”, Buenos Aires.

Trata-se de uma utilissima publicação que vem fazendo a “Universidad Nacional de la Plata”, destinada à divulgação dos estudos feitos por especialistas dos diversos assuntos paleontologicos, zoológicos, geológicos e mineralógicos, antropológicos, topograficos, cartograficos, botanicos, etnograficos, arqueológicos, etc.

Fartamente ilustrados, trazem esses três volumes variado e precioso material de estudo e confronto, dignos, por certo, todos, dos maiores encomios.

Sem querer destacar, tomamos a liberdade de mencionar, especialmente, os estudos dos professores Miranda e Vignati, sobre indiología (usos, costumes, artefatos indígenas,

etc.), que figuram nesses tomos referidos.

São trabalhos preciosos, merecedores de atento estudo.

* * *

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN, Colección de documentos para servir al estudo de la historia de la Republica Oriental del Uruguay. — Dirigida por Angel H. Vidal, diretor do Arquivo. — Montevideo, 1934.

E' um otimo número êste das publicações do Arquivo Montevideano, que publica os livros XIV e XV de 12 de fevereiro de 1814 a 16 de março de 1816, dos "Acuerdos del Cabildo de Montevideo". Volume precioso.

* * *

NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL AMERICANA, pelo major F. de Paula Cidade. — Escola Militar, Rio de Janeiro, 1934.

Grande estudioso de nossos assuntos historicos militares é o sr. major F. de Paula Cidade. Varias são as obras que, principalmente em separatas, nos ofereceu o ilustre militar.

Agora, em obra de grande folego, nos apresenta excelente estudo, a que intitula, modestamente, **notas**, com referencia à geografia militar da América do Sul.

Divide o major Cidade o seu substancioso trabalho em 617 parágrafos, que compõe os seguintes capitulos: O Terreno, A Água, O Clima, A Vegetação, Elementos Antropogeográficos. A América do Sul, As Guianas, Venezuela, Colombia, Equador, Perú, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai, Argentina, Geografia Historica, Recursos Economicos, Condições atuais dos transportes e suas consequências militares, Localização militar do país, Fronteiras.

Cada um desses capitulos é tratado com o maximo criterio e cuidado, apresentando-nos o A. preciosos dados, uti-

lissimos em particular a quantos se dedicam à carreira das armas e, mesmo, aos estudos militares do Brasil e da América do Sul, em geral.

“Notas de Geografia Militar Sul-Americana” é um livro que se não poderá dispensar, em se tratando de assuntos semelhantes.

REVISTAS

REVISTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO. — Rio de Janeiro, Ano I, Ns. 10, 11 e 12. — Continúa, nestes números a publicação da **Viagem ao Brasil**, de Spix e Martius, e a **Viagem filosófica**, de Alexandre Rodrigues Ferreira. Números fartamente ilustrados.

SENDEROS. — Bogotá (Colombia), Ano I, Ns. 2, 3 e 4, vol. I. — Muito bem cuidada, com ótima materia literaria e historica, e fartamente ilustrada, apresentam-se-nos estes números, especialmente o 4.º, da revista da Bibliotéca Nacional de Bogotá. E' seu diretor o sr. Daniel Samper Ortega.

BOLETIN DE HISTORIA Y ANTIGÜEDAES. — Organo de la Academia Colombiana de História, Vol. XX, Ns. 235 e 236, e vol XXI, Ns. 237-238. Diretor: Gustavo Otero Muñoz. Números cheios e sumamente interessantes.

REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA. — Rio de Janeiro, 2.º semestre de 1933, tomo XXXVIII. Comissão de redação: A. Sommier, C. Domingues, S. de Gusmão e S. F. de Abreu. — Como sempre, otimamente colaborada.

ARCHIVUM HISTORICUM SOCIETATIS IESU. — Roma, 2.º semestre de 1934. — Direção do “Collegio scriptorum de Historia S. I.” — Como os números anteriores, primorosamente cuidada e colaborada. Trás uma desenvolvida cronica bibliografica e critica de grande interesse.

GEOGRAPHICAL REVIEW, published by “The American Geographical Society of New York”, New York, april, july 1934. — Bem elaborados números com variada materia de estudos geograficos e historicos, fartamente ilustrados.

REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA. — Rio de Ja-

neiro, Ns. 149 e 150. — Como sempre, variados e otimamente colaborados esses números da veterana Revista academica.

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO DE ALAGOAS. — Vol. XVII, 1933. — Publica os seguintes artigos: "Calabar", por Moreno Brandão; "Um batismo postumo", por P. Fonseca; "Efemerides de Camaragibe", por F. Lima; "Simplificação ortografica", por P. Santiago; "Capela — Um inventario de 1813", pelo Dr. Manuel W. de Almeida; "O Pai da Filologia alagoana", por Aurino Maciel; "A espada do marechal Seára" — por M. Braga Ribeiro; General Alberto Lavenère Wanderley; discursos, relatorio e lista de socios.

BOLETIN DE LA SOCIEDAD GEOGRAFICA NACIONAL. — Tomo LXXIII, Ns. 7 a 11. — Madrid, 1933. — Sumamente interessante e cheios da mais util materia historico-geografica, estes números da revista da veterana "Sociedad de Geografia" de Madrid, que estão profusamente ilustrados.

TEMIS. — Revista scientifica e juridica dos academicos de direito. Pôrto Alegre, maio de 1934. — Ano I, N.º 1. — Direção e redação: Carlos A. Mendonça Lima, Nilton Costa e Paulo Setembrino, academico des direito.

RIO GRANDE FILATELICO. — Ano III, n.º 10, janeiro a março de 1934. — Orgão official de propriedade da "Sociedade Filatelica Rio-Grandense". — Como sempre cheio de interessante materia sobre filatelia e numismatica.

Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul

CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA SUL-RIOGRAN-
DENSE COMEMORATIVO DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DA
REVOLUÇÃO FARROUPILHA

20 a 28 de setembro de 1935

COMISSÃO DE HONRA

- O Exmo. Snr. Governador do Estado do Rio Grande do Sul.
- O Exmo. Snr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- O Exmo. Snr. Presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

COMISSÃO ORGANIZADORA DO CONGRESSO

A diretoria efetiva do Instituto.

MESA DO CONGRESSO

- O Exmo. Snr. Governador do Estado do Rio Grande do Sul,
Presidente honorário.

- O Exmo. Snr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, presidente efetivo.
- O Exmo. Snr. Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Vice-Presidente efetivo.
- O Exmo. Snr. Secretário Perpétuo do mesmo Instituto, Secretário efetivo.

REGULAMENTO DO CONGRESSO

Art. 1.º :

Na cidade de Pôrto Alegre, sob os auspícios do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em comemoração do Primeiro Centenário da Revolução Farroupilha, e nos dias 20 a 28 de setembro de 1935, realizar-se-á um Congresso de História e Geografia Sul-Riograndense.

Art. 2.º :

Os trabalhos do Congresso serão efetuados em lugar oportunamente designado.

Art. 3.º :

Serão considerados membros ex-offício os Institutos Históricos e Geográficos e as Sociedades de Geografia, existentes no país, que prestarem adesão até 15 de agosto de 1935.

Art. 4.º :

São considerados membros efetivos do Congresso:

- a) Os sócios de qualquer natureza, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, independente de ato de adesão.
- b) Os sócios dos Institutos Históricos e Geográficos, e das Sociedades de Geografia, existentes no país, que manifestarem sua adesão até 15 de agosto de 1935.

c) Em geral, os estudiosos da História e Geografia do país, que poderão concorrer com as suas Memórias, já publicadas ou escritas especialmente para o Congresso, nos termos que êste regulamento estabelece.

Art. 5.º :

Os estudiosos de História e Geografia não filiados a institutos ou sociedades congêneres nos seus vários aspectos, pagarão a taxa de 50\$000, com direito a um exemplar das publicações.

Art. 6.º :

Os congressistas têm direito a um exemplar do volume dos trabalhos do Congresso, publicado em seguida ao respectivo encerramento, mediante a taxa que for estabelecida.

Art. 7.º :

Os trabalhos do Congresso obedecerão a êste programa:

Dia 20 de setembro, às 5 horas da tarde: Sessão preparatória, para a organização da lista dos congressistas e verificação da presença dos mesmos. Relação das teses e Memórias apresentadas, e distribuição pelas Comissões. Às 9 horas da noite, sessão solene de instalação, com o discurso de abertura do Congresso, pelo Exmo. Snr. Presidente efetivo.

Dia 21, 22, 23 e 24 de setembro, sessões das Comissões, para o exame das teses e Memórias, e redação de pareceres.

Dias 25 e 27 de setembro, às 8 horas da noite, sessões plenas, para leitura e votação de pareceres, propostas, moções, etc.

Dia 28 de setembro, às 8 horas da noite, sessão solene de encerramento do Congresso, constando do discurso do Presidente efetivo e do relatório dos trabalhos pelo Secretário perpétuo do Instituto, e efetivo do Congresso.

Art. 8.º :

As sessões serão presididas pelo Presidente efetivo do Congresso.

As sessões das Comissões serão presididas pelo sócio escolhido para Relator.

Art. 9.º :

Exceptuadas as sessões das Comissões, todas as outras serão públicas, e poderão ser assistidas pelas pessoas interessadas nos assuntos nêles tratados, embora não tenham a qualidade de Congressistas.

Art. 10.º :

As discussões e discursos, as teses e Memórias, as indicações e moções serão feitas e redigidas em língua nacional.

Art. 11.º :

As comunicações, indicações, moções feitas verbalmente, não excederão de quinze minutos. Os oradores falarão uma só vez sobre cada assunto. Os relatores poderão falar mais uma vez, ao encerrar-se a discussão, por tempo não excedente de 10 minutos.

Art. 12.º :

As teses e Memórias serão apresentadas até 15 de agosto de 1935, impressas ou datilografadas, sendo de extensão não excedente a 50 páginas in 8.º as primeiras, e a 70 páginas as últimas. Deverão ser apresentadas em cinco exemplares, com assinatura autógrafa do autor.

Art. 13.º :

O Instituto não aprova nem condena as opiniões emitidas em teses e Memórias, cabendo a responsabilidade exclusivamente aos respectivos autores.

Art. 14.º :

Os congressistas terão voto em todas as deliberações.

Cada corporação representada no Congresso disporá de um único voto, qualquer que seja o número de seus representantes. O Presidente do Congresso terá voto em casos de empate, unicamente.

Art. 15.º :

É assegurada aos respectivos autores a propriedade literária das teses e Memórias apresentadas ao Congresso. Todavia êsses trabalhos serão incorporados e divulgados no volume a que se refere o artigo 6.º

Art. 16.º :

Simultâneamente com o Congresso poderá ser feita uma Exposição de autógrafos, retratos e objetos relativos a vultos ilustres da Revolução Farroupilha. A Exposição terá duração idêntica a do Congresso.

Art. 17.º :

Serão cunhadas medalhas comemorativas do Congresso, em ouro, prata e bronze.

Art. 18.º :

A comissão organizadora do Congresso, e depois a Mesa, suprirão quaisquer deficiências ou omissões dêste regulamento.

Toda a correspondência deverá ser assim endereçada:

“Ao Snr. Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”.

(Serviço do Congresso)

Museu do Estado. Rua Duque de Caxias, 1231
R. G. do Sul Pôrto Alegre

Pôrto Alegre, setembro de 1934

Francisco Rodolfo Simch
Presidente

Eduardo Duarte
Secretario perpétuo

PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA RIOGRANDENSE

TESES

SECÇÃO I.^a

A — Formação do Rio Grande do Sul.

I

Explorações da costa marítima. Fundação da Colônia do Sacramento. Fundação do Presídio do Rio Grande.

II

A Companhia de Jesús no Rio Grande do Sul. Incurções dos bandeirantes. Fundação das Missões Orientais. Penetrações e fixações de paulistas e lagunenses.

III

Definitiva descriminação do território. Tratados respectivos.

B — Formação étnica.

I

Estudos paleo-históricos (etnográficos e etnológicos).

II

Os indígenas. Divisões e localização. Usos e costumes das tribus. Avaliação da contribuição de sangue indígena.

III

O elemento negro. Procedências. Sua influência.

IV

O elemento branco. Portugueses: caracteres, hábitos, costumes, tradições. O contingente brasileiro, oriundo de outras Províncias. Correntes emigratórias. Procedências. Aspecto moral. Sua influência.

C — Formação social.

I

A estância. A charqueada. Histórico e influência.

II

O espírito militar. Origens; desenvolvimento; conseqüências.

III

Os trabalhos de campo. As festas riograndenses. As tradições religiosas.

SECÇÃO II

HISTÓRIA POLÍTICA

I

•Evolução do sentimento nacionalista. O 7 de se-

tembro e o 7 de abril no Rio Grande do Sul. O liberalismo riograndense até 1834.

II

A revolução farroupilha. Causas sociais, políticas e econômicas. Consequências.

III

Partidos políticos até 1889. Programas.

SECÇÃO III

HISTÓRIA MILITAR

I

A guerra das Missões. A invasão espanhola de 1763, até a reconquista. A conquista das Missões Orientais.

II

As lutas no Prata. A guerra do Paraguai.

III

A revolução farroupilha: aspecto militar.

SECÇÃO IV

ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA

I

Organização de governo. Comandância. Governo independente. Capitania. Província. Estado.

II

Evolução econômica.

SECÇÃO V

CIÊNCIA, LETRAS E ARTES

I

Evolução científica.

II

Evolução literária. Estudo geral sobre a instrução.

III

Evolução artística.

Pôrto Alegre, 27 de janeiro de 1934.

(ass.) João Maia.

Othelo Rosa.

Darcy Azambuja

ÍNDICE

————:O:————

O Diário de Antônio Vicente da Fentoura	3
Povoamento inicial do Rio Grande, pelo General Borges Fortes ..	123
Uma publicação clandestina	147
Nótulas Bibliográficas, por Walter Spalding	151
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul	157

GEOGRAFIA:

Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Dr. Antão de Faria.
Cel. Aurelio Porto.
Dr. Alcides Maya.

ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E PALEONTOLOGIA:

Dr. Alfredo Clemente Pinto
Dr. Leonardo Macedonia.
Prof. Jorge Bahlis.
Dr. Armando Dias de Azevedo.

FOLCLORE E LÍNGUA DOS INDÍGENAS:

Cel. Manoel de Faria Correia.
Prof. Valter Spalding.
Dr. Antão de Faria.
Dr. Darcy Azambuja.

ESTATUTOS E COMISSÃO DA REVISTA:

Dr. Adroaldo M. da Costa.
Coronel E. F. de Souza Doca.
Prof. Othelo Rosa.
Dr. Eduardo Duarte.

ADMISSÃO DE SÓCIOS:

Dr. Armando Dias de Azevedo.
Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Cel. Gaston Hasslocher Mazon
Dr. Eduardo Duarte.